

LUÍS GUILHERME COELHO BUCHIANERI

**VELOCIDADE E TÉDIO: O PARADOXO DA ADOLESCÊNCIA NO MUNDO
CONTEMPORÂNEO**

ASSIS

2012

LUÍS GUILHERME COELHO BUCHIANERI

**VELOCIDADE E TÉDIO: O PARADOXO DA ADOLESCÊNCIA NO MUNDO
CONTEMPORÂNEO**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e
Letras de Assis – UNESP – Universidade
Estadual Paulista, para a obtenção do título
de Doutor em Psicologia.

Área de conhecimento: Psicologia e
Sociedade
Orientador: Prof. Dr. José Sterza Justo

ASSIS

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Buchianeri, Luís Guilherme Coelho

B919v Velocidade e tédio: o paradoxo da adolescência no mundo contemporâneo / Luis Guilherme Coelho Buchianeri. Assis, 2012
119 f.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.
Orientador: Dr. José Sterza Justo

1. Tédio. 2. Psicologia do adolescente. 3. Trauma psíquico.
4. Ciência e civilização. I. Título.

CDD 155.5

*Dedico esse trabalho acadêmico ao meu pai, **Dr. Plácido Buchianeri Filho**, Engenheiro Agrônomo e Professor, que precocemente deixou este “Vale de Lágrimas”, mas injetou em mim os genes atormentados que buscam o saber. Em seus livros de cabeceira estavam, além da agronomia, a filosofia, a história, a política e os clássicos da literatura universal. Hoje, esses livros repousam pacientemente em minha estante, esperando ansiosamente o momento de serem novamente utilizados. Espero agora, terminada a Tese, não decepcioná-los.*

*O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.*

*Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma
vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender.*

(Alberto Caieiro. *O Guardador de Rebanhos*, XXIV, 13-3-1914)

*Dedico também este trabalho ao Professor
Livre-Docente José Sterza Justo, que me
indicou o caminho da desaprendizagem.....*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Professor Livre-Docente José Sterza Justo, pelas inestimáveis contribuições, pela paciência e pelo apoio. Posso hoje chamá-lo de irmão, pois, como dizem alguns escritores da pós-modernidade, a relação de irmãos na contemporaneidade não se compõe pelos laços sanguíneos e sim pelos laços afetivos.

Aos membros da Banca de Qualificação, agradeço a leitura atenta e as contribuições finais para melhoria do meu trabalho e, antecipadamente, à Banca da Defesa, por se prontificar a discutir e realizar a avaliação final.

A todos os mestres e professores que fizeram parte de minha formação acadêmica.

Aos colegas da FAMEMA – Faculdade Estadual de Medicina de Marília, aos colegas do Hospital Universitário de Marília e aos colegas do Hospital Regional de Assis, que me apoiaram e me ajudaram nos momentos em que necessitei.

Aos funcionários do Seção de Pós-Graduação da FCL- Assis, pelo auxílio nos trâmites institucionais, ao longo desse período.

Ao Rony Farto Pereira, pela cuidadosa revisão da Tese, e à Adriana Nobile de Almeida Toujeiro, pela versão do resumo para a língua inglesa.

A minha mãe, Maria José Souza Coelho Buchianeri, e à minha família, que me acompanhou e me apoiou, principalmente frente às adversidades surgidas nos anos de minha formação.

A minha filha Isabella Appendino Buchianeri, que soube entender os momentos de minha ausência e que me orgulha pela sua competência e humanidade, nos caminhos que cavalga pela sua formação médica.

Aos amigos que me acompanharam nessa jornada e a que, em muitos momentos, não pude dar a atenção necessária, mas que estiveram sempre presentes nos momentos em que necessitei. A vocês, minha gratidão...

BUCHIANERI, L. G. C. **Velocidade e tédio**: o paradoxo da adolescência no mundo contemporâneo. 2012. 119 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

Palavras Chave: 1. Tédio. 2. Psicologia do adolescente. 3. Trauma psíquico. 4. Ciência e civilização. I. Título.

RESUMO

O mundo hipercinético da atualidade toca profundamente a subjetividade, fazendo emergir na superfície da conduta formas de ser e agir típicas, resultantes de elaborações cognitivas, emocionais e afetivas, que processam a experiência de tal aceleração da vida e ampliação do espaço. Dentre as subjetivações da velocidade, no mundo contemporâneo, destacamos o tédio como uma das principais, ainda que ele esteja sendo confundido com a depressão, por manter com ela uma sintomatologia semelhante, embora seja bem distinto quanto à sua gênese e dinâmica psicológica. Neste trabalho, além das considerações acerca do tédio, na adolescência, há também reflexões a respeito da noção de trauma. O conceito de trauma, que foi tão útil e iluminador em tempos outros, já não possui o mesmo valor heurístico, porque os processos de subjetivação, na atualidade, não carregam, como outrora, as marcas de embates, contradições, conflitos ou choques brutais. O mundo atual não se funda mais na lógica do conflito e do confronto, como ocorreu com a modernidade do século XVIII até o final do século XX, e, apesar de ser um mundo supermovimentado e acelerado, por isso mesmo, potencialmente capaz de produzir colisões, desenvolve mecanismos de ordenação e controle das mobilidades extremamente sofisticados, evitando “acidentes de trânsito”, especialmente no plano do trânsito psicológico (emocional, afetivo, dos vínculos e relacionamentos). O mundo que admitia ou até cultuava o sacrifício e o sofrimento cedeu lugar para um mundo que cultua o prazer, a felicidade e a frivolidade da vida. Há uma tendência ao esmaecimento do trauma, para seu deslocamento como experiência fundante do sujeito e do mundo. Portanto, há uma reflexão a ser ponderada: o adolescente de hoje representaria o protótipo do sujeito *blasé* da atualidade, num tempo pós-traumático? Um sujeito sem marcas, sem história, que não tem mais os conflitos, sofrimentos, choques, os embates como cerne de sua constituição? Estará, então, o trauma, regido pelo princípio do conflito, norteador da modernidade clássica, do século XIX, em franco declínio na pós-modernidade? Ao longo desta pesquisa, é possível responder afirmativamente a todas essas questões, tomando como referência o tédio. O tédio seria um protesto silencioso contra o excesso, cuja exaustão e superficialidade produzem o vazio de sentido. Toma o caminho da analgesia, da neutralização, da indiferença, da atitude *blasée*, do desligamento como forma de protesto.

BUCHIANERI, L. G. C. **Speed and boredom: the paradox of adolescence in the contemporary world.** 2012. 119 f. Thesis (Doctorate in Psychology) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

Keywords: 1. Boredom. 2. Adolescent psychology. 3. Psychic trauma. 4. Science and civilization. I. Title.

ABSTRACT

The hyperkinetic world of today deeply touches the subjectivity, bringing out to the surface of the behavior typical forms of acting and being, resulting from cognitive, emotional and affective elaborations, which process the experience of such life and accelerating expansion of the space. Among the subjectivations of speed, in the contemporary world, we point out the boredom as one of the major. Although boredom is being confused with depression, for keeping with it similar symptoms, they are quite different as to their genesis and psychological dynamics. In this work, in addition to considerations about the boredom in adolescence, there are also considerations about the notion of trauma. The concept of trauma, so helpful and enlightening in other times, no longer has the same heuristic value, because the processes of subjectification, at present time, do not carry, as then, marks of struggle, contradictions, conflicts and brutal shock. The world today is no longer on the logic of conflict and confrontation, as it happened with the modernity of the eighteenth century until the late twentieth century. Moreover, despite being a super busy and fast-paced world, therefore, potentially able to produce collisions, develops mechanisms for ordering and control of highly sophisticated mobility, preventing "traffic accidents", especially in terms of psychological traffic (emotional, affective bonds and relationships). The world that worshiped or even admitted sacrifice and suffering has given way to a world that worships pleasure, happiness and frivolity of life. There is a tendency to weaken trauma to its displacement as founding experience of the individual and the world. So there is a reflection under consideration: today's teens represent the prototype of today's *blasé* individual, in a post-traumatic time? A person with no marks, no history, and who no longer has conflicts, suffering, shock, and struggles as the core of their constitution? Is then trauma, ruled by the principle of conflict, a guide of classical modernity, of the nineteenth century, in sharp decline in post-modernity? Throughout this search, you can answer yes to all these questions, taking as reference the boredom. Boredom would be a silent protest against the excess, whose exhaustion, and shallowness produce the emptiness of meaning. It takes the way to the analgesia, the neutralization, the indifference, and the *blasée* attitude, as a protest.

SUMÁRIO

Introdução.....	01
Capítulo 1	
Tédio, depressão e melancolia.....	09
1.1 Depressão e Melancolia.....	10
1.2 Tédio.....	27
Capítulo 2	
Mutações e o pós-humano: a construção da subjetividade do sujeito contemporâneo.....	37
2.1 Mutações e o mundo pós-humano.....	53
Capítulo 3	
Trauma contemporâneo: velocidade e tédio.....	62
3.1 As raízes da traumatologia psíquica.....	62
3.2 Desaceleração subjetiva e despotencialização do trauma na contemporaneidade.....	66
Capítulo 4	
Adolescência da modernidade à pós-modernidade.....	73
Capítulo 5	
Adolescência, tédio e contemporaneidade.....	90
Considerações finais	109
Referências.....	116

Introdução

É de consenso que vivemos um período no qual a sociedade e a cultura sofrem intensas mudanças e transformações de paradigmas e valores, que incidem poderosamente na subjetividade. Os desenvolvimentos tecnológicos e seus profundos impactos no cotidiano compõem uma faceta bem visível das metamorfoses da vida, na atualidade. Há, sem dúvida, uma mudança tecnológica acelerada, em que o tempo vai ganhando velocidade crescente. O surgimento de computadores cada vez mais velozes faz com que autores como Kurzweil (apud MANERA, 2007, p.5) afirmem que, por volta de 2042, o computador atingirá um estágio de desenvolvimento “mental” igual ao seu criador e será funcionalmente mais capaz do que o próprio homem, a ponto de torná-lo obsoleto. O físico Luiz Alberto Oliveira, pesquisador do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, faz uma estimativa de que, “[...] em 25 anos, os *chips* de computadores serão milhões de vezes mais poderosos que os atuais, tornando-se comparáveis em eficiência a setores do córtex humano” (OLIVEIRA, 2007, p.17-18).

Frente a essas projeções, a dúvida é saber se isso representará, ou não, um novo princípio dos tempos, e se faríamos parte de uma geração que estaria sofrendo uma grande mutação (NOVAES, 2008, p. 11). Na teoria evolucionista, a transformação da espécie humana se processa por movimentos graduais e progressivos em determinada direção, através de mecanismos adaptativos. Ainda conforme essa teoria, ocasionalmente, ocorreriam mutações, aleatoriamente ou mediante algumas mudanças bruscas decorrentes de conflitos bélicos, epidemias e catástrofes naturais. A mutação atual, no entanto,

seria mais contundente e decorrente do desenvolvimento tecnocientífico que, de acordo com Martins (1996), teria um fim em si mesmo, visando tão somente ao aprimoramento dos artefatos tecnológicos, desprezando as consequências do desenvolvimento tecnológico para o homem e deixando de tê-lo como referência.

Contudo, a mutação engendrada por esse desenvolvimento não se limita ao biológico. Olgária Matos refere-se também à mutação do tempo, no mundo contemporâneo. Segundo ela, o capitalismo produz carência, cria necessidades infinitas e valoriza os excessos (MATOS, 2007, p.12). O tempo de consumo, o tempo concreto, objetivo, é que determina o tempo interno. É um tempo pulsional e de satisfação imediata dos desejos. Vivemos a era da instantaneidade, na qual não há aguardo, não há espera: tudo se realiza imediatamente. Tudo acontece em “tempo real”, possibilitado pela máquina, sobretudo pela tecnologia digital, que permite o funcionamento do mundo na velocidade da luz. A subjetividade, propriamente dita, enquanto intervenção do homem no mundo, como mediação humana, elaborando e processando aquilo que o afeta, está sendo posta de lado, descartada, tida como morosa e imprecisa.

Quando refletimos a respeito da influência das bruscas mudanças do mundo contemporâneo sobre o mundo interno, observamos um paradoxo. A velocidade que, nos primórdios da modernidade, incitava à ação, à transformação, à rebeldia, à independência e à maturação, torna-se, hoje, paralisante, esvaziando-se de conteúdos, instalando nesse espaço um tempo

entediante. No mundo externo¹, a velocidade continua acelerando exponencialmente, paradoxalmente; no mundo interno, desacelera, tendendo a uma paralisia que não promove a angústia estruturante, todavia, que leva à agonia, à sensação de falta de futuro, à necessidade de preenchimento do tempo com conteúdos dados à imediatividade dos afetos, numa busca de concretude que impede a subjetivação. A aceleração da velocidade da vida colada ao mundo técnico-racional-capitalista² produz a desaceleração do sujeito, que não é mais solicitado a pensar, criar, descobrir alternativas de vida, mas tão somente a responder passivamente ao que esse mundo lhe solicita de produção e consumo. O que lhe resta, quando muito, é mimetizar formas de ser, prontas e acabadas, ofertadas no mercado global que significa hoje não apenas um mercado que cobre todo o planeta, mas que cobre todas as esferas da vida.

O resultado imediato que podemos observar, sobretudo nos jovens, em face dessa intensidade e variedade de estímulos inerentes às mutações de espaço e tempo, é a crescente falta de utopia, de sonhos, de um projeto de vida e de mundo (CARLISKY, 2000). Até mesmo a bandeira da ecologia, que poderia ser lembrada como um projeto universal, não deixa de transparecer, à semelhança do que prega a bíblia cristã, um temor do apocalipse, diante do

¹ Estamos utilizando os conceitos de *mundo externo* e *mundo interno*, porém, não de maneira dicotômica. Queremos apenas diferenciar o mundo construído pela racionalidade técnico-científica e pelas materialidades da sociedade de consumo do mundo que se desdobra na experiência dessas materialidades pelo sujeito, experiência essa que reinveste esse mesmo mundo num processo contínuo de retroalimentação.

² O que entendemos por *mundo técnico-racional-capitalista* é um mundo no qual o homem e a qualidade de vida deixaram de ser o objetivo principal e, no seu lugar, se coloca o avanço da tecnologia e a eficiência econômica concebida como acumulação de capital, como produtividade e lucratividade.

eclipse que se formou em relação à prospecção do futuro. Irrompe uma falta de sentido na vida, acompanhada por um esvaziamento do sujeito, uma sensação subjetiva que poderíamos denominar de tédio.

Na verdade, podemos observar que o tédio tem sido um relato cada vez mais frequente. Ele aparecia, antes do advento da modernidade e do romantismo, ligado aos religiosos, afastados dos afazeres mundanos, e aos nobres, em seu ócio nada criativo. Símbolo, até então, de *status*, locado nos espaços sociais privilegiados, o tédio, na cultura contemporânea, se espria por diversos setores, por diferentes estratos sociais. Na atualidade, as atitudes de recuo e desligamento dos objetos mundanos, os sentimentos de tristeza e a palidez da vida tendem a ser consideradas como depressão, aliás, tida como um dos grandes sintomas do nosso tempo. No entanto, ao que parece, muito do que se considera como depressão pode bem constituir manifestações do tédio derivadas das subjetivações da compressão do tempo, na atualidade.

Os jovens, enquanto atores formados no cenário da contemporaneidade são portadores privilegiados das tendências que aí se despontam. Sobre eles, incide radicalmente a experiência do tempo dado nos dias de hoje e as possibilidades de elaboração e resposta à crescente aceleração da vida, dentre outras condições dadas ao sujeito contemporâneo.

Neste trabalho, pretendemos pesquisar como as profundas modificações de um mundo em permanente mudança, no qual predomina a experiência da instantaneidade, decorrente da aceleração do tempo, age sobre a formação da subjetividade dos adolescentes, fazendo com que, paradoxalmente, vivenciem uma vida de baixa intensidade, desacelerados e entediados. Outro objetivo, embora secundário, é problematizar a centralidade da depressão enquanto

figura de subjetivação da atualidade. Diante do consenso que existe acerca da depressão, como um grande sintoma da atualidade, perguntamo-nos se muito do que é diagnosticado hoje como depressão não seria, de fato, manifestação do tédio. A tese propriamente dita, de nossa pesquisa, é relacionar a experiência de aceleração e volatilidade da vida com o tédio, portanto, apresentando-o como uma subjetividade típica do mundo atual.

Para levar adiante nossos objetivos, elegemos a ensaística como estratégia metodológica. Tomada no sentido comum, a palavra *ensaio* encerra uma grande polissemia. Pode significar uma preparação para uma apresentação posterior, tal como é utilizada no campo das artes cênicas ou da música; pode significar uma experiência prévia, uma prova preliminar, antes da realização de um evento ou de uma obra final; pode significar, ainda, um “esboço literário ou científico” (PRIBERAM, 2010). É neste último sentido que tomamos a palavra *ensaio*, para nomear nosso procedimento metodológico.

Como um ensaio científico, nossa pesquisa possui esse caráter de experiência enquanto uma tentativa, uma prova, uma ação arriscada, uma exploração, uma aventura por algo não inteiramente conhecido por nós. Possui também esse caráter do ensaio enquanto uma construção experimental que se vale do exercício intelectual, da sensibilidade e das vivências empíricas. Porém, há ainda outro componente do ensaio, tal como o entendemos e o usamos como recurso metodológico, em nosso trabalho de pesquisa. Trata-se da multiplicidade de suas fontes, do hibridismo de suas referências e da intertextualidade que o compõe. Sibilia (2003, p.21) não titubeia em tomar o ensaio como uma possibilidade metodológica, na pesquisa científica. Para ela, o ensaio é

[...] uma escrita diletante, que se abre aos labirintos intertextuais para beber das fontes mais diversas: papers acadêmicos e textos filosóficos, filmes documentários e de ficção, anúncios publicitários, romances clássicos, exposições e performances, artigos de revistas e jornais, poesias, manuais técnicos e de divulgação científica, contos fantásticos, pinturas, livros teóricos e páginas da Internet. (SIBILIA, 2003, p.21).

Não pretendemos ir tão longe na forma ensaística, buscando tantas fontes, como as enumeradas pela autora. Num leque bem menor, utilizaremos os trabalhos de autores do campo da Filosofia, da Sociologia, da Psicologia, da Psicanálise e da Psiquiatria; notícias de jornal; letras de músicas e nossa experiência de trabalho com atendimentos psicológico e psiquiátrico de adolescentes, para compor nossas reflexões sobre as relações entre a velocidade e o tédio. Mesmo com um leque menor de fontes, não tivemos igualmente a pretensão de esgotá-las. Tão somente selecionamos das fontes bibliográficas, da mídia, de letras de músicas e da nossa experiência clínica aqueles materiais que nos pareceram mais significativos para explorar as conexões possíveis entre velocidade e tédio, na contemporaneidade.

A seleção de fontes que vão ao encontro da tese que se procura defender, num trabalho de pesquisa, seguramente é um procedimento desqualificado como não científico, por aqueles que entendem como prerrogativa do método científico a isenção total do pesquisador na condução da investigação ou a necessidade da suspensão de qualquer juízo prévio, inclusive aqueles decorrentes de indicações teóricas, diante do fenômeno a ser investigado.

De nossa parte, tendo em vista o manancial de discussões e mudanças paradigmáticas na ciência, conforme assinala Boaventura (2001), dentre tantos

outros renomados autores, consideramos que o essencial no método científico, a despeito das nomenclaturas que se queira dar às diversas variantes, é a explicitação do percurso realizado na pesquisa, dos referenciais utilizados, dos instrumentos, procedimentos e demais recursos empregados pelo pesquisador para fundamentar suas teses e argumentos.

Portanto, segundo acreditamos, o que difere o conhecimento e o método científico, de outras formas de produção de conhecimento, é que na ciência se exige a explicitação do que foi feito, com a correspondente fundamentação epistemológica.

Nosso percurso teórico se inicia no Capítulo 1 – **Tédio, depressão e melancolia**, com uma compreensão do significado de tédio, delimitando seu conceito e diferenciando-o dos conceitos de depressão e melancolia. No capítulo 2 – **Mutações e o pós-humano** –, pretendemos estudar como está se constituindo a subjetividade do sujeito contemporâneo, tendo como balizamento de nosso estudo o sujeito moderno e o que chamaremos de *sujeito pós-moderno*; estaremos também refletindo sobre as rápidas e profundas mudanças que estão ocorrendo nos diversos setores da vida social, as quais alguns autores chamam de mutação. Apesar de não ser o objetivo de nossa pesquisa, achamos pertinente uma breve reflexão sobre o pós-humano, pois é um tema intimamente ligado às mutações, aceleração do tempo e obsolescência do homem. No Capítulo 3 – **Trauma contemporâneo: velocidade e tédio**, analisaremos como as transformações ou mutações do mundo contemporâneo, pós-moderno ou pós-humano intensificam e aceleram o mundo externo e, paradoxalmente, desaceleram o mundo interno. Para isso,

faremos uma reflexão sobre o sujeito pós-traumático. Já no Capítulo 4 – **Adolescência da modernidade à pós-modernidade**, faremos um exame das concepções de adolescência que surgem, a partir da modernidade, e suas modificações com as novas configurações de mundo, na atualidade. No Capítulo 5 – **Adolescência, tédio e contemporaneidade**, procuraremos mostrar que o adolescente enfastiado, despontecializado, que não consegue acompanhar o ritmo frenético e acelerado do mundo atual, parece não ser um fenômeno circunscrito a determinadas regiões do planeta, mas um fenômeno globalizado. Por fim, nas **Considerações finais**, procuramos salientar as estreitas conexões entre o tédio e velocidade, no contemporâneo.

CAPÍTULO 1

TÉDIO, DEPRESSÃO E MELANCOLIA

Na tentativa de conceituar o *tédio*, é útil relacioná-lo com dois outros conceitos: o de depressão e o de melancolia. Todos se referem a fenômenos muito parecidos e podem até ser confundidos. Por isso mesmo, merecem uma abordagem conjunta.

Ao nos lançarmos à busca de uma conceitualização dos termos *tédio*, *depressão* e *melancolia*, que, num primeiro momento, pode parecer uma empreita fácil, submergimos num mundo teórico elíptico, no qual não conseguimos fechar um círculo de conhecimentos. Somos levados a refletir sobre a frase de Milcho Manchevski – “O círculo não é redondo” – que aparece no início de seu filme *Before the Rain* (1994), traduzido para o português como *Antes da Chuva*, ou seja, por mais que tentemos fechar um círculo de conhecimento, no qual haja um consenso de definições, mais elíptico se torna, levando-nos a um labirinto conceitual sem fim e sem saída.

Todavia, vamos caminhar nessa incerta tentativa de uma diferenciação, pelo menos para que possamos dar sentido ao que pretendemos pesquisar. Na filosofia e na literatura, não encontramos grandes dificuldades em conceituar *tédio* e diferenciá-lo dos conceitos de *melancolia* e *depressão*, entretanto, temos observado, em alguns autores contemporâneos, principalmente na Psiquiatria e Psicanálise, a sobreposição dessas definições. *Tédio*, *depressão* e *melancolia* ora nos são apresentados com claras definições, ora se confundem em conceitos inacabados. Não é nosso objetivo realizar, em nossa pesquisa, um estudo mais aprofundado de cada um desses termos, mas é

fundamental que possamos delimitá-los, sem contudo promovermos uma compartimentalização, uma vez que os próprios sinais e sintomas, ou seja, a semiologia envolvida em cada uma dessas definições, podem tanto se diferenciar como podem também se complementar.

1.1 - Depressão e Melancolia

No estudo da *melancolia*, o sentimento inconsciente de culpa, o lamento associado à experiência da perda do objeto amoroso, a percepção da importância do objeto e o desejo de reavê-lo, assim como a consequente incriminalização, culpabilização voltada para a perda, permaneceu sob investigação ao longo da obra freudiana, desde a última década do século XIX, originando conceitos fundamentais e paradigmáticos para a Psicanálise freudiana e para os autores pós-freudianos.

Indo além de Freud, na etimologia da palavra, verificamos que o termo *melancolia* é utilizado desde a Antiguidade nas diversas áreas do conhecimento, para designar um sentimento caracterizado pelo humor sombrio, uma tristeza profunda, um estado depressivo, manifestações de ansiedade, medo e desânimo, que podem evoluir para estados delirantes. O termo, originado na teoria dos humores de Hipócrates, é derivado do grego *melas* (negro) e *kholé* (bile), pois se atribuía ao baço (*spleen*), órgão excretor da “bile negra”, as alterações de humor características dos estados melancólicos.

Para Hipócrates, a vida seria mantida pelo equilíbrio dos quatro humores: o sanguíneo (relacionado com o coração), o fleumático (ligado ao

sistema respiratório), a bile negra (melancólico, relacionado com o baço) e a bile amarela (colérico, associado ao fígado). Ele descreve o estado humoral melancólico como um ânimo entristecido, sentimento de um abismo infinito, extinção do desejo e da fala, estado de apatia, letargia, seguida de exaltação, além de atração irresistível pela morte, pelas ruínas, pela nostalgia e pelo luto. A melancolia poderia também diluir-se com outros humores e caminhar de mãos dadas com a euforia, a alegria e o riso do humor sanguíneo, com a inércia do humor fleumático e com o humor raivoso, colérico, e, através dessas misturas, portanto, ele afirmaria sua presença em todas as formas de expressão humana. Daí nasceria a ideia da alternância cíclica entre um estado e outro (mania e depressão), características da nosologia psiquiátrica moderna.

É de consenso, entre os autores que escrevem sobre a depressão e a melancolia, que o sentimento depressivo e melancólico se relaciona com a perda de um objeto amado ou de um ideal não alcançado. Roudinesco e Plon (1998) descrevem essa relação historicamente, já a partir dos gregos:

Desde a descrição de Homero sobre a tristeza de Belerofonte, herói perseguido pelo ódio dos Deuses por ter querido escalar os céus, até a teorização do “espírito melancólico” por Aristóteles, passando pelo relato mítico de Hipócrates sobre demócrito, o filósofo “louco” que ria de tudo e dissecava os animais para neles encontrar a causa da melancolia no mundo, essa forma de deploração perpétua sempre foi, ao mesmo tempo, a expressão mais incandescente de uma rebeldia do pensamento e a manifestação mais extrema de um *desejo de auto-aniquilamento, ligado a perda de um ideal*. Daí a ideia de Erwin Panofsky (1892-1968), de que a história da melancolia seria a história de uma transferência permanente entre o campo da doença e do espírito que contaria a intensa e sombria irradiação do sujeito da civilização às voltas com a deficiência de seu desejo. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 505, grifo nosso).

Segundo Roudinesco e Plon (1998), cada época construiu sua própria representação da doença. O filósofo Robert Burton (1577-1640), em 1621

escreve *Anatomy of Melancholy*, uma versão canônica de uma nova concepção da melancolia, já introduzida nos costumes e o médico inglês Thomas Willis (1621-1675) foi o primeiro, no século XVII, a aproximar a mania da melancolia para definir o ciclo maníaco-depressivo. Desde a Idade Média, com efeito, o termo tornou-se sinônimo de uma tristeza sem causa, e a antiga doutrina dos humores foi progressivamente substituída por uma causalidade existencial.

No fim do século XVIII, às vésperas da Revolução Francesa, a melancolia surgiu como o grande sintoma do tédio, mas, com a instauração do saber psiquiátrico, no século XIX, a melancolia começa a se distanciar dos conceitos relacionados ao tédio e se inscreve na nosologia psiquiátrica, através de Jean-Étienne Esquirol (1722-1840), Jean-Pierre Falret (1794-1870) e Emil Kraepelin (1856-1926), que, no final do século XIX, define a psicose maníaco-depressiva.

De acordo com Roudinesco e Plon (1998), Sigmund Freud renuncia a aproximar a mania da depressão descrita na nosologia psiquiátrica, preferindo revigorar a antiga definição da melancolia, não como doença, mas como um destino subjetivo. Aproxima a melancolia do luto e, com a publicação do texto *Luto e melancolia*, faz do termo *melancolia* uma forma patológica do luto. Para ele, no trabalho de luto, o sujeito consegue desligar-se progressivamente do objeto perdido; na melancolia, ao contrário, ele se supõe culpado pela morte acontecida, nega-se e se julga possuído pelo morto ou pela doença que acarretou sua morte. “Em suma o eu se identifica com o objeto perdido, a ponto dele mesmo se perder no desespero infinito de um nada irremediável” (p. 507).

Roudinesco e Plon (1998) utilizam o termo *depressão* como uma forma atenuada da melancolia, afirmando que, no final do século XX, a depressão “[...] parece ser a marca de um fracasso do paradigma da revolta, num mundo desprovido de ideais e dominado por uma poderosa tecnologia farmacológica, muito eficaz no plano terapêutico” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 507). O paradigma da revolta, a que se referem Roudinesco e Plon, seria uma espécie do equivalente da histeria, definida por Jean Martin Charcot, como uma revolta do corpo feminino à opressão patriarcal. A depressão estaria então relacionada à perda de um ideal em um mundo desprovido de utopias, aproximando-se talvez do conceito de tédio.

Como é de conhecimento, tanto o luto quanto a melancolia são estados responsivos às perdas, todavia, para a Psicanálise, há um dado invariável na estrutura melancólica descrita por Freud, que reside na incapacidade permanente do sujeito, dominado pela culpa, de elaborar o luto pelo objeto perdido.

Teixeira (2007), ao estudar as ideias de Freud, resume com clareza os conceitos psicanalíticos sobre o luto e a melancolia. No luto, diante da perda de algo ou alguém que amamos e admiramos, instala-se um processo de penoso sofrimento e é necessário um tempo de elaboração psíquica da perda, um tempo para a pessoa desvincular-se psiquicamente do objeto amoroso. Em princípio, há um sentimento de empobrecimento do mundo, uma sensação de vazio. Esse tempo de elaboração é um tempo necessário para o desinvestimento psíquico no objeto amado. É necessário que o investimento libidinal seja retirado do objeto e direcionado para outro. É o *trabalho de luto*, um trabalho lento, gradual e penoso, pois é necessário aceitar que o objeto

amado deixou de existir, na realidade, e a retirada dos investimentos pulsionais das representações ligadas àquele objeto é necessária para a elaboração do luto. Quando a realidade prevalece, o sujeito renuncia ao laço afetivo, aniquilando o vínculo com o objeto, encerrando o processo de luto, deixando o ego livre e desinibido para vincular-se a outro objeto.

A melancolia difere do luto pela intensa redução da autoestima, expressando-se em autorrecriminações e autoenvilecimento, pela dificuldade em perceber o que foi perdido. Se, no luto, as perdas são relativas ao objeto externo, na melancolia, a perda está relacionada ao Ego: “[...] as autorecriminações são recriminações dirigidas ao objeto amado, as quais foram retiradas desse objeto e desviadas para o próprio Eu” (FREUD, 1971 [1915], p.108.). Se, no luto, a libido é retirada gradualmente do objeto perdido e deslocada para outro objeto, na melancolia, é retirada do objeto e investida no próprio Ego:

A libido liberada, em vez de ser transferida a outro objeto foi recolhida para dentro do Eu. Lá essa libido não foi utilizada para outra função qualquer, e sim para produzir uma *identificação* do Eu com o objeto abandonado. Assim a sombra do objeto recai sobre o Eu. (FREUD, 1927 [1915], p. 108).

Quinodoz (2007), trabalhando com conceitos psicanalíticos, utiliza o termo *depressão* como sinônimo de melancolia, ao afirmar que, em *Luto e Melancolia*, Freud se referia às reações do indivíduo frente a uma perda real ou uma decepção vinda de uma pessoa amada ou perda de um ideal: “[...] por que certas pessoas reagem com um afeto de luto que será superado depois de algum tempo, enquanto outras sucumbem em um estado depressivo?” (QUINODOZ, 2007, p.166). Em seguida, citando autores freudianos, procura distinguir os conceitos: “Esclareço que na época de Freud, denomina-se

melancolia o que hoje é chamado de depressão, enquanto o termo melancolia é reservado à sua forma grave, psicótica (M. Bonaparte, A. Freud, E. Kris, 1956; J.Stranche,1957; Laplanche,1980)” (QUINODOZ, 2007, p. 167).

A seguir, a partir dos conceitos freudianos, Quinodoz (2007) define o luto normal, no qual o processo de luto se situa no nível consciente, e o luto patológico ou melancolia, em que o processo se situa no nível inconsciente.

O luto normal e o luto patológico têm em comum uma inibição e uma ausência de interesse que se explicam pelo trabalho do luto que absorve o ego. [...] No luto patológico, é a aversão do doente em relação ao seu próprio ego que aparece em primeiro plano sob a forma de auto-recriminações e de autodepreciação. (QUINODOZ, 2007, p. 167).

Em caso de perda do objeto, a diferença fundamental entre o luto normal e a melancolia é a mudança na direção do investimento da libido: no luto normal, o sujeito é capaz de renunciar ao objeto perdido e de retirar sua libido, substituindo-o por um novo objeto, enquanto, na melancolia, o sujeito não retira sua libido do objeto perdido, seu ego une-se em fantasia a ele, para não se separar dele. Dessa maneira, a perda do objeto se transforma na perda do ego, explicando assim o desinteresse do melancólico pelo mundo externo, uma preocupação e culpabilização, levando-o a autorrecriminações.

Ainda dentro de conceitos psicanalíticos, Melanie Klein elaborou a noção de “posição depressiva” (Klein, 1969), fazendo uma derivação com base nos estudos de Freud sobre luto e melancolia, caracterizando a posição depressiva como um modo de enfrentamento da experiência de perda de objetos psicologicamente significativos, baseado sobretudo em defesas, construído num contexto de percepção da extrema dependência do sujeito em relação ao mundo, especialmente quanto, justamente, aos objetivos pedidos. A

culpabilização, para Klein, seria um segundo estágio da ansiedade depressiva, quando emergiria a autorresponsabilização ou autoacusação pela perda do objeto amado, tido como imprescindível para a vida, em função do reconhecimento da dependência extrema. Essa extrema dependência, por sua vez, é potencializada pelo trágico reconhecimento da diferenciação sujeito/objeto quando, então, o psiquismo rompe com o narcisismo primário e se dá conta de que existe um mundo, existe um outro independente do sujeito e que, doravante, não estará mais sempre ao seu inteiro dispor. É na deflagração da culpa pela perda que se instaura propriamente o estado melancólico, que já não é tão somente um pesar diante da perda e um profundo exame de suas consequências, mas, sim, um estado psíquico no qual predomina uma exigência de castigo que, na sua forma mais primitiva, clama por um mesmo destino ou sofrimento do sujeito que julga ter provocado no objeto perdido. Na perspectiva kleiniana, a melancolia se caracteriza como uma defesa contra a culpabilização pela perda atribuída aos impulsos destrutivos do próprio sujeito, defesa que busca a reparação pela via da submissão do sujeito ao castigo do sofrimento que julga ter causado no objeto amado – a reparação melancólica. No extremo das vicissitudes da melancolia estaria a disposição suicida.

Autores, como E. M. R. Barros, A. Dantas, E. L. R. Barros (apud BENY, 2001, p. 92), procuram um elo entre Psiquiatria e Psicanálise e, dentro da perspectiva psicanalítica, definem a depressão como o resultado final da dificuldade de elaboração, por parte do aparelho psíquico, da ansiedade depressiva. Abre-se aqui uma polêmica, pois relacionam a depressão ao estado esquizoparanoide de Melanie Klein. Eles se baseiam nas duas

principais correntes que predominam nas concepções contemporâneas da Psicanálise, em relação à teoria da depressão, a saber: a concepção freudiana e a concepção kleiniana. Com base nessas duas correntes, tentam descrever o que seria um processo marcado por uma forma peculiar de organização da experiência emocional, em que é central a dificuldade de atribuir significado às angústias relacionadas à perda, num sentido amplo, incapacitando o *self* de preservar a integridade de suas relações e sua capacidade de reinvestimento.

Na perspectiva freudiana, relacionam a depressão com os aspectos descritos por Freud e já citados anteriormente. Na perspectiva kleiniana, afirmam que as relações de objeto são definidas por duas *posições*: a *posição esquizoparanoide* e a *posição depressiva*. A posição esquizoparanoide caracteriza-se por uma ansiedade relativa à sobrevivência do objeto diante de perseguidores que o ameaçam, e as defesas usadas são de caráter “esquizoide”, seja cindindo e projetando, para manter os “objetos bons” distantes e a salvo dos “objetos maus” (destrutivos), seja negando a persecutoriedade, através de um processo de destituição de afetos. A posição depressiva caracteriza-se por uma ansiedade relativa a uma preocupação com a sobrevivência dos objetos de amor à própria agressividade. Nessa posição, são produzidos “afetos depressivos” que ainda não constituem de nenhum modo a depressão definida pela Psiquiatria. A depressão, sob o prisma psiquiátrico, seria a dificuldade crônica de elaboração desses “afetos depressivos” que mantêm o indivíduo permanentemente na posição esquizoparanoide, por usar defesas que têm por objetivo eliminar a dor mental, projetando-a, depois de cindir os afetos correspondentes. Portanto, as denominações esquizoparanoide e depressiva não se referem às concepções

psiquiátricas, já que a doença depressiva definida na clínica de Psiquiatria é típica de fenômenos esquizoparanoides e não depressivos.

A Psiquiatria estabelece uma diferenciação entre as definições de depressão e de melancolia. Para ela, o termo *depressão* assume diferentes formas e pode significar desde um *estado afetivo normal*, um *sintoma*, uma *síndrome*, até uma *doença depressiva*. Já a melancolia se distingue da depressão não somente pela intensidade dos sintomas, como diversos autores da Psicologia e da Psicanálise pontuam, mas também por conter em sua gênese um forte caráter biológico, ligado à resposta terapêutica medicamentosa, fatores genéticos, alterações bioquímicas e morfológicas cerebrais.

Diz-se frequentemente que a pessoa está deprimida em função de uma situação de perda de um ente querido, um emprego, ou qualquer outra situação que produza tristeza. Na maioria das vezes, é um sentimento compreensível, *normal*, um estado de tristeza que não será foco de uma intervenção médica mais profunda.

Enquanto *sintoma*, a depressão pode surgir nos mais variados quadros clínicos, nas diferentes especialidades médicas, como, por exemplo, na Clínica Médica em face de doenças como diabetes, doenças cardíacas; na Neurologia, como nas neuropatias, nas demências; na Psiquiatria, como nas esquizofrenias, alcoolismo ou como resposta a situações estressantes da vida cotidiana. Seria uma alteração do humor secundária a uma patologia de base e que tende a cessar com a melhora do quadro clínico ou suprimido o fator causador do estresse.

A *síndrome depressiva* pressupõe tanto as alterações de humor quanto uma gama de outros aspectos, incluindo alterações cognitivas, psicomotoras e vegetativas, como alterações de sono e de apetite, tendo igualmente fatores causais nas patologias clínicas e da vida cotidiana, porém, que não se enquadram nos critérios diagnósticos para depressão maior ou depressão classificada como *doença*. A depressão enquanto *doença* encontra-se contemplada nos manuais classificatórios dos transtornos mentais da Associação Americana de Psiquiatria (DSM-IV) e Organização Mundial de Saúde (CID-10), de que temos como exemplos o transtorno depressivo maior, a distímia, a depressão integrante do transtorno afetivo bipolar I e II, a depressão recorrente etc.

Na psicopatologia da depressão, a Psiquiatria recomenda como válida a existência de *três sintomas depressivos básicos*, os quais dão origem a variadíssimas manifestações de sintomas. Essa tríade da depressão seria: *sofrimento moral* (autoestima baixa, sentimento de desvalia), *inibição global* (apatia e desinteresse) e *estreitamento vivencial* (perda de prazer).

Del Porto (apud LAFER, 2001) faz uma descrição clínica, a partir das definições de Jean-Pierre Falret (1794-1870), Emil Kraepelin (1856-1926) e Eugen Bleuler (1857-1939), dos aspectos gerais envolvidos nos conceitos de depressão e de melancolia, enumerando e definindo os sintomas clínicos, subdividindo-os em sintomas psíquicos, sintomas fisiológicos, evidências comportamentais e alterações dos ritmos circadianos. Pela concretude que adquirem os sintomas psíquicos, quando utilizados na prática médica, ao se referirem a diagnósticos da clínica psiquiátrica, resolvemos literalmente transcrevê-los:

Sintomas Psíquicos:

- *Humor depressivo*: sensação de tristeza, autodesvalorização e sentimentos de culpa. Os pacientes costumam aludir ao sentimento de que tudo lhes parece fútil, ou sem real importância. Acreditam que perderam, de forma irreversível, a capacidade de sentir alegria ou prazer na vida. Tudo lhes parece vazio e sem graça, o mundo é visto "sem cores", sem matizes de alegria. Em crianças e adolescentes, sobretudo, o humor pode ser irritável, ou "rabugento", ao invés de triste. Certos pacientes mostram-se antes "apáticos" do que tristes, referindo-se muitas vezes ao "sentimento da falta de sentimentos". Constatam, por exemplo, já não se emocionarem com a chegada dos netos, ou com o sofrimento de um ente querido, e assim por diante. O deprimido, com freqüência, julga-se um peso para os familiares e amigos, muitas vezes invocando a morte para aliviar os que o assistem na doença. São freqüentes e temíveis as idéias de suicídio. As motivações para o suicídio incluem distorções cognitivas (perceber quaisquer dificuldades como obstáculos definitivos e intransponíveis, tendência a superestimar as perdas sofridas) e ainda o intenso desejo de pôr fim a um estado emocional extremamente penoso e tido como interminável. Outros ainda buscam a morte como forma de expiar suas supostas culpas. Os pensamentos de suicídio variam desde o remoto desejo de estar simplesmente morto, até planos minuciosos de se matar (estabelecendo o modo, o momento e o lugar para o ato). Os pensamentos relativos à morte devem ser sistematicamente investigados, uma vez que essa conduta poderá prevenir atos suicidas, dando ensejo ao doente de se expressar a respeito.
- *Redução da capacidade de experimentar prazer na maior parte das atividades, antes consideradas como agradáveis*. As pessoas deprimidas podem relatar que já não se interessam pelos seus passatempos prediletos. As atividades sociais são freqüentemente negligenciadas, e tudo lhes parece agora ter o peso de terríveis "obrigações".
- *Fadiga ou sensação de perda de energia*. A pessoa pode relatar fadiga persistente, mesmo sem esforço físico, e as tarefas mais leves parecem exigir esforço substancial. Lentifica-se o tempo para a execução das tarefas.
- *Diminuição da capacidade de pensar, de se concentrar ou de tomar decisões*. Decisões antes quase automáticas parecem agora custar esforços intransponíveis. Um paciente pode se demorar indefinidamente para terminar um simples relatório, pela incapacidade em escolher as palavras adequadas. O curso do pensamento pode estar notavelmente lentificado. Professores experientes queixam-se de não conseguir preparar as aulas mais rotineiras; programadores de computadores pedem para ser substituídos pela atual "incompetência"; crianças e adolescentes têm queda em seus rendimentos escolares, geralmente em função da fatigabilidade e déficit de atenção, além do desinteresse generalizado.

Sintomas fisiológicos

- *alterações do sono* (mais freqüentemente insônia, podendo ocorrer também hipersonolência). A insônia é, mais tipicamente, intermediária (acordar no meio da noite, com dificuldades para voltar a conciliar o sono), ou terminal (acordar mais precocemente pela manhã). Pode também ocorrer insônia inicial. Com menor freqüência, mas não raramente, os indivíduos podem se queixar de sonolência excessiva, mesmo durante as horas do dia.
- *alterações do apetite* (mais comumente perda do apetite, podendo ocorrer também aumento do apetite). Muitas vezes a pessoa precisa esforçar-se para comer, ou ser ajudada por terceiros a se alimentar.

As crianças podem, pela inapetência, não ter o esperado ganho de peso no tempo correspondente. Algumas formas específicas de depressão são acompanhadas de aumento do apetite, que se mostra caracteristicamente aguçado por carboidratos e doces.

- *redução do interesse sexual*

Evidências comportamentais

- *retraimento social*
- *crises de choro*
- *comportamentos suicidas*
- *Retardo psicomotor e lentificação generalizada, ou agitação psicomotora.* Frequentemente os pacientes se referem à sensação de peso nos membros, ou ao "manto de chumbo" que parecem estar carregando. Deve-se ainda lembrar, no diagnóstico das depressões, que algumas vezes o quadro mais típico pode ser mascarado por queixas proeminentes de dor crônica (cefaléia, dores vagas no tórax, abdome, ombros, região lombar, etc.). A ansiedade está frequentemente associada. Em idosos, principalmente, as queixas de caráter hipocondríaco costumam ser muito comuns.

Alterações dos ritmos circadianos

Muitas funções circadianas encontram-se alteradas nas depressões, a exemplo da regulação da temperatura e do ritmo de produção do cortisol. Entre as alterações mais conspícuas estão aquelas relacionadas ao ritmo do sono. Segundo Akiskal,⁶ cerca de dois terços dos pacientes deprimidos têm diminuição da latência para o início do sono REM ("*Rapid Eyes Movements*"). As formas ditas "melancólicas" da depressão caracterizam-se, entre outros aspectos, pela piora matinal e pelo despertar precoce pela manhã.

Melancolia:

O termo melancolia tem sido empregado, nas atuais classificações psiquiátricas (como o DSM IV), para designar o subtipo anteriormente chamado de "endógeno", "vital", "biológico", "somático" ou "endogenomorfo" de depressão. Considerado por muitos psiquiatras como o "protótipo" ou síndrome nuclear das depressões, para eles, "a melancolia – ao contrário de outras formas de depressão – parece constituir-se em um grupo mais homogêneo, que responde melhor a tratamentos biológicos, e para o qual os fatores genéticos seriam os principais determinantes". (DEL PORTO, apud LAFER, 2001, p. 21-23).

Podemos notar que, na nosologia psiquiátrica, inserem-se os conceitos psicanalíticos associados à perda do objeto e culpabilização, mas se esvaecem de significado, permanecendo como um codjuvante no desencadeamento dos sintomas ligados à sensação subjetiva do estado depressivo e melancólico, adquirindo conteúdos próprios de observação fenomenológica e biológica, com um *continuum* de sintomas que trafegam nos três vértices de um triângulo,

tendo em um deles o tédio, que procuraremos definir nas páginas posteriores, ao passo que, nos outros dois, o luto e a melancolia.

Ao escrever sobre depressão na contemporaneidade, fazendo uma crítica à medicalização na prática psiquiátrica e pontuando a importância do estado depressivo para a reflexão e a criatividade, Kehl (apud NOVAES, 2008) não se preocupa em diferenciar os conceitos de tédio, depressão e melancolia, fundindo conceitos filosóficos, psicanalíticos e psiquiátricos.

Em seu texto publicado no livro *Mutações – ensaios sobre as novas configurações do mundo* (apud NOVAES, 2008), Kehl faz uma clara aproximação da depressão com os conceitos psicanalíticos utilizados na construção da subjetividade, ao afirmar que a “[...] depressão é uma marca humana porque remete à experiência inaugural do psiquismo” (apud NOVAES, 2008, p.295), e descreve o vazio das fases mais primitivas da formação do psiquismo como um núcleo de depressão:

O psiquismo, acontecimento que acompanha toda a vida humana sem se localizar em nenhum lugar do corpo, resulta de um trabalho de representação contra um fundo vazio que poderíamos chamar, metaforicamente, de um núcleo de depressão. O núcleo de nada onde há de emergir um sujeito capaz de simbolizar o objeto que lhe falta. (KEHL, apud NOVAES, 2008, p. 295).

Nesse mesmo texto, ao fazer uma crítica ao uso de antidepressivos e à indústria farmacêutica, aproxima o conceito de depressão ao conceito de *spleen*:

A depressão, forma contemporânea de *Spleen*, tão em voga em nossos dias como foi a histeria nos tempos de Freud, é uma expressão da dor psíquica que desafia todas as pretensões da ciência em programar a vida humana na direção de uma otimização de resultados. (KEHL, apud NOVAES, 2008, p. 295).

Em outra publicação, a autora define *spleen* como sendo uma aproximação da melancolia renascentista:

A melancolia renascentista, é importante dizer, tem pelo menos parentesco com a melancolia freudiana do que com o spleen que nos transmitem certos cães e certas gentes – suspirosos, pensativos, resignados à espera de um afago, de uma ordem ou sabe-se-lá o que. À espera de um sinal do Outro que lhe indique o desejo a que ele possa responder. (KEHL, 2009, p. 17).

Como vimos acima, Kehl assinala a importância da depressão como núcleo da formação do psiquismo, também correlacionando a depressão contemporânea com o conceito de *spleen*, que seria a melancolia renascentista; assim, afasta-se dos conceitos psiquiátricos de depressão.

Donald W. Winnicott, médico pediatra e psicanalista britânico, que começou sua formação psicanalítica com uma forte influência kleiniana, como podemos ver em seus textos iniciais, posteriormente, distancia-se da linguagem kleiniana, desenvolvendo uma linguagem própria, original e sempre afirmando ser a metapsicologia freudiana a principal inspiradora de seus conceitos. Ele utiliza a palavra “depressão” nos mais variados contextos, com diversos enfoques e muitas vezes de maneira contraditória. As definições cobrem um vasto espectro, que vão desde a depressão saudável, como fazendo parte do desenvolvimento emocional normal, até a depressão como uma desordem patológica e afetiva, associada à interrupção do desenvolvimento emocional. Esses diferentes e contraditórios enfoques são assinalados por Jam Abram (2000):

[...] exemplo disso é seu trabalho de 1954, *The Depressive Position in Normal Emotional Development*, onde afirma com muita clareza que a expressão “posição depressiva” está incorreta, já que “depressiva” implica que o desenvolvimento saudável relaciona-se a uma “desordem de humor” que não toma parte do desenvolvimento normal.[...] Em 1958, no texto *The family Affect by Depressive Illness in One Both Parents*, Winnicott sustenta que a depressão é normal e experimentada por pessoas “de valor” (ao utilizar a expressão “de valor” passa a estabelecer a importância da depressão). (ABRAM, 2000, p. 112).

Apesar das contradições nas definições de depressão, Winnicott está sempre ligando a depressão com as relações de objeto e com o uso do objeto, ou seja, há um objeto de desejo, há a presença do outro. Seus trabalhos frequentemente enfocam os estágios mais primitivos do desenvolvimento emocional, principalmente nas relações mãe-bebê, sobretudo no período de desmame, no qual o bebê passa a poder estabelecer as diferenças existentes entre o eu e o não-eu.

O que nos parece essencial para compreender essas diferentes conceituações da depressão e melancolia é ter presente, em primeiro lugar, que algumas se baseiam em *sintomas* ou em manifestações de estados psicológicos ou fisiológicos, enquanto outras se fundamentam em *funcionamentos* ou *estruturas* psíquicas. Freud, por exemplo, sempre insistiu em que os sintomas propriamente ditos são insuficientes para se compreender suas causas ou sua gênese. Analogamente, enfatizava que o sentido de um sonho não pode ser decifrado ou compreendido pelo seu conteúdo manifesto – o equivalente do sentido, na psicopatologia – mas pelo *processo* que lhe deu origem. Assim, o processo psicológico ou a trama psíquica é quem define o sentido de uma conduta ou de qualquer ato manifesto – e não ela por si mesma. Portanto, um certo tipo de conduta ou um conjunto de comportamentos nada dizem de como foram produzidos; nada dizem de suas causas e sentidos, até porque as mesmas condutas semelhantes podem ter causas e sentidos muito diferentes.

Voltando à analogia com a teoria de Freud sobre os processos oníricos, salienta ele que as mesmas imagens ou conteúdos de um sonho manifesto

podem ter sentidos diversos ou até opostos, porque tudo depende da trama e dos processos psicológicos que os engendraram e, por isso mesmo, não é possível decifrar os sonhos a partir de um código-mestre ou de uma chave de leitura, como fazem, por exemplo, muitos manuais populares de adivinhação. A sintomatologia pode ser tomada como um indicador, no entanto, jamais como um diagnóstico que aponte o desenlace de um processo de subjetivação subjacente a um conjunto de condutas manifestas. Nesse sentido, as nosologias geralmente descrevem inúmeras variantes daquilo que seria o objeto central, às vezes tantas, que a exceção acaba se incorporando à regra.

As descrições dos sintomas da depressão demonstram claramente tal tentativa de enquadrar na mesma categoria elementos diversos e heterogêneos. Como se pode notar, nas descrições arroladas anteriormente, é comum se fazer uso de artifícios de linguagem, tais como das expressões “às vezes”, “frequentemente”, “a maioria”, “alguns”, “pode vir também acompanhado de...” e outras expressões que cobrem uma variedade de condutas, as quais bem podem ter em suas esteiras processos bem distintos.

Depressão e melancolia podem ter muitas afinidades de manifestação, mas não são a mesma coisa, sobretudo quando consideramos os processos psicológicos que lhes dão sustentação. É um erro dizer que são simples mudanças de nomenclatura feitas ao sabor de um tempo ou das idiossincrasias de um determinado autor. A identificação com o objeto perdido, a presença predominante da culpabilização e da pulsão de morte são os traços distintivos da melancolia em relação à depressão, no tocante aos processos psicológicos subjacentes a ambas.

Outra ponderação a se fazer, talvez esta mais quanto à Psiquiatria de base biológica, é que se, no tocante ao corpo, é possível se falar em doenças e se estabelecer padrões de funcionamento normal e patológico e, conseqüentemente, atribuir às doenças manifestações orgânicas próprias, no caso do psiquismo, isso não pode acontecer, pelo menos na concepção da Psicanálise e de outras teorias contemporâneas. Para Freud, não há diferença substantiva entre o funcionamento psicológico “normal” e o “patológico”. Todos dispõem de um aparelho e de processos psicológicos comuns. O que muda é a intensidade ou a predominância de certos processos. A própria depressão e a melancolia podem ser tomadas como exemplo. Todos possuem processos depressivos e melancólicos. A experiência de perda está em pauta nesses processos, todavia, nos primeiros, como a capacidade de sentir perda e, nos segundos, como a capacidade de autoacusação pela perda. Inclusive, os processos depressivos e melancólicos são fundamentais e imprescindíveis para a existência humana. Os processos depressivos possibilitam o reconhecimento da separação sujeito/objeto, da dependência em relação ao mundo externo e aos outros, a reflexão sobre si e sobre o mundo e tantas outras realizações anímicas valiosas. Os processos subjacentes à melancolia, por sua vez, propiciam um rigoroso autoexame; despertam sentimentos éticos e morais, na medida em que predispõem à avaliação das conseqüências das ações e dos desejos do sujeito; contribuem para a convivência social, ao regular e refrear impulsões desagregadoras e estimular condutas reparadoras.

Por conseguinte, não se trata de procurar uma “doença psíquica” numa presumível deformidade mental, senão de entender como os mesmos

processos podem gerar resultados diferentes, sobretudo, quando são intensificados e se tornam hegemônicos. Em outras palavras, poderíamos dizer que é preciso, seguindo a lógica dialética, procurar entender como a quantidade se transforma em qualidade.

Não bastasse a confusão criada em torno dos conceitos de depressão e melancolia, ainda resta uma nuvem maior, que inclui o conceito de tédio. À semelhança da depressão e da melancolia, ele também traz consigo manifestações comuns, como a apatia, o cansaço com a vida, o desinteresse e outras condutas de retração no que se refere ao mundo. Resta saber se é mais uma peripécia terminológica, uma variante da depressão ou da melancolia ou, então, um fenômeno que mantém com ambos semelhanças de expressão, mas diferenças substanciais quanto a processos psicológicos e subjetivações de um tempo marcadamente diferente daqueles que fustigaram suas companheiras próximas.

1.2 Tédio

Não vivo, mal vegeto, duro apenas,
Vazio dos sentidos porque existo;
Não tenho infelizmente sequer penas
E o meu mal é ser alheio (alheio Cristo)
Nestas horas doridas e serenas
Completamente consciente disto.

(Fernando Pessoa. "Tédio", 1973, p.465)

O tédio se diferencia da depressão e da melancolia pela ausência de qualquer mal ou dor relacionada com a perda de um objeto amoroso ou de um ideal. Não há igualmente a percepção da importância do objeto perdido e o

desejo de reavê-lo, assim como não há a incriminalização e culpabilização associadas à perda. Não há uma positividade no sofrimento. É um estado de espírito tipificado pela falta de qualidade. Não parece haver apenas uma sintomatologia específica para o sentimento de tédio, de modo que é difícil distinguir precisamente entre tantos estados de tédio, mas poderíamos ressaltar que ele abrange tudo, desde um ligeiro desconforto a uma profunda perda de ânimo e de sentidos para a vida.

É interessante notar o pouco interesse da Psicologia, da Psicanálise e da Psiquiatria no estudo do tédio, talvez por faltar-lhe a gravidade da depressão e da melancolia, que necessite uma abordagem terapêutica, seja ela psicoterápica, seja medicamentosa. O interesse fica restrito a outras áreas das ciências humanas e sociais, como a Filosofia e a Sociologia.

Abbagnano (2007), ao descrever o tédio, afirma que Giacomo Leopardi via no tédio a experiência da nulidade de tudo que existe. Numa falta de intensidade. O tédio assim se definiria, para Leopardi:

Nenhum mal, nenhuma dor particular (alias, a idéia e a natureza do tédio excluem a presença de qualquer mal ou dor particular), mas a simples vida plenamente sentida, experimentada, conhecida, plenamente presente para o indivíduo, e a ocupá-lo. (ABBAGNANO, 2007, p. 1109).

Nesse sentido, segundo Abbagnano (2007), o tédio está bem próximo da *náusea* a que se refere Jean-Paul Sartre, que é a indiferença das coisas na sua totalidade.

Svendsen (2006) destaca que, antes do Romantismo, o tédio não era objeto de reflexão em extensão considerável e parece ter sido um fenômeno marginal, reservado aos monges e à nobreza. Durante muito tempo, foi um

símbolo de *status*, como prerrogativa dos escalões superiores da sociedade, uma vez que estes eram os únicos que possuíam a base material necessária para ele. Com o advento do Romantismo, ele é, por assim dizer, democratizado e encontra amplas formas de expressão. À medida que se espalhou por todos os estratos sociais, o fenômeno perdeu sua exclusividade. Para Svendsen (2006), o tédio da modernidade tem amplo efeito e pode hoje ser encarado como um fenômeno relevante para praticamente todos, no mundo ocidental, e o que muitos chamam hoje de depressão não é senão um sentimento de tédio frente à vida cotidiana:

Afirma-se muitas vezes que cerca de 10% das pessoas sofrem de depressão no curso da vida. Qual é a diferença entre tédio profundo e depressão? Meu palpite é que há considerável superposição. Eu diria também que quase 100% da população sofre de tédio alguma vez ao longo da vida. O tédio não pode ser compreendido simplesmente como idiosincrasia pessoal. É um fenômeno amplo demais para ser satisfatoriamente explicado dessa maneira. Não é apenas um estado mental interior; é também uma característica do mundo, pois participamos de práticas sociais que estão saturadas de tédio. (SVENDSEN, 2006, p.16).

Enfatiza que é perfeitamente possível estar entediado sem ter consciência disso, sem ser capaz de apontar qualquer razão ou causa. É um sofrimento sem nome, sem forma, sem objeto. Coloca como exemplo o pároco de uma aldeia, de George Bernanos, que fornece uma excelente descrição da natureza imperceptível do tédio, em *Diário de um cura de aldeia*:

Eu me dizia, assim, que os homens são consumidos pelo tédio. Naturalmente, temos que refletir um pouco para perceber isto – não é coisa que se veja de imediato. É uma espécie de poeira. Vamos para cá e para lá sem vê-la, a aspiramos, a comemos, a bebemos, e ela é tão fina que nem sequer range entre nossos dentes. Mas basta pararmos por um momento, e ela assenta como um manto sobre nosso rosto e nossas mãos. Temos de estar a sacudir constantemente de nós essa chuva de cinzas. É por isso que as pessoas são tão agitadas. (apud SVENDSEN, 2006, p. 14)

A agitação decorrente do estado de enfascio perante a vida e a necessidade de quebrar a monotonia da vida cotidiana podem ser observadas na alegria manifesta das multidões eufóricas enchendo as ruas, em face da deflagração de guerras, por mais longínquas que estejam, como se celebrando o fato de que alguma coisa finalmente quebrara a monotonia; ou mesmo a enfurecida população que sai às ruas em protestos contra crimes hediondos; porém, tanto as guerras quanto os crimes hediondos, apesar de mortais, por estar repetidamente em evidência, em pouco tempo se banalizam e se tornam também mortalmente entediantes.

A banalização pela repetição monótona das situações que, em princípio, promovem a euforia maníaca, paradoxalmente, pode ser vista pelo lado positivo do tédio. Numa tentativa de dizer pelo menos alguma coisa de favorável acerca do tédio, Svendsen (2006) cita o sociólogo Robert Nisbet, para quem “[...] o tédio não pode ser visto apenas como a raiz de muitos males, mas também que possivelmente ele pôs fim a muitos males, pela simples razão de que eles se tornaram, pouco a pouco, entediantes demais” (NISBET, apud SVENDSEN, 2006, p.17); toma como exemplo a prática de queimar feiticeiras, sustentando que tal costume não se extinguiu por razões legais, morais ou religiosas, mas simplesmente porque se tornara entediante demais, e as pessoas pensaram: “Quando você viu uma pessoa sendo queimada, viu todas” (ibidem). Assim como o tédio provavelmente contribuiu para a queima das bruxas, colaborou para colocar fim a ela.

Poderíamos afirmar, portanto, que a sensação subjetiva do sentimento de tédio que impediria a produção de sentidos não se deve apenas à falta de algo, ao vazio, mas também à saturação do mundo em função do excesso.

É o que podemos observar, ainda, nas produções culturais mais próximas de nossa realidade cotidiana, como, por exemplo, na música de Sidney Miller, composta em 1968, *“Pois é, pra quê?”* Sidney Miller, que despontou como compositor no cenário musical brasileiro durante a década de 1960 e que faleceu precocemente, aos 35 anos de idade, faz uma clara leitura de como a aceleração da vida cotidiana, na década de 60-70, entediava, tornava a vida enfadonha, vazia e monótona, mesmo sendo, como todos nós sabemos, um período de intensa agitação no campo político e social do país. Pela cuidadosa construção da composição musical, é importante transcrevê-la na íntegra:

Pois é, pra quê?
(Sidney Miller, 1968)

O automóvel corre, a lembrança morre
O suor escorre e molha a calçada
Há verdade na rua, há verdade no povo
A mulher toda nua, mais nada de novo
A revolta latente que ninguém vê
E nem sabe se sente, pois é, pra quê?

O imposto, a conta, o bazar barato
O relógio aponta o momento exato
da morte incerta, a gravata enforca
o sapato aperta, o país exporta
E na minha porta, ninguém quer ver
Uma sombra morta, pois é, pra quê?

Que rapaz é esse, que estranho canto
Seu rosto é santo, seu canto é tudo
Saiu do nada, da dor fingida
desceu a estrada, subiu na vida
A menina aflita ele não quer ver
A guitarra excita, pois é, pra quê?

A fome, a doença, o esporte, a gincana
 A praia compensa o trabalho, a semana
 O chope, o cinema, o amor que atenua
 O tiro no peito, o sangue na rua
 A fome a doença, não sei mais por que
 Que noite, que lua, meu bem, prá quê?

O patrão sustenta o café, o almoço
 O jornal comenta, um rapaz tão moço
 O calor aumenta, a família cresce
 O cientista inventa uma flor que parece
 A razão mais segura pra ninguém saber
 De outra flor que tortura, pois é prá quê?

No fim do mundo há um tesouro
 Quem for primeiro carrega o ouro
 A vida passa no meu cigarro
 Quem tem mais pressa que arranje um carro
 Prá andar ligeiro, sem ter por que
 Sem ter prá onde, pois é, prá quê?

Na composição, Miller contrasta a velocidade, o excesso de estímulos, com a lentificação, com o vazio, com o desinteresse por uma vida despotencializada, enfim, com o tédio; e finaliza as paradoxais frases com a emblemática e entediante pergunta: “Pois é, pra quê?”

Vimos, desse modo, que o tédio tem uma complexidade e extensão. Se, por um lado, a lentidão, a calma pode incitar a rapidez e a euforia, por outro, a aceleração pode promover a paralisação.

Entretanto, uma situação especial de tédio que se faz presente nas relações afetivas da contemporaneidade é o aborrecimento diante do outro, ou seja, um mundo tão facilitador de contatos acaba promovendo um enfascio pelo excesso da presença do outro.

O ser humano parece ser traído por aquilo que lhe é mais essencial. Sua constituição singular lhe dá a capacidade de pensar, simbolizar, agir criativa e transformadoramente, modificar a si próprio e modificar o ambiente no qual

vive, enfim, dá-lhe a possibilidade de fazer história. No amplo espectro das possibilidades das realizações humanas está justamente a construção da sociedade, do seu mundo, a edificação do tipo de associatividade, criação de formas de relacionamento entre os próprios homens, isso tudo que é essencial para a sobrevivência da humanidade e para seus destinos.

Porém, se o homem se diferencia substancialmente dos demais seres vivos pela sua capacidade de fazer história, podendo conduzir seu destino, ele ainda continua encontrando sérias dificuldades para concluir uma das obras principais para a sustentabilidade de seu mundo e para sua sobrevivência: o arranjo do coletivo, a articulação e a sintonia entre os indivíduos.

Embora possuindo as condições e os recursos necessários para realizar essa tarefa primeira da existência humana – a organização do coletivo – continua falhando nesse projeto ou encontrando sérias dificuldades para lapidar a convivência e a coexistência em qualquer dimensão, desde os relacionamentos dualistas até aqueles que envolvem contingentes enormes, como o relacionamento entre povos e nações. Paradoxalmente, no caso da humanidade, a associatividade e a convivência passam a significar ameaça e despertar temor, mais do que proteção, confiança e potência.

A presença do Outro, no universo humano, é problemática e, pela inexistência de padrões de relacionamento instintivos e herdados, o homem tem que construí-los. O psiquismo se constrói num trabalho permanente de estabelecimento de laços que sustentam o sujeito perante o outro e diante de si mesmo. Não obstante, para a construção desses laços afetivos que alicerçam a construção da subjetividade humana, é fundamental dispor de um tempo e

espaço. A contração do espaço e a aceleração do tempo, na atualidade, promovem fissuras importantes na constituição do sujeito, levando-o ao encapsulamento narcísico e embotamento afetivo, sendo que qualquer situação que venha promover uma possibilidade de quebra dessa bolha egossintônica poderá mobilizar defesas mais primitivas. Sob esse viés, a presença do outro passa a ser, em princípio, ameaçadora e posteriormente entendiente, como já assinalava Simmel (1903), analisando a nascente cidade moderna depois do século XIX. Ele enfatiza as diferenças entre a construção da subjetividade e a produção de sentidos, nas grandes cidades, contrastando com as pequenas cidades. Afirma que a *intensificação da vida nervosa*, nas grandes cidades, resulta na mudança rápida e ininterrupta de impressões interiores e exteriores. A velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social, a intensidade e a alternância de estímulos, assim como uma vida desmedida de prazeres levam o indivíduo a assumir um caráter *blasé*:

[...] porque excita os nervos por muito tempo em suas reações mais fortes, até que por fim eles não possuem mais nenhuma reação, também as impressões inofensivas, mediante a rapidez e antagonismo de sua mudança, forçam os nervos a respostas tão violentas, irrompem de modo tão brutal de lá para cá, que extraem dos nervos sua última reserva de forças e, como eles permanecem no mesmo meio, não têm tempo de acumular uma nova. A incapacidade, que assim se origina, de reagir aos novos estímulos com uma energia que lhes seja adequada é precisamente aquele caráter blasé, que na verdade se vê em todo filho da cidade grande... (SIMMEL, 1995, p. 581).

Simmel sustenta que a essência do caráter *blasé* é o embotamento frente à distinção das coisas; não no sentido de que elas não sejam percebidas: elas são percebidas, mas o significado e seus valores são sentidos como nulos. Elas aparecem ao *blasé* com uma tonalidade acinzentada e baça.

Podemos entender a atitude *blasée*, incrustada na vida da cidade moderna, como um tédio no que concerne ao coletivo, ao outro; como uma diminuição do interesse pelo público, pela política, enfim, como esmaecimento da potência de vida.

Ao procurarmos diferenciar os conceitos de tédio, melancolia e depressão, podemos observar que, no estudo da gênese da depressão, do luto e da melancolia, estão em maior ou menor intensidade o sentimento inconsciente de culpa, o lamento associado à experiência da perda do objetos psicologicamente significativos, a percepção da importância do objeto e da extrema dependência do sujeito em relação ao mundo, sobretudo, justamente, quanto aos objetivos perdidos e ao desejo de reavê-los, assim como a consequente incriminalização, culpabilização ligada à perda.

À semelhança da depressão e da melancolia, o tédio traz consigo manifestações comuns, como a apatia, o cansaço com a vida, o desinteresse e outras condutas de retração quanto ao mundo, mas se diferencia da depressão e da melancolia pelo vazio dos sentidos, pela ausência de qualquer mal ou dor associada com a perda de um objeto amoroso ou de um ideal.

Coran (apud SVENSENS, 2006, p.45) escreve sobre a diferença entre tédio e a depressão: “[...] na depressão a dor é localizada enquanto que o tédio evoca um mal sem nenhuma localização, sem nenhuma base, sem nada exceto esse nada, inidentificável que nos corrói”. A questão do tédio, portanto, é falta de sentido, do vazio, da temporalidade, que não possibilita a produção de vínculos.

No tédio, não há a percepção da importância do objeto perdido e o desejo de reavê-lo, assim como também não há a incriminalização e a culpabilização relacionada com a perda. Não há uma positividade no sofrimento. É um estado de espírito tipificado pela falta de qualidade, pela despontecialização do sujeito diante do mundo e dele mesmo, seja pela falta de estímulos, seja pelo excesso.

CAPÍTULO 2

MUTAÇÕES E O PÓS-HUMANO: A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

Nesse período em que a sociedade e a cultura sofrem intensas mudanças e transformações de paradigmas e valores, a ciência é um dos grandes palcos nos quais se travam as lutas e as transformações do mundo e do homem.

Thomas Kuhn (1975), em seus trabalhos seminais sobre a história da ciência, toma como base o conceito de *paradigma*, entendendo-o como as realizações científicas que geram modelos, os quais, por períodos mais ou menos longos e de modo mais ou menos explícito, orientam o desenvolvimento posterior das pesquisas. Tais modelos possuem uma série de elementos sociais, econômicos e culturais que permanecem estáveis por longo tempo, até que um período de desequilíbrio, incertezas e instabilidade começa a surgir, delineando então outros modelos, causando um período de transição e ruptura com o antigo, antes que uma nova acomodação e estabilidade ocorram.

Dessa forma, a ciência moderna se assentou sobre o modelo de racionalidade que emergiu da revolução científica do século XVI, com a crise do feudalismo e início do modo de produção capitalista, época marcada pela ascensão da burguesia ao poder econômico e político. Nos séculos XVII e XVIII, tal mudança foi acompanhada pelo advento da ciência e filosofia modernas, que tiveram Newton e Descartes como figuras mestras.

Configuram-se, nesse período, os ideários da Revolução Francesa de 1779, o pensamento iluminista, com Spinoza, Descartes, Kant e Comte, em oposição ao pensamento teológico da Idade Média. Esgotam-se as concepções teocentristas características da época medieval, substituídas por uma nova visão antropocêntrica de mundo. Corresponde à vigência das concepções de tempo e história como progressão linear, que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não são pautadas pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas.

Tais princípios foram desenvolvidos, inicialmente, no domínio das ciências naturais, e, no século XIX, estenderam-se para as demais ciências, sob a influência do positivismo de Augusto Comte. A partir de então, pode-se falar de um modelo global de racionalidade científica, em que só há duas formas de conhecimento científico: as disciplinas formais da lógica e da matemática e as ciências empíricas. De acordo com o modelo mecanicista das ciências naturais, as ciências humanas e sociais nasceram para ser empíricas.

No paradigma moderno, a verdade somente pode ser confirmada pelos olhos da razão. Ela tem que ser vista, palpada, medida. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições. As ideias que presidem à observação e à experimentação são ideias claras e simples, pelas quais se pode ascender a um conhecimento mais profundo e rigoroso da natureza. É o mecanicismo da física newtoniana, em que o mundo é matéria e o passado se repete no futuro. São ideias de ordem e de estabilidade, em que tudo se pode comprovar através das leis da física e da matemática.

Desse lugar central da matemática, Santos (2001) assinala duas consequências principais. Em primeiro lugar, conhecer significa quantificar, e o rigor científico afere-se pelo rigor das medições, desqualificando as qualidades intrínsecas do objeto e relegando tudo o que não possa ser quantificável, considerando-o como irrelevante. Em segundo lugar, o método científico se assenta na redução da complexidade. Conhecer significa dividir e classificar, para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou.

Todavia, conforme Kuhn (1975), se a ciência é a reunião de fatos, teorias e métodos sintetizados nos textos atuais, logo, os cientistas são homens que, com ou sem sucesso, empenharam-se para contribuir com um ou outro elemento para essa constelação específica. Entende, por conseguinte, que a ciência moderna não se desenvolveu por acumulação de conhecimentos, mas através de um processo de adição de conhecimento e técnica adequados aos paradigmas dominantes e inibição e supressão dos que os cientistas consideram erro ou superstição.

As teorias obsoletas não são acientíficas, em princípio, somente porque foram descartadas. O estudo atual da ciência exige o registro tanto do acúmulo de conhecimentos adquiridos pela ciência moderna como os obstáculos que inibiram seu desenvolvimento. É o que Kuhn denomina de “revoluções científicas”, que são

[...] os episódios extraordinários nos quais ocorre uma alteração de compromissos profissionais. As revoluções científicas são os complementos desintegradores da tradição à qual a atividade da ciência normal está ligada. (KUHN, 1975, p.25).

Cada revolução científica altera a estrutura histórica da comunidade que a experimenta, de sorte que essa mudança de perspectiva afeta a estrutura das publicações de pesquisa e dos manuais do período pós-revolucionário. A ciência não se limita a crescer, transforma-se.

A ciência não só evolui progressiva e seletivamente, mas também revolucionariamente nos níveis dos princípios de explicação ou paradigmas que comandam nossa visão do mundo; não é a visão do mundo que se alarga mais, mas a própria estrutura da visão do mundo que se transforma. (KUHN, apud MORIN, 1996, p. 149).

A crise do modelo de racionalidade, inserido no paradigma moderno, inicia-se justamente nas áreas do conhecimento que mais a solidificavam: as ciências naturais. A revolução científica da Física, com Einstein e a teoria da relatividade e simultaneidade; na mecânica quântica, com o princípio da incerteza de Heisenberg, que demonstra a interferência estrutural do sujeito no objeto observado; as transformações que estão se operando na Biociência, na Neurociência e na Engenharia genética; as reviravoltas nos procedimentos metodológicos e nos processos de legitimação da ciência; a velocidade das mutações econômicas e políticas; as mudanças de paradigmas na produção de imagens e sons por meio da informática; as profundas mudanças sociais e culturais nos mostram a fragilidade, a crise ou até mesmo a superação do paradigma moderno.

No entanto, apesar das evidências de transformações profundas nas matrizes econômicas, sociopolíticas, culturais e psicológicas da modernidade, ainda restam dúvidas e grandes divergências sobre a avaliação da extensão de

tais transformações, sobretudo no que diz respeito a tomá-las como sinal do advento de uma nova era.

É possível que estejamos vivendo um novo tempo, em que se mudam paradigmas e conceitos tanto da ciência, quanto de outras esferas da vida, uma época de esgotamento de tudo que significava moderno, ou seja, a crença no valor do novo, no positivismo científico, nas utopias idealistas. A esta nova época alguns filósofos e sociólogos, como Baudrillard, Bauman, Giddens, Harvey, Lyotard, Jameson, Huysens, entre outros, chamam de pós-moderna e pós-modernidade. Não obstante, há também os que preferem não utilizar essa designação, como Edgar Morin, que, se, por um lado, concorda em que há uma crise nos paradigmas da modernidade, por outro, acredita que o termo “pós” e “neo” implicam uma “[...] simplificação semântica, uma homogeneização cultural, pois ainda não vimos a cara do que está para emergir” (apud SCHNITMAN, 1996, p. 289).

Para Santaella (2000), a despeito de o termo *pós-moderno* ter sido empregado pela primeira vez em 1934, foi somente no início dos anos 70 que o conceito de pós-modernidade se inseriu fortemente nas diversas formas de manifestações culturais. No final da década de 70, o pós-moderno já se instala igualmente na Europa, a partir de Paris e Frankfurt, começando os debates entre os que defendem o pós-moderno como movimento revolucionário de mudança e aqueles que acreditam ser o pós-moderno apenas a continuação de um projeto ainda inacabado da modernidade.

Para melhor orientação, Santaella (2000) faz uma divisão, em que procura demarcar linearmente três momentos: a Idade Moderna, que iria do

Renascimento até o século XIX; a fase de transição e demolição dos valores modernos, a qual corresponde àquilo que foi batizado de modernismo, vigente até por volta dos anos 60-70 do século passado, e, desde esse tempo, a idade pós-moderna, que é também chamada de pós-industrial, pós-histórica, era da comunicação, informática, telemática, abrindo as portas para uma nova idade pós-mídia-intermídia. Nas artes, a referida autora procura usar os termos *modernismo/pós-modernismo*, ao passo que, na teoria social, adota a denominação *modernidade/pós-modernidade*.

Jamenson, em 1984 (apud Santaella, 2000) destaca quatro posições gerais assumidas no discurso pós-moderno.

Há os defensores do pós-moderno a partir do ponto de vista antimodernista: esta expressão crítica aparece com mais força na arquitetura que procura um novo sentido do universo urbano oposto à ortodoxia do modernismo que, "... na proliferação desmesurada de arrogantes e monumentais caixas de vidro, transformou a cidade em gigantescos emblemas dos poderosos".

Há os que defendem uma posição pró-modernismo/ anti-pós-modernista. O maior representante dessa posição é Habermas, que coloca a modernidade como um projeto ainda inacabado e propõe o resgate do poder emancipatório, utópico, crítico, subvertor e opositivo do projeto modernista. Repudia as práticas pós-modernas considerando-as reacionárias por considerá-las uma revolta contra a falência da razão e se aliarem a forças políticas neoconservadoras.

Uma terceira posição tem como representante Lyotard, que utiliza o conceito de pós-moderno como uma promessa de retorno e reinvenção do poder subvertor do modernismo. "É uma espécie de fé nas possibilidades inscritas em novas formas sociais que um período pós-industrial estaria colocando em plena emergência".

Uma quarta posição é dos neolukacsianos que vêem o pós-moderno como "... mera degeneração dos impulsos já estigmatizados do próprio modernismo" e tem como representante central o arquiteto M. Tafuri. Com uma visão marxista clássica, os defensores dessa posição acreditam que para haver uma transformação radical da cultura, antes tem que haver uma revolução radical das relações sociais. (SANTAELLA, 2000, p. 71-72).

No fervor das controvérsias, a autora apresenta uma síntese das marcas do pensamento pós-moderno:

O privilégio da heterogeneidade e da diferença como forças libertadoras, a fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança em relação a todos os discursos universais ou totalizantes; a redescoberta do pragmatismo na filosofia, a mudança de idéia sobre a filosofia da ciência, promovida por Kuhn e Feyerabend; a ênfase foucaultiana na descontinuidade e na diferença na história e na primazia dada pôr ele a 'correlações polimorfos em vez da causalidade simples ou complexa'; novos descobrimentos na matemática – acentuando a indeterminação (a teoria da catástrofe e do caos, a geometria dos fractais); o ressurgimento de preocupação na ética, na política e antropologia, com a validade e a dignidade do outro. (SANTAELA, 2000, p.123).

A exaltação da diferença, a promoção da mixagem e a renúncia à postura de controle absoluto do ideário pós-moderno se confrontam com o ideário moderno de ordem e pureza, que influenciou profundamente a ciência, a política e o cotidiano. Ordem e pureza, segundo Bauman (1998), foram dois valores-chave da modernidade, amplamente espalhados e sustentadores das grandes realizações e utopias desse tempo. Ainda que a modernidade surja apregoando a revolução, a ruptura com o antigo e a exaltação do novo, visando a soterrar as estruturas econômicas, políticas e ideológicas anteriores, acaba impondo uma nova ordem autoproclamada como a solução final para os problemas do mundo e da humanidade. Enfim, a “liberdade, a ordem e o progresso”, alavancadas pela ciência, realizariam o sonho de felicidade.

Tratava-se, portanto, de reorganizar o mundo, colocando tudo no seu devido lugar, com mapeamentos precisos de tempo e espaço. A cronometria e a geometria passam a imperar, delimitando fronteiras rígidas e criando lugares específicos e momentos apropriados, sem deixar escapar de categorizações e classificações qualquer elemento da natureza ou da mundaneidade. Foi o período áureo das instituições (hospitais, presídios, manicômios, escolas,

família nuclear, fábricas, sindicatos e tantas outras), com o propósito de encaixar cada coisa em seu lugar e obter o controle e a eficiência do funcionamento da nova ordem. A obsessão pela ordem trouxe como correlativo o expurgo da sujeira. O que não estivesse encaixado em algum lugar, manchando a pureza pretendida, deveria ser varrido para algum canto, evitando-se qualquer possibilidade de desarranjo ou produção de desordem. As medidas higienistas e profiláticas afloraram nesse período e foram aplicadas amplamente, no campo da saúde, da educação e da política. Grandes utopias sociais desse período, como o nazismo e o comunismo, cada uma a seu modo, alimentaram-se desse sonho de pureza, imaginando uma sociedade livre das pragas que julgavam corroer o mundo.

A ciência moderna, invadida pelo ideário de ordem e pureza, não poupou esforços no sentido de procurar medir, classificar, ordenar, isolar elementos perturbadores, desfazer o caos, “descobrir” leis e princípios de funcionamento das coisas, mapear toda a cadeia causal que regeria o mundo e assim por diante. Ela própria seguiu os preceitos desse tempo, organizando-se rigidamente em áreas de conhecimento, disciplinas, especialidades, correntes teóricas, escolas e muitas outras segmentações. O purismo científico, dentre outras tantas manifestações, fez-se presente, como ainda até hoje, na rígida adesão a uma escola de pensamento ou teoria, não comportando desvios ou heresias. Por exemplo, a própria Psicanálise e Freud levaram às últimas consequências o ideal de pureza. Freud expulsava da Psicanálise todos os que via como hereges – os impuros.

Porém, o sonho messiânico de ordem, pureza e racionalidade técnica, como caminho seguro da humanidade rumo à felicidade, está mostrando sua inviabilidade. A realidade está se revelando mais emaranhada, instável, caótica e embrenhada no próprio homem, do que previa o reducionismo e o objetivismo da ciência moderna. A acumulação flexível do capitalismo atual e a compressão tempo-espço, conforme Harvey (1998), forçam processos de mobilidade cada vez maiores, inviabilizando práticas concentradoras, verticalizadoras, sedentárias e segregadoras típicas da modernidade clássica.

De acordo com Justo (2001), o próprio debate sobre se há ou não novos paradigmas despontando, ou seja, se há ou não mudanças significativas que pudessem delimitar uma outra fase da história é uma prova dessa dificuldade em compreender os acontecimentos, o funcionamento do mundo atual e suas feições:

Surgem conceitos e denominações diferentes para designar períodos da história recente. Modernidade, Pós-modernidade, Sociedade Pós-Industrial, Sociedade de Controle, Sociedade do Espetáculo, Sociedade Pós-histórica e assim por diante. O que exatamente designaria cada uma dessas nomeações? Elas demarcariam períodos distintos da economia, da organização social, da cultura ou simplesmente seriam modismos passageiros ou expressões de diferentes estágios do capitalismo? Essas são algumas questões que alimentam a polêmica, tão candente, que faz muitos fugirem até mesmo do emprego desses termos. (JUSTO, 2001, p. 60).

Para o autor, a questão principal não são apenas as transformações ou mutações que caracterizariam a contemporaneidade, pois há muito tempo o homem descobriu que o universo, seu mundo e ele mesmo se encontram em constante mutação. A questão principal é a velocidade com as quais as mudanças se processam:

Nada está inerte, paralisado e eternizado, ao contrário, tudo existe em movimento, em processo de mudança. Portanto, a constatação de que o mundo atual encontra-se em estado de metamorfose não traz

nenhuma novidade. Porém, é difícil não se deixar tomar por alguma perplexidade diante da velocidade com as quais as mudanças se processam na atualidade. (JUSTO, 2001, p. 59).

Pelas velocidades das transformações, Justo salienta que se torna difícil compreender o que se passa no nosso tempo, “[...] e mais difícil ainda é vislumbrar as possibilidades do presente e as perspectivas do futuro. “Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente” (Harvey, apud JUSTO, 2001, p. 60). As dificuldades assinaladas por Justo, no tocante às definições para estabelecimento de novos conceitos, talvez esteja na tendência ainda de encararmos a ciência sob o prisma da ciência moderna, iluminista, de tentar qualificar, quantificar e compartimentalizar os saberes. Quanto mais tentamos nos libertar das amarras dos paradigmas que caracterizaram a visão cartesiana de mundo, mais nos vemos atraídos por ela, já que a reflexão simplista gera menos angústias e polêmicas.

Mas não há como nos esquivar e negar as velozes mudanças. Assim como a velocidade das mudanças incide poderosamente sobre a sociedade, velozes são também as mudanças conceituais, não por uma beleza estética, mas por necessidade. A velocidade, a aceleração do tempo e a ampliação do espaço são fatos – por conseguinte, é melhor “correr para não ser atropelado”. Assim, de acordo com Justo e Rocha (2006), Bauman (1998), depois de ter assimilado a noção de pós-moderno, em seu livro *O Mal Estar da Pós-Modernidade*, recuou e passou a usar e abusar da metáfora dos líquidos para caracterizar a atualidade como uma “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001).

A modernidade líquida (JUSTO; ROCHA, 2006) caracteriza-se pelas amplas cineses e mobilidade que colocam o sujeito em constante movimento. A solidez dos territórios psicossociais, resistentes, estáveis e seguros, está sendo substituída pela fluidez e maleabilidade, própria dos líquidos:

Tal como a água que escoar do degelo, o derretimento da solidez psicossocial põe subjetividades em movimento fazendo-as sulcar caminhos, encontrar direções, modelar-se ao formato e às pressões das superfícies que direcionam sua movimentação. Premido pela aceleração do tempo e pela ampliação do espaço, surge o flunador equilibrando-se sobre superfícies móveis e instáveis. (JUSTO; ROCHA, 2006, p. 1).

De forma ainda mais ousada nas propostas de novas definições que possam explicar com alguma clareza as transformações e mutações operantes na contemporaneidade, Justo avança nos conceitos e define a pós-modernidade como um estado gasoso da subjetividade³. Procurando radicalizar a metáfora dos líquidos utilizada por Bauman, para situar os tempos atuais, enfatiza que, nos dias de hoje, o estado da matéria que corresponderia à maneira como o homem vive o mundo já não seria nem o sólido, típico da antiguidade, ou sequer o líquido, típico da modernidade, mas o gasoso, bem mais volátil, maleável, expansível, flutuante e trajetivo.

Sabemos que os diferentes estados de agregação da matéria correspondem ao maior ou menor grau de liberdade das partículas, ou seja, da velocidade das partículas. Assim, no estado sólido, as partículas encontram-se muito próximas umas das outras e formam com frequência estruturas ordenadas – redes cristalinas. As forças entre as partículas são, nesse caso,

³ A expressão “sociedade gasosa” foi empregada por Justo, na mesa redonda “Adolescência, Modernidade e Pós-Modernidade”. UNESP – Assis, 02/12/2005, com a presença de José Ottoni Outeiral.

de tal modo intensas que elas pouco se afastam da posição de equilíbrio. As oscilações à volta da posição de equilíbrio estão relacionadas com a temperatura do sólido e serão tanto maiores quanto mais alta for essa temperatura. Com o aumento da temperatura, há o aumento da velocidade, as partículas podem assim afastar-se completamente das posições fixas, destruindo-se então a estrutura sólida. Se, porém, se mantiverem forças de coesão entre elas, diz-se que a substância se encontra no estado líquido. Elevando ainda mais a temperatura, as partículas podem adquirir energia cinética suficiente, uma velocidade suficiente, para abandonar a superfície do líquido, passando assim ao estado gasoso. No estado gasoso, as forças entre as partículas são mais fracas e tornam-se mais importantes as interações por meio de colisões.

A subjetividade na antiguidade ou mesmo na modernidade clássica estaria num suposto estado sólido, caracterizado pelo sujeito racional, estabilizado, solidificado numa estrutura psicossocial e político-cultural aparentemente densa, contrapondo-se à construção da subjetividade na modernidade gasosa, ou pós-modernidade, com a vaporização de vínculos decorrentes da aceleração do tempo e ampliação dos espaços.

É preciso aqui fazer novamente alguns esclarecimentos quanto à periodização da história, sempre sujeita a contestações e polêmicas. Quanto à diferenciação de períodos distintos dentro da chamada modernidade, estamos nos pautando pela proposição de Berman (1998), que a divide em três momentos. Um primeiro, que iria do século XVI a meados do século XVIII, que ele caracteriza como sendo um período no qual há uma percepção e um sentimento de que grandes mudanças estão em curso no plano econômico,

político, social e na subjetividade, mas tais mudanças ainda não teriam mostrado plenamente suas feições. Já a segunda metade do século XVIII e o século XIX, chamada por ele de *modernismo*, teria marcado um momento de grande ebulição, na qual o homem teria vivido uma experiência de “desmanche”, de derretimento dos sólidos que caracterizavam seu mundo e, na sequência, a partir do século XX, denominado *modernização*, teria vivido a experiência da *modernização* do mundo, isto é, um período de expansão e assentamento dos ideários da modernidade e suas instituições. Dessa forma, a modernidade teria desmanchado os sólidos do antigo regime, sobretudo no período do modernismo, para depois instituir seus próprios sólidos. Por isso, Bauman (2001), abdicando do conceito de pós-modernidade, vai enfatizar o retorno ao estado de liquidação na modernidade atual, considerando-o um estado que lhe é típico, mesmo tendo ocorrido um período solidificador, por conseguinte, não havendo a necessidade de cunhar outra denominação para o momento atual vivido pelo homem.

De nossa parte, não vemos problema na utilização do conceito de pós-modernidade para designar uma diferença substancial dos tempos atuais com o da modernidade clássica, especialmente na sua fase de modernização. Ainda que a modernidade, depois de um soluço solidificador, tenha retomado sua verve liquidificadora, mesmo assim, é mister reconhecer que os tempos atuais propiciam uma experiência da fluidez e do desmanche do próprio sujeito e do mundo diferentes daquela do período do modernismo. Tal como enfatiza Harvey:

Começo com o que parece ser o fato mais espantoso sobre o pós-modernismo: sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do

descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelairiano de modernidade. Mas o pós-modernismo responde a isso de uma maneira bem particular; ele não tenta transcendê-lo, opor-se a ele e sequer definir os elementos “eternos e imutáveis” que poderiam estar contidos nele. O pós-modernismo nada, e até se esboja, nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como se isso fosse tudo o que existisse. (HARVEY, 1998, p.49).

Assim, o fato primordial do contemporâneo não é tão somente a compressão tempo-espaço ou a aceleração da vida, mas a incorporação ou a naturalização dessa experiência. Não se trata mais, como sublinha Harvey, de se posicionar diante um acontecimento espantoso, até porque ele já não causa qualquer sentimento de estranhamento ou de perplexidade. É tratado como um fato, como algo dado e, além disso, como algo precioso que precisa ser cultivado e potencializado. Se as imagens de aceleração, como a célebre cena de um trem se projetando sobre o público, nas primeiras exhibições cinematográficas em Paris, em 1895, causavam preocupação, temor, desconfiança e reações de susto e vertigem, hoje são rotineiras e levadas ao extremo como experiência de gozo. Os chamados esportes radicais mostram bem essa atração pela velocidade, pelo risco, pelo imprevisto, pela incerteza, enfim, pela volatilidade – propriedade dos gasosos. O volúvel é caracterizado pela inconstância, bem à feição da vida, hoje. Vida que ultrapassa a plasticidade e mobilidade do líquido, que, embora capaz de escoar, de abandonar posições estáveis e pontos de fixação, mantém um grau de coesão das partículas que o compõem, preservando marcas identitárias e certos assentamentos. A vida gasosa é muito mais etérea, elevada, descolada de superfícies, despreendida de ancoragens. Nem poderia ser de outra forma, ou melhor, não poderia proceder de outro estado da matéria, que não o gasoso, uma vida cuja aceleração a desprende cada vez mais de espaços

determinados, de *lugares* tais como são definidos por Auge (1994). Frisa esse autor:

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico. Um mundo onde se nasce numa clínica e se morre num hospital, onde se multiplicam, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias (as cadeias de hotéis e os terrenos invadidos, os clubes de férias, os acampamentos de refugiados ou à perenidade que aparece), onde se desenvolve uma rede de transportes que são também espaços habitados, um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero, propõe ao antropólogo, como aos outros, um objeto novo cujas dimensões inéditas convém calcular antes de se perguntar a que olhar ele está sujeito. (id. p. 73-74).

A vida produzida nos “não lugares” da atualidade é aquela evaporada, à moda da transformação do estado líquido em gasoso, uma vida em estado de suspensão, que se desprende de territórios, de lugares identitários, se eleva da crosta terrestre e se movimenta como se estivesse flutuando no ar. Uma vida leve, livre e solta, como se diz quando se quer falar de algo à deriva.

À semelhança do que acontece com as partículas da matéria, a vida gasosa, nos não-lugares, também cria dispersão e colisão entre suas partículas – os indivíduos – fazendo com que sejam capazes de se distanciarem, de se agitarem cineticamente e percorrerem rotas diversas, às vezes em sincronia, outras, em dessintonia, gerando colisões. A imagem do sujeito contemporâneo é a do flanador, aquele que paira no ar, vagando de um ponto a outro, de um lugar a outro, sempre de passagem, em constante trânsito por um espaço vazio e amplamente aberto à circulação.

O tempo, conforme ressalta Harvey (1998), conspira contra o espaço transformado em lugar, em solo identitário de fixação e produção de

enraizamentos. A aceleração do tempo impede permanências e durabilidade imprescindíveis para a criação de lugares. Quanto maior a velocidade, as espacialidades se tornam mais lisas, planas e superficiais, eliminando-se eventuais atritos ou tornando-os bastante suaves para facilitar a mobilidade. Tal como se dá inevitavelmente com um viajante, quanto mais rápido passa pelos lugares, mais achatada e homogênea será sua experiência e tanto mais irá nivelar superfícies e torná-las mais lisas. Mais ainda, poderíamos enfatizar, continuando a metáfora da evaporação, que, quanto maior a velocidade do sujeito, maior sua tendência a desprender-se do solo e içar vôo, diluindo-se no ar. Essa parece ser a condição do sujeito na atualidade: mais do que simples fraturas ou fragmentações, como assinalam muitos autores, trata-se de uma poeira flando no ar.

Entretanto, a polêmica que circunda a possibilidade de uma transição paradigmática em curso, no bojo da qual o modelo da modernidade estaria cedendo lugar para outro modelo, o pós-moderno, capaz de demarcar um novo período na história da humanidade, está longe de especulações ainda mais arrojadas. Há quem visualize nas transformações da atualidade não simplesmente um processo de mudança, mas uma verdadeira mutação tão radical que o próprio homem deixaria de ser o elo de continuidade entre um período e outro da história.

Na própria ciência, seria possível visualizar o deslocamento do homem ou a constituição de um homem pós-orgânico, conforme apontam alguns autores (MARTINS, 1996; SIBILIA, 2002). A ciência moderna, inspirada no mito de Prometeu e que tinha o homem como destinatário da chama do conhecimento roubada aos Deuses, estaria sendo substituída por uma ciência

fáustica, que teria como destinatário o próprio avanço técnico, independente de suas consequências para a humanidade.

2.1. Mutação e o mundo pós-humano

A velocidade vertiginosa das transformações que assolam a sociedade e a cultura está intimamente associada aos avanços tecnológicos. De acordo com Santaella (2000), na pós-modernidade, a mudança tecnológica acelerada altera a própria evolução do ser humano. Como exemplo, cita a expansão da rede neuronal. Se, nos conceitos clássicos da ciência moderna, a evolução do cérebro humano tinha como paradigma de desenvolvimento o biológico, sendo representado pelo neurônio e suas conexões, os quais teriam como limites para sua expansão a caixa óssea craniana, para Santaella (2000), funcionalmente, essa expansão se processa para além dos limites mecânicos do corpo humano. Quando nos conectamos à *internet*, a expansão neuronal ultrapassa os limites físicos e se conecta a uma rede de informações globalizadas. Se, antes, os limites eram dados pela anatomia, hoje, a neurociência mostra-nos que o cérebro humano, assim como já se dava com outras partes do corpo, pode ser prolongado nas máquinas que passam a funcionar como próteses cerebrais. Temos como exemplo a fusão da Medicina com a Mecatrônica. É admirável como médicos cirurgiões, após um treinamento motor, realizam cirurgias e até mesmo microcirurgias robotizadas a longas distâncias, sendo que o cérebro desse cirurgião reconhece como parte de seu próprio corpo os braços mecânicos ligados a um computador e via internet.

Em edição especial, a revista *Caros Amigos* (2007) trata de um tema no mínimo instigante: *PÓS-HUMANO – O desconcertante mundo novo*. Já no editorial, a revista cita Max More, em texto escrito em 1997:

Nos próximos cinquenta anos, a inteligência artificial, a nanotecnologia, a engenharia genética e outras tecnologias permitirão aos seres humanos transcender as limitações do corpo. O ciclo da vida ultrapassará um século. Nossos sentidos e cognição serão ampliados. Ganharemos maior controle sobre nossas emoções e memória. Nossos corpos e cérebros serão envolvidos e se fundirão com o poderio computacional. Usaremos essas tecnologias para redesenhar a nós e nossos filhos em diversas formas de pós-humanidade. (MANERA, 2007, p. 3).

Fundador do Extropy Institute, uma entidade que defende “[...] o uso da tecnologia para melhorar a saúde do homem, aumentar sua inteligência e aperfeiçoar sistemas sociais”, Max More não estaria otimista demais quanto ao futuro do ser humano? Será que realmente uma nova geração, que se caracterizaria pela velocidade de ação, através da ampliação dos sentidos e cognição, estaria em um desenfreado desenvolvimento? Seria uma evolução necessária para que se possam manipular e controlar máquinas altamente sofisticadas, com uma rapidez não somente motora, mas também cognitiva? Se olharmos um comando de direção de um carro de Fórmula Um, é quase impossível imaginarmos como um jovem piloto possa comandar ao mesmo tempo uma parafernália de botões, luzes de alertas e comunicações com engenheiros nos boxes, com extrema rapidez e eficiência. Estaríamos frente à formação de uma geração apta a pilotar naves espaciais e viver em estações espaciais? Seria Max More um visionário?

Não há dúvidas de que o tempo vem ganhando velocidade crescente. Como destacamos anteriormente, Raymond Kurzweil (MANERA, 2007,p.5) afirma que o computador atingirá um estágio de desenvolvimento “mental” igual

ao seu criador e será funcionalmente mais capaz que o próprio homem, a ponto de torná-lo obsoleto. Ao fazer a estimativa de que os *chips* de computadores poderão ser milhões de vezes mais poderosos que os atuais, Oliveira (2007) salienta também uma artificialização generalizada, produzida pelas três grandes promessas de inovação tecnológica: a robótica (a produção de sistemas capazes de comportamentos autônomos), a biotecnologia (a manipulação de componentes dos seres vivos, incluindo o código genético) e a nanotecnologia (a fabricação de dispositivos moleculares), que seriam capazes de produzir híbridos de humano e inumano (OLIVEIRA, 2007, p. 17).

À medida que aumenta o poder de manipular objetos em escala molecular, a tendência seria ocorrer uma integração crescente entre componentes orgânicos, gerados biologicamente, e componentes eletrônicos, fabricados artificialmente. Sínteses de carbono e de silício: essa fusão se daria por uma real mescla de formas, pela interpenetração entre terminais nervosos orgânicos e semicondutores; a perspectiva, por conseguinte, é a de que nosso devir seja nos tornarmos *cyborgs*, híbridos de células e *chips*.

Jair Ferreira dos Santos, autor do livro *Breve, o pós-humano* (2003), concorda igualmente que vivemos hoje uma revolução artificial em que as tecnologias de informação estão redefinindo a natureza humana. “Acabou a revolução natural do homem. A interação maior do ser humano não é mais com a natureza, e sim com as máquinas inteligentes... O que vivemos agora é a revolução artificial do homem...” (SANTOS, 2007, p. 19).

Apesar de afirmar que as linhas de força estão orientando para uma nova era, a era *pós-humana*, Santos acredita que a ecologia vá chegar

primeiro: “Trata-se do que defino como a ‘reanimalização’ do homem, que é o contrário do pós-humano. Se o homem não voltar a ser animal não haverá saída” (SANTOS, 2007, p. 20).

Para Santos (apud NOVAES, 2008), vivemos num tempo em que a ficção científica deixou de ser um sinônimo de fantasia, para tornar-se cifra de uma nova era, “[...] é a expressão de uma realidade potencial, que é parte de nossa realidade e que se manifesta ao mesmo tempo como ficção da ciência e ciência da ficção. Para sustentar sua afirmação, cita John More:

A ficção científica é o presente. Nós vivemos numa sociedade de ficção científica, e não me refiro apenas à tendência da sociedade de se cercar de aparelhos de alta tecnologia. O que quero dizer é a projeção no futuro, outrora o território do escritor de ficção científica, se transformou na modalidade dominante de pensamento. Esta é a influência da ficção científica no pensamento moderno. (SANTOS, apud NOVAES, 2008, p. 45).

A aceleração econômica global e conseqüentemente a aceleração tecnocientífica promove uma intensa tecnologização da vida humana e social.

Com efeito, vem crescendo nas últimas décadas a percepção de que estamos no limiar de uma nova era, no que concerne o indivíduo e à espécie, em virtude do modo como a aceleração econômica do capitalismo global engatou na aceleração tecnocientífica, a ponto de construir o que o poeta Heiner Müller designou como “estratégia de aceleração total”, que, em seu entender, vai conduzir ao desaparecimento do humano no vetor da tecnologia. (SANTOS, 2008, p. 479).

Continuando a reflexão sobre quais seriam as conseqüências do impacto da vertiginosa aceleração tecnocientífica sobre o ser humano, Santos (2008) ressalta que, ironicamente, “[...] estamos nos tornando seres primitivos dentro de nossa própria cultura” (SANTOS, 2008, p. 50).

Ao tratar da “obsolescência do ser humano”, Santos (2008) faz referência ao escritor de ficção científica Vernor Vinge, que publicou, em 1993, um artigo acadêmico intitulado “The Technological Singularity”, introduzindo uma polêmica ideia, na qual argumentava que “[...] estamos no limiar de uma mudança comparável ao surgimento da vida humana na Terra. A causa precisa dessa mudança é a iminente criação pela tecnologia de entidades com inteligência superior à humana”(apud SANTOS, 2008, p. 50). A esse acontecimento o autor nomeou como Singularidade Tecnológica, inspirando-se no termo Singularidade, empregado por John von Neumann (SANTOS, 2008, p. 50) nos anos 1950, para designar o momento em que o progresso tecnológico, cada vez mais acelerado, ocasionaria importantes transformações na vida humana, criando um “[...] ponto de mutação na história do homem, a partir do qual nada mais seria como antes, e nossos velhos modelos precisariam ser descartados” (SANTOS, 2008, p. 51).

Vernor Vinge (SANTOS, 2008) estabelece uma analogia entre esse acontecimento e o surgimento do homem, na perspectiva da evolução das espécies, sustentando que estamos entrando num regime tão radicalmente diferente do nosso passado humano quanto foi o dos homens com relação aos animais inferiores. “ Assim, tal analogia, ao mesmo tempo em que anunciava a 'superção' da espécie, consagrava o advento da era pós-humana” (SANTOS, 2008, p. 51).

Ray Kurzweil, em seu livro *A era das máquinas espirituais* (1999), aposta na aceleração como fator de superção do humano com a convergência de três revoluções tecnológicas – biotecnologia, nanotecnologia e robótica –,

todas elas baseadas na ciberneticização da ciência e nas tecnologias da informação digital e/ou genética:

A evolução tem sido vista como um drama de um bilhão de anos que levou inexoravelmente à sua maior criação: a inteligência humana. Nas primeiras décadas do século XXI, a emergência de uma nova forma de inteligência na terra, que *possa competir com a inteligência humana, e no fim das contas superá-la* de modo significativo, será um desenvolvimento de maior importância do que a criação da inteligência que a criou, e terá profundas implicações em todos os aspectos do esforço humano, incluindo a natureza do trabalho, o aprendizado humano, os governos, a guerra, as artes e nosso conceito de nós mesmos. (p. 52).

No entanto, a mutação engendrada por esse desenvolvimento não se limita ao biológico. Há uma mutação do tempo no mundo contemporâneo, e Ogária Matos (2008) afirma que:

No mundo contemporâneo, a impressão que se dá é que existe um “não-tempo”, uma experiência de tempo que não passa, porque ele não se faz mais com experiências. Na verdade, experiência supõe uma relação de conhecimento com valores e acontecimentos do passado que são transmitidos das formas mais diversas... Hoje não temos mais tempo para essa tessitura coletiva das experiências dos sonhos, das expectativas. (p.12).

Para Ogária Matos (2008), desde os séculos XVI e XVII, com o advento da crença moderna num universo infinito, prenuncia-se o fim do cosmos fechado grego e da transcendência medieval. Dissipa-se tanto a ideia de mundo perfeito de universo finito, proveniente do mundo grego com o conceito de cosmos, limitado em um espaço e tempo fechados, em que cada coisa ocuparia seu lugar, assim como também se esvai a ideia, da Idade Média, do tempo regido por uma criação divina. Entra em cena o universo infinito, e o limite passa a ser entendido como barreira, como privação. Modernização significa, assim, a passagem de um mundo com regras conhecidas para um

mundo instável e incerto. De acordo com Matos (2008), o tédio é contemporâneo da filosofia do progresso, do pensamento que banizou os milagres da Bíblia e das transformações culturais e da visão de mundo mecanicista de estilo cartesiano:

Se a compreensão religiosa grega e escatológica cristã dos fins últimos da vida e do universo – em que são limitados os horizontes de expectativas – o futuro vinculando-se ao passado – não previnem essas sociedades de disfunções e conflitos, elas não apresentam, porém um mal-estar próprio à modernidade: “o tédio e o vazio de sentido não parecem ter sido um problema maior para essas sociedades. (MATOS, 2008, p. 236).

Como já pontuamos anteriormente, para Olgária Matos, o capitalismo produz carência, cria necessidades infinitas e valoriza os excessos. O tempo de consumo, o tempo concreto, objetivo, é que determina o tempo interno. É um tempo de satisfação imediata dos desejos. Não pode haver frustrações nem adiamentos. Como consequência, não há tempo para elaboração do pensamento. O tempo da subjetividade, necessário para qualquer tipo de mediação, é abolido pela busca do gozo instantâneo, e “[...] todas as experiências humanas que necessitam tempo, da longa duração, ficam comprometidas: amizades, relação pais e filhos, amor” (idem, p.14). A ideia de futuro não é mais a de um tempo longo e que vai acontecer. O imediatismo da gratificação compromete a ideia de futuro, impondo a ação direta, principalmente sobre a juventude, cujo psiquismo ainda em formação a torna mais maleável às influências da celeridade do mundo, embora sejam exatamente os jovens que mais precisam de tempo para edificação de sua já precária identidade psíquica, social e cultural. Necessitam de tempo para desejarem um futuro, construir um projeto, o que gera insegurança e medo,

abrindo caminho para um sentimento de vazio, para a falta de um “ideal de espírito”:

Então quando se fala “os jovens não tem expectativas de futuro” – não têm um monte de coisa porque não tem expectativas de futuro e não sabem o que fazer com o tempo. Porque esse capitalismo produz uma cultura e uma educação cuja atividade cerebral é próxima de zero... Ai quer que a juventude faça o que? Vira delinqüente ou vira entediado. Porque o tempo que lhe é imposto como forma por excelência da vida é o consumo de bens materiais. Sem nenhum ideal de espírito. (idem, p. 14).

Com a aceleração do tempo, o excesso de informações não possibilita uma vida intelectual e afetiva, pois, segundo Matos (2008, p. 245), “[...] se cada vez mais se dispõe de informações, isso não significa ter informações a mais, porque o tempo para transformá-las em compreensão e experiência não aumenta proporcionalmente”. Citando Bernard Stiegler, conclui que a saturação cognitiva, por um lado, induz à perda da cognição e do conhecimento e, por outro lado, a saturação afetiva engendra um desafeto generalizado.

Quando tomamos nosso mundo como um mundo essencialmente hipercinético, não temos dúvida em situá-lo como um mundo traumático por excelência, conforme a acepção de trauma que o entende como a incidência, sobre o psíquico, de uma profusão de estimulações. Paradoxalmente, o mundo atual tende para o esmaecimento do trauma, para seu deslocamento como experiência fundante do sujeito e do mundo. A remoção ou o abrandamento de barreiras e filtros para a passagem das superestimulações do mundo criam uma atitude de recepção, baixa resistência e assentimento passivo, necessária para os propósitos da sociedade imediatista e consumista. A evitação de confrontos é uma tendência atual, pós-moderna e pós-humana. Não se concebe mais a construção do mundo como feita por embates, por

experiências fortes e contundentes, como se concebia e se fez a modernização do mundo. Sequer se compreende, hoje, a relação do homem com a natureza como um relacionamento áspero e beligerante, destinado a tornar o homem soberano e autônomo, com a criação de um mundo artificial.

Isso posto, seria o mundo contemporâneo um mundo pós-traumático, produtor de uma geração de indivíduos que se despotencializam, se tornam vazios e obsoletos, ao se fundirem com a máquina? A fusão carbono/silício, na concepção pós-humana, representaria o fim do homem, tal como o conhecemos hoje? Se aceitarmos essa afirmação, o tédio apareceria, portanto, como um sentimento humano derradeiro, prenunciando o advento de um mundo pós-humano e pós-traumático?

CAPÍTULO 3

TRAUMA CONTEMPORÂNEO: VELOCIDADE E TÉDIO

3.1 - As raízes da traumatologia psíquica

Freud foi um exímio intérprete do seu tempo, ao enfatizar o papel do trauma na constituição psíquica do sujeito. A noção de trauma surgiu muito cedo, em sua teoria. Já nos *Estudos Sobre a Histeria* (1895), ela comparece no bojo da convicção de Freud e Breuer de que os sintomas histéricos possuíam uma origem bem definida, embora difícil de ser determinada, por ser inconsciente: uma experiência afetivo-emocional impactante, vivida de maneira conflitiva e com bastante constrangimento ou sofrimento. Por isso mesmo, seus esforços terapêuticos, na época, se concentravam na busca dessas experiências traumáticas que retinham os afetos a ela associados e, justamente por não serem descarregados, acabavam, segundo entendiam, se transformando em sintomas, por associação. A ab-reação era peça-chave para a liberação do afeto retido no trauma, e podia ser obtida com a recordação da cena traumática. A evocação da experiência conflituosa, mediante uma imagem apropriada capaz de desfazer as distorções das imagens geradas pelo sintoma, seria suficiente para descarregar o afeto e desfazer ou minimizar o trauma.

Nessas concepções embrionárias, o trauma se apresenta com propriedades fundamentais que serão mantidas em teorizações posteriores: trata-se de uma experiência forte, impactante e chocante, capaz de produzir uma marca profunda, uma fixação, um fantasma, que rondará a mente vida

afora, se não for re-escavado, desvelado e posto à mostra, com a consequente descarga do afeto ligado a ele.

O perigo ansiogênico não se resume ao fato de as estimulações que assaltam o ego serem diversificadas (complexas) ou intensas. Decorre, também, da natureza dos conteúdos psíquicos (pulsionais) que podem representar ameaças e gerar temores, até mesmo pelas recriminações e censuras que pesam sobre eles. Conforme destaca o próprio Freud (1933, p.85), uma vez formado o Super-ego, ele passa a ser a grande fonte de ameaça e temor, por conseguinte, o disparador de reações ansiosas do Ego e fonte de forças traumáticas. Levar em consideração o conteúdo ou o sentido da experiência, na constituição do trauma, é importante, porque lhe dá um caráter dinâmico e não estático.

O sentido de uma experiência muda com o tempo, ao se conectar com outras experiências advindas de novas relações e vínculos. As conexões das experiências do passado com as do presente produzem influências mútuas, transformações recíprocas dos sentidos que as estampam. Dessa forma, é necessário considerar que uma experiência passada pode ser ressignificada, ganhar nova luz e inteligibilidade e conectar-se a novos afetos e coloridos emocionais, quando recuperada posteriormente ou quando se infiltra nas experiências atuais do sujeito. A experiência pode ser pró-ativa, agindo no direcionamento das posteriores ou retroativa, quando retorna para modificar as anteriores. Os traumas da guerra, por exemplo, ilustram bem tanto vivências de um desarranjo brutal do cotidiano, repentinamente invadido por violência, morte, pânico, escassez e outras mazelas, quanto desarranjos e perturbações que tais vivências deflagravam posteriormente, quando evocadas ou revividas

em outros cenários.

Ainda que consideremos as experiências traumáticas como formadoras de núcleos imantados que atuam como uma forte força de gravidade sobre os demais conteúdos psíquicos, ficam sujeitos a receber contragolpes capazes de produzirem neles alguma modificação. O trauma não é estático, mas se encontra em movimento, realizando catálises espaço-temporais e se modificando com elas, a saber, incorporando outros sentidos e recebendo novas traduções. Pode se enrijecer, quando as catálises reforçam seus núcleos mais duros, ou pode se flexibilizar, quando os novos conteúdos amolecem aqueles registros mais sólidos.

O fundamental aqui é ter presente que o trauma não se define apenas por quantidades, mas também por qualidades. Quando Freud se refere ao trauma como resultado de uma forte estimulação ou de uma variedade de estimulações que o Ego não consegue dominar, está enfatizando um critério quantitativo. Porém, quando ressalta a importância do conteúdo ou do sentido da estimulação (ameaçadora, assustadora, invasiva e assim por diante), está destacando um critério qualitativo. Evidentemente, teríamos que levar em consideração ambos os critérios e entender que o trauma depende tanto da força ou da diversificação dos estímulos, quanto do sentido que adquirem, quando afetam o sujeito. Aliás, a propriedade de um afeto ser intenso ou diverso não lhe é intrínseca, mas depende da maneira como o sujeito o apreende. A intensidade ou a variedade dos afetos não são fatos objetivos, mas subjetivos, subordinados à linguagem, da maneira como o sujeito os apreende, reage a eles e os registra. O fenômeno da “banalização”, na atualidade, enfatizado por muitos autores, é um bom exemplo de como

acontecimentos acompanhados de fortes intensidades objetivas podem ser apreendidos com baixas intensidades subjetivas, isto é, não afetarem o sujeito e serem incapazes de gerar algum trauma ou evocarem outros já estabelecidos.

A noção de trauma pode ser compreendida dentro da lógica de um tempo no qual o mundo, o homem, a natureza e tudo o mais eram concebidos como estando imersos num universo de conflitos e contradições. A modernidade, sobretudo no seu período áureo, como foi o século XIX e o início do século XX, cravou fortemente a ideia de conflito. Tudo era percebido como sendo constituído por contradições. Não foi à toa que a própria lógica dialética frutificou nesse período. O mundo moderno, ele próprio em profundo embate com o antigo regime, teve como um de seus signos principais a destruição do antigo para a criação do novo (HARVEY, 1998, p.26). Tratava-se de colocar abaixo as antigas estruturas sociais, políticas, econômicas e o próprio modelo de homem antigo, para colocar no lugar um novo mundo e um novo homem.

A modernidade carrega consigo um espírito belicista, guerreiro, que marcará profundamente a subjetividade. O homem moderno é o homem determinado, empreendedor, corajoso, disposto a enfrentar até Deus para se colocar como sujeito de si e de seu mundo. Freud foi sensível a esse espírito moderno, ao conceber a subjetividade, o aparelho psíquico e seu funcionamento como caracterizados por conflitos.

Um rápido olhar sobre as concepções de Freud revelam um homem psicológico constituído por conflitos e contradições. Ao inconsciente se opõe a consciência; ao processo primário se opõe o secundário; ao princípio do prazer se opõe o princípio da realidade, ao Ego se opõe o Id e o Superego; às pulsões

de vida se opõem as pulsões de morte e assim por diante. O sujeito freudiano é o sujeito do conflito – e não poderia ser de outra forma esse sujeito nascido da histeria.

O trauma se insere nessa concepção mais ampla do psiquismo como sendo formado por conflitos e contradições, por forças opostas, contrastantes e em rota de colisão. A traumatologia da nascente modernidade se alojou no centro do mundo e do sujeito, e foi exatamente isso que Freud captou, ao conceber o psíquico como um campo de forças em conflito e ao conceber a relação entre indivíduo e sociedade como uma relação de embates, confrontos, lutas e renúncias.

A noção de trauma fez bastante sucesso na época de Freud, e não somente no campo da Psicologia. A própria sociedade e natureza eram também vistas como constituídas por conflitos. Marx e Darwin são dois ilustres representantes desse tipo de visão da realidade. Todavia, ainda que possamos reconhecer nosso tempo como um estágio avançado da modernidade, cabe a pergunta: ainda vivemos sob o signo do trauma? Sob o signo do conflito? Sob o signo do embate?

3.2- Desaceleração subjetiva e despotencialização do trauma na contemporaneidade

Quando tomamos nosso mundo como um mundo essencialmente hipercinético, não temos dúvida em situá-lo como um mundo traumático por excelência, segundo a acepção de trauma que o entende como a incidência, sobre o psíquico, de uma profusão de estimulações. No entanto, num olhar

amplo sobre nosso tempo, não são aquelas imagens modernas de um mundo em ebulição e “guerra” que se realçam, mas aquelas de um mundo em harmonia ou pelo menos não tomado por embates constantes. É certo, sim, que a violência e a guerra continuam existindo, porém, no plano dos valores, não é isso que se deseja.

Além do enfraquecimento das imagens de colisão, o mundo atual não se afigura por imagens de concretude, sendo experimentado predominantemente de forma abstrata ou imaterial. A experiência da imaterialidade se realiza, especialmente, pela substituição da coisa pela sua imagem, a saber, uma imagem que se impõe por si mesma, rompendo radicalmente com referência exterior a ela, com qualquer princípio de representação, o que Debord (1997) aponta como sendo o pilar-mestre da sociedade do espetáculo.

A linguagem assume uma importância fundamental, no processo de desprendimento do homem da experiência direta e automática da materialidade do mundo. Pela linguagem, as materialidades são postas na relação com o homem e assumem significação, orientadoras das ações. As tecnologias de produção e difusão de informação, na atualidade, tornam o mundo e a vida impregnados de signos, de mensagens circulando em tal velocidade que produzem a sensação do chamado “tempo real”. Virilio (1993) caracteriza a profusão de informação nos diferentes meios e circuitos de comunicação como um estado de “poluição dromosférica”:

Ao lado dos fenômenos das poluições atmosférica, hidrosférica e de outros tipos, existe um fenômeno despercebido de poluição da extensão, que proponho designar como “poluição dromosférica”, de *dromos*, corrida. De fato, a contaminação atinge não somente os elementos, as substâncias naturais, o ar, a água, a fauna ou a flora, mas ainda o espaço-tempo de nosso planeta. (VIRILIO, 1993, p.105).

Um pouco mais adiante, em seu texto, arremata sua denúncia da poluição dromosférica, quer dizer, do excesso de velocidade, com a consequente saturação dos espaços:

Quando haverá sanções jurídicas (para a poluição dromosférica)? Uma “limitação de velocidade”, causada não por um provável acidente de trânsito, mas em virtude dos riscos provenientes do esgotamento das distâncias de tempo e, portanto, da ameaça de inércia, ou seja, de acidentes do estacionamento. “De que serve ao homem ganhar o mundo inteiro se ele termina por perder sua alma? [...] Perder sua alma, ou seja, *anima* o próprio ser do movimento”. (VIRILIO, 1993, p.108).

Entretanto, a saturação do tempo e do espaço, por si, não são capazes de produzir colisões traumatizantes de estímulos no sujeito. As intensidades ou variedades que dão aos estímulos o poder de traumatizar são aquelas decorrentes do sentido. Numa sociedade da informação, os estímulos são, especialmente, signos que rondam e bombardeiam o sujeito, deixando-o estonteado com o excesso. A velocidade do mundo é a velocidade da linguagem, da informação, da comunicação que traz mais rapidamente o mundo para o sujeito. O consumidor é, sobretudo, um consumidor de signos calcados nos objetos, nos produtos físicos. Isso é o que torna a marca, por exemplo, mais importante ou valiosa do que o produto fisicamente constituído. Sem isso, as grifes não se estabeleceriam como mercadoria.

Tal desprendimento da marca do produto remete-se a algo ainda maior que diz respeito ao distanciamento do representante do seu representado, ao distanciamento do signo da coisa à qual se refere. No mundo atual, esse distanciamento gera uma abstração radical, afastando cada vez mais o sujeito do contato direto com as coisas do seu mundo, inclusive do seu

mundo pulsional. As relações do sujeito com seu mundo passam a ser cada vez mais indiretas, mediadas por sistemas de conhecimento, de ação, de sentimentos e afetos que o substituem, que fazem por ele aquilo que os desejos, eles também alienados e administrados, demandam. A publicidade se encarrega do que desejar, o mercado se encarrega de prover os objetos e meios de satisfação, os sistemas peritos formados pelo conhecimento técnico-científico se encarregam de resolver os eventuais problemas e sofrimentos.

A onipresença dos sistemas abstrato-peritos (GIDDENS, 1991), na vida do homem, na mediação de suas experiências, funciona como um poderoso anteparo em relação ao trauma. A vida *light*, politicamente correta, regrada e administrada pela racionalidade perita, procura afastar as experiências mais virulentas, as experiências traumáticas. Assim, a Pediatria e a Ginecologia, por exemplo, cuidam de minimizar a dor do parto e o impacto do nascimento para o bebê, tentando prevenir situações traumáticas. O célebre “trauma do nascimento”, que fez tanto sucesso na Psicologia, tomado como marcador de psicopatologias futuras, foi substancialmente despotencializado pelas tecnologias médico-psicológicas desenvolvidas para instrumentalizar e administrar a experiência do nascimento, suavizando sua tragicidade.

O mundo atual tende para o esmaecimento do trauma, para seu deslocamento como experiência fundante do sujeito e do mundo. Não se concebe mais a construção do mundo como feita por embates, por experiências fortes e contundentes, como se entendia e se fez a modernização do mundo. Sequer se entende, hoje, a relação do homem com a natureza como um relacionamento áspero e beligerante, destinado a tornar o homem soberano e autônomo, com a criação de um mundo artificial. O pensamento

ecológico expressa bem essa busca de harmonização e evitação de confrontos como tendência atual ou pós-moderna. Aquilo que antes, na modernidade clássica, era visto como motor da vida, do mundo e da história, caiu em descrédito, como a luta de classes, o conflito entre gerações, a dominação da natureza, as disputas territoriais, as guerras e assim por diante.

Resta saber se as célebres oposições entre consciência e inconsciente, entre desejo e interdição, processo primário e secundário, princípio do prazer e princípio da realidade também estão ajustadas ou contemporizadas, de forma a não representar mais fonte de preocupações ou de ocorrências traumáticas. Estará o trauma, regido pelo princípio do conflito, norteador da modernidade clássica, do século XIX, em franco declínio na pós-modernidade? Estaríamos vivendo uma sociedade ou um mundo pós-traumático? Seria o sujeito contemporâneo um sujeito pós-traumático, compreendendo por isso um sujeito que não tem mais o conflito, o sofrimento, os choques, os embates, como cerne de sua constituição? Será que a edificação do pós-humano tira de cena o principal fator de discórdias e conflitos: o próprio homem?

A propósito, uma leitura mais ampla do trauma permite situá-lo tanto como força de paralisação e imobilização do sujeito, quanto como força de impulsão, de mobilização do ser humano, por conseguinte, como elemento constituinte fundamental do sujeito e do processo de produção de subjetividade. O trauma instiga, põe o aparelho psíquico em funcionamento, mesmo que o perturbando e o amedrontando. Funciona, além disso, como um código de leitura das experiências mediante o qual ganham significação, ainda que estigmatizadoras e monossêmicas. O trauma remete-se a enfrentamentos,

a uma vida virulenta e intensa, mesmo que o resultado seja desfavorável ao sujeito.

Junto à velocidade paralisante, tem-se o sentido despotencializado, *light*, sem propriedades fundamentais ou capazes de gerar impactos fortes, assim como os alimentos dietéticos. A vida vai assumindo sabores atenuados, estímulos domesticados, amortizados, que acabam gerando pouco impacto. A noção de trauma se enfraquece junto com o enfraquecimento do sujeito, da subjetividade terceirizada para os sistemas abstrato-peritos que estabelecem o que sentir e como agir. Mais uma vez, os saberes e práticas que instruem as experiências iniciais da vida, mas não só elas, evidentemente, podem ser tomados como grandes exemplos. Os profissionais especializados prescrevem os cuidados da gestação, do parto e das experiências iniciais, nos mínimos detalhes. Chegam ao requinte de recomendar às mães que olhem carinhosamente para seus bebês, enquanto os amamentam. Pesquisas várias se encarregam de demonstrar cientificamente como tal prática é saudável para a criança e importante para seu futuro.

Com tanto cuidado e sofisticação tecnológica, os traumas estariam condenados, não fosse, entretanto, a presença do inconsciente, sempre arredo aos ditames da racionalidade e disposto a aplicar seus golpes de rebeldia. Novamente, a produção de sentido entra em cena como elemento fundamental da subjetividade.

A velocidade do mundo contemporâneo, que *a priori* é vista como um impulso, um estímulo para levar o ser humano ao crescimento, paradoxalmente, torna-se paralisante, como num estupor psicótico, comportando-se como um dos agentes do antitrauma. Um bombardeio tão

intenso e dirigido a um sujeito deveras despotencializado e desguarnecido, que ultrapassa o limiar de percepção ou, como salienta Virilio (op.cit.), gera a inércia pelo extremo esgotamento do tempo.

Simmel (1903) e Baudelaire (1869/2007) já visualizam, na modernidade do século XIX, o efeito paralisante, entediante e desmobilizador das superexcitações produzidas pelas urbes em estado de crescimento e ebulição. Tal efeito se torna ainda mais intenso, quando a superexcitação incide sobre um sujeito despotencializado, como acontece na atualidade.

Frente às situações descritas, o refúgio à solidão, o desinteresse pelo coletivo, o despreço pelo outro se tornam manifestações várias de condutas antissociais, as quais são indicativas do fracasso do homem em edificar uma associatividade ampla e irresistivelmente atraente e vantajosa para seus partícipes.

Poderíamos, então, inferir que um dos principais sintomas decorrentes da *destraumatização* do contemporâneo é o tédio, que pode ser traduzido como uma apatia e o desinteresse pelo outro, como uma dificuldade de constituir vínculos fortes e duradouros. Trata-se de forma de subjetivação mais corrosiva do que a delinquência e a agressividade, porque a indiferença, como sublinhava Freud (1915/2006), é o verdadeiro oposto da atração, seja ela amorosa, seja destrutiva, e é ela que revela a desesperança, diferentemente da agressividade, que revela esperança, a busca de algo, o desejo do outro, ainda que concretizado em formas sádicas.

CAPÍTULO 4

ADOLESCÊNCIA DA MODERNIDADE À PÓS-MODERNIDADE

A adolescência é um momento privilegiado na transição entre passado e futuro, é uma travessia em que o tempo não é linear. É uma vivência subjetiva complexa, em que há momentos de transgressão, numa busca desesperada pelo futuro, e momentos regressivos, com uma volta e fixação ao passado.

As idades da vida são construções sociais que se utilizam do tempo para segmentar e diferenciar características biopsicológicas. Portanto, cada época e cada cultura criam cronologias diferentes para classificar e tipificar a trajetória de vida, a ontogenia, pontuando mudanças orgânicas e psicológicas e estabelecendo fases do processo de desenvolvimento. Infância, adolescência e idade adulta não são categorias universais nem absolutas, devendo ser apreendidas no contexto no qual são edificadas. Mesmo dentro de um dado tempo e lugar encontramos diferenciações significativas na vivência concreta de fases da vida, posto que desigualdades econômicas, sociais, além de singularidades da experiência e da história do sujeito, fazem com que não haja um padrão comum e invariável de existência ao longo da história de vida.

Os influxos socioeconômicos se evidenciam nas classes sociais, fazendo com que haja diferenças substanciais entre pobres e ricos, quanto à vivência da adolescência. Nas camadas populares, agredidas pela atual estrutura econômica pós-industrial⁵, a infância e a adolescência são

⁵ A sociedade pós-industrial nasceu com a Segunda Guerra Mundial, a partir do aumento da comunicação entre os povos, com a difusão de novas tecnologias e com a mudança da base econômica. Trata-se de um tipo de sociedade já não baseada na produção agrícola, nem na

vivenciadas de forma muito diferente daquela apregoada culturalmente como a ideal e desejada. O trabalho precoce, a pobreza, a violência, o desamparo familiar e social, além de tantos outros problemas, se abatem de forma cruel sobre a adolescência dos mais pobres. Nesses grupos, podemos observar um desaparecimento da infância e da adolescência e uma entrada prematura na vida adulta. Em grupos sociais mais privilegiados, a adolescência se prolonga por mais de vinte anos, pela dependência econômica dos pais e pela ampliação da formação educacional, tendo em vista as aspirações profissionais.

Segundo o último censo do IBGE (2010), a faixa etária entre 10 e 24 anos corresponde, aproximadamente, a 26,9% da população nacional, tendo grande expressividade populacional. A Organização Mundial de Saúde (OMS) delimita a adolescência como a segunda década de vida, período compreendido entre os 10 e os 19 anos, 11 meses e 29 dias. Define como um processo fundamentalmente biológico de vivências orgânicas, no qual se aceleram o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade; a juventude é definida como o período que vai dos 15 aos 24 anos. Há, logo, intersecção entre a segunda metade da adolescência e os primeiros anos da juventude. O Ministério da Saúde toma por base a definição da OMS e recorre aos termos “população jovem” ou “pessoas jovens”, para referir-se ao conjunto de adolescentes e jovens, ou seja, a abrangente faixa compreendida entre 10 e 24 anos.

indústria, mas na produção de informação, serviços, símbolos (semiótica) e estética. A era pós-industrial é conhecida também como a era da informação e do conhecimento.

Há uma tendência de alguns autores contemporâneos, como Jurandir Freire Costa (2006) e Joel Birman (2006), de utilizarem o termo *juventude* para se referir a uma fase da vida, constituída num processo sociocultural que visa à preparação dos indivíduos para assumirem o papel de adulto na sociedade, no plano familiar e profissional. Já o termo *adolescência* é usado de acordo com os conceitos estabelecidos pela Organização Mundial de Saúde, que tem como referencial principal os conceitos médicos e das teorias psicanalíticas clássicas, como as definições de Arminda Aberastury (1990). Existem, ainda, autores que criticam radicalmente qualquer critério cronológico, advogando que a juventude pode ser um estado de espírito ou um modo de vida que pode estar presente em qualquer idade. Por essas considerações, empregaremos, em nosso trabalho, o termo *adolescência* como sinônimo de *juventude*, porém, entendendo-os como um período de mudanças com forte presença das chamadas "influências sociais" no funcionamento psicológico e na constituição do sujeito.

A experiência do tempo e do espaço percorre, evidentemente, todas as fases da vida, mas é na adolescência que ela se constitui de forma mais contundente. É um período no qual nossa cultura reserva para o jovem o descortinamento do mundo, abrindo-lhe espaços vários à frente, permitindo e até estimulando a experimentação de relações emocionais e sociais diversas. O tempo é outra experiência marcante da nossa juventude, tanto por ser colocada num ritmo de vida acelerado, quanto por ser posicionada entre o passado e o futuro. Talvez não exista melhor forma de caracterizar essa posição do adolescente no tempo do que aquela utilizada por Arendt (1972)

para abordar a historicidade do homem, emprestando uma parábola de Kafka, para dizer que Ele, o homem, é acossado por duas forças, uma que o empurra para frente – o passado – e outra que o empurra para trás – o futuro. Complementa seu raciocínio, afirmando que Ele tem que lutar contra essas duas forças, para construir seu próprio caminho, como uma linha diagonal criada a partir do ponto de atrito entre as forças oposta advindas do passado e do presente.

De acordo com Jurandir Freire Costa (2006), o adolescente começa a imaginar o futuro como um horizonte no qual os ideais dos pais são apenas uma entre muitas outras formas de realização possíveis:

É importante, portanto, que eles tenham à disposição um acervo de experiências históricas que os ajudem a seguir em frente com segurança, mesmo quando aspiram a mudar as visões de mundo e os padrões de condutas dominantes. (COSTA, 2006, p.17).

As transformações sociais, quando revolucionárias, com quebras de padrões dominantes de mundo, deveriam proporcionar o crescimento e aperfeiçoamento da sociedade, tendo o jovem, o adolescente, como agentes transformadores, através da transgressão e pela não aceitação de um mundo pré-estabelecido, como assinala Becker:

[...] o jovem que se rebela contra determinados valores, estigmas, preconceitos e (con)tradições que lhe tentam impor não significa necessariamente que ele está doente ou atravessando uma crise psicológica normal. Podemos explicar este fenômeno como a passagem de uma atitude de simples espectador para uma outra ativa questionadora que vai gerar revisão, auto-crítica e transformação que será fundamental tanto para o desenvolvimento da sua própria personalidade como para o aperfeiçoamento da sociedade em que ele vive. (BECKER, 1985, p.9).

Durante um longo tempo, vivemos amparados na ilusão de que o futuro do homem se ergueria com o avanço da ciência e da razão. A identidade

cultural, promovida pelas experiências históricas, seria a garantia de uma transgressão adolescente com limites bem estabelecidos. É a célebre frase de Che Guevara, que norteia a educação dos filhos: *“Hay que endurecer, pero sin perder la ternura jamás”* – flexibilidade com regras e limites. Entram em cena as concepções de adolescência da modernidade, sendo o jovem potencializado, viril, transgressor, mas que, de certa forma, teria a segurança da identidade paterna/familiar, para a qual poderia retornar. A música de Belchior (1976)⁴ – *“Como nossos pais”* – retrata bem essas afirmações:

Já faz tempo
 E eu vi você na rua
 Cabelo ao vento
 Gente jovem reunida
 Na parede da memória
 Esta lembrança
 É o quadro que dói mais...

Minha dor é perceber
 Que apesar de termos
 Feito tudo, tudo, tudo
 Tudo o que fizemos
 Ainda somos os mesmos
 E vivemos
 Como os nossos pais...

São infindáveis os exemplos da atitude potencializada, opositora, da juventude que tinha uma esperança, uma utopia. Quando citamos as organizações políticas contestadoras, não poderíamos deixar de lembrar os embates armados contra a Ditadura Militar de 1968, tendo o jovem como principal ator. Um exemplo disso está bem próximo de nós: a participação

⁴ Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes, compositor e cantor brasileiro; a música *Como Nossos Pais* foi apresentada no álbum *Alucinação*, em 1976, pela gravadora Polygram.

contundente da jovem Helenira Resende de Souza Nazareth, que foi dada como desaparecida aos 28 anos de idade, num confronto armado; era filha de um médico, negro, comunista, que atendia na cidade de Assis, e que deixou como única herança seu nome em uma das ruas da cidade. A publicação do Ministério da Justiça – *Direito à Memória e à Verdade* – faz referência à jovem revolucionária:

Helenira Resende de Souza Nazareth, codinome Fátima na guerrilha do Araguaia, era militante do PCdoB e morreu entre 28 e 29/09/1972.

Foi metralhada nas pernas e torturada até a morte, segundo depoimento da ex-presa política Elza de Lima Monnerat.

O jornal A Voz da Terra, da cidade paulista de Assis – onde ela cresceu, publicou extensa reportagem a seu respeito na edição de 08/02/1979, contando que a coragem da jovem irritou a tropa. No livro “A Lei da Selva”, Hugo Studart relata sua morte como ocorrendo na localidade Remanso dos Botos, em choque com uma patrulha de fuzileiros navais. Ao ser questionada sobre o paradeiro dos companheiros, Helenira teria respondido que poderiam matá-la, pois nada diria. Nascida em Cerqueira César, no interior paulista, era filha de um médico conhecido e respeitado por suas tendências humanistas. Aos quatro anos, mudou-se para Assis, onde cresceu. Já residente na capital paulista, cursou Letras na Faculdade de Filosofia da USP, sendo eleita presidente do Centro Acadêmico. Tornou-se importante liderança no Movimento Estudantil, onde ganhou o apelido de “Preta”. A primeira prisão de Helenira aconteceu em junho de 1967, quando escrevia nos muros da Universidade Mackenzie: “Abaixo as leis da ditadura”. Voltou a ser presa mais duas vezes, uma delas em Ibiúna (SP) durante o 30º Congresso da UNE, entidade da qual era vice-presidente. Passou pelo Presídio Tiradentes, pela sede do DOPS e pelo Presídio de Mulheres do Carandiru. A família conseguiu libertá-la mediante habeas-corpus na véspera da edição do AI-5. A partir de então, já militante do PCdoB, passou a atuar na clandestinidade, até mudar-se para o Araguaia.

Outros exemplos encontramos fartamente na cultura. Na música que dá nome ao disco “E Vamos à Luta” (1980), Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, conhecido como Gonzaguinha, faz uma clara referência ao adolescente como esperança de mudanças:

Eu acredito é na rapaziada que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada que não foge da fera

E enfrenta o leão
 Eu vou à luta com essa juventude
 Que não corre da raia a troco de nada
 Eu vou no bloco dessa mocidade que não tá na saudade
 E constrói a manhã desejada
 Aquele que sabe que é negro o coro da gente
 E segura a batida da vida o ano inteiro
 Aquele que sabe o sufoco de um jogo tão duro
 E apesar dos pesares ainda se orgulha de ser brasileiro
 Aquele que sai da batalha entra no botequim pede uma cervinha gelada
 E agita na mesa uma batucada aquele que manda o pagode
 E sacode a poeira suada da luta e faz a brincadeira
 Pois o resto é besteira e nós estamos pelaí...
 Acredito é na rapaziada que segue em frente e segura o rojão
 Eu ponho fé é na fé da moçada que não foge da fera
 E enfrenta o leão eu vou à luta é com essa juventude
 Que não corre da raia a troco de nada,
 Eu vou no bloco dessa mocidade
 Que não tá na saudade e constrói a manhã desejada...

O adolescente, como portador da bandeira da rebeldia, nas décadas de 70 e 80, também se inspira na música contestadora latino-americana, com Héctor Roberto Chavero, que utiliza como pseudônimo *Atahualpa Yupanqui* (1908-1992), Victor Jarra (1932-1973), Violeta Parra (1917-1967) e, no Brasil, como grande ícone, Geraldo Vandré. O cantor e compositor paraibano Geraldo Vandré foi um dos maiores contestadores do regime militar neste país, tendo composto e gravado inúmeras canções que se tornariam verdadeiros textos panfletários de inconformismo, naqueles tenebrosos anos finais da década de 60, 70 e 80. A contestação foi a marca da rebeldia adolescente, não se permitindo outras formas de comportamento, consideradas subservientes ao poder dominante. Prova disso é um episódio contado por Caetano Veloso, em seu livro *Verdade Tropical*, em que Geraldo Vandré contesta Caetano e a cantora Gal Costa, inconformado com a gravação da música *Baby*, no disco *Tropicália* – que deu nome ao movimento Tropicália (1967-1968) – acusando-os de serem condescendentes com a cultura estadunidense e com o cantor

Roberto Carlos, visto, na época, como porta-voz da Ditadura Militar. Diz a letra da canção de Caetano:

Você precisa saber da piscina, da
Margarina, da Carolina, da gasolina
Você precisa saber de mim
Baby, baby, eu sei que é assim
Você precisa tomar um sorvete
Na lanchonete, andar com gente
Me ver de perto.
Ouvir aquela canção do Roberto
Baby, baby, há quanto tempo
Você precisa aprender inglês
Precisa aprender o que eu sei
E o que eu não sei mais
E o que eu não sei mais
Não sei, comigo vai tudo azul
Contigo vai tudo em paz
Vivemos na melhor cidade
Da América do Sul
Você precisa, você precisa
Não sei, leia na minha camisa
Baby, baby, I love you

Não pretendemos dar um cunho político-ideológico a nossas observações, mas pontuar as diversas formas de manifestações adolescentes, tendo como características a combatividade, o inconformismo, a necessidade do confronto com as figuras que representam os poderes constituídos, tendo como objetivo a diferenciação, a individualização, a busca identitária.

A infância e a adolescência recebem uma atenção especial da modernidade. Na verdade, passam a ser pilares de uma sociedade que prega fervorosamente a ruptura de tudo que significa velho e antigo e se lança, com o mesmo fervor, à promoção do novo, da transformação e do progresso. Na modernidade clássica dos séculos XIX e meados do XX, a adolescência era expressão de vitalidade física e mental, portanto, motor propulsor das grandes realizações, das mudanças e da criatividade. A lógica do conflito, central no pensamento moderno, tomará a adolescência como expressão dos grandes

embates psicológicos e sociais, travados na ontogenia, na história de vida do sujeito.

A ruptura da dependência infantil, os conflitos familiares, o confronto de valores e de gerações, a contestação, a rebeldia e a busca frenética pela aventura são algumas das imagens com as quais a modernidade, espelhada em si mesma, irá retratar a adolescência. A angústia gerada nas vivências conflitivas é exaltada como um grande impulso para as experiências estruturantes na construção da subjetividade, pois a confiança no futuro estava sempre presente.

O pensamento modernista, ao lado do pós-modernista, com o qual partilhará representações do mundo, irá produzir caracterizações várias da adolescência. A construção da identidade do adolescente, segundo Outeiral (2003), é uma “colcha de retalhos” composta por diversas possibilidades de identificações. As ansiedades envolvidas nas diversas situações vivenciadas no cotidiano impulsionariam o adolescente a se identificar com determinados modelos idealizados e “costurados” nessa “colcha de retalhos”. As forças identificatórias poderiam estar ora com um ídolo do esporte, da música, do cinema, ora poderia ser uma pessoa mais próxima, como um amigo ou um parente que lhe cause admiração, ora com um personagem transgressor ou mesmo fruto de uma ilusão idealizada. Entre essas múltiplas possibilidades, essa “colcha” portaria um retalho importante para a configuração da subjetividade do adolescente, que seria a estrutura paterna de identidade. O adolescente poderia circular entre os retalhos das várias possibilidades de identificações, mas tendo sempre como referência a estrutura familiar, quer

dizer, se nenhuma dessas possibilidades apresentadas na “colcha” desse certo, isto é, não lhe desse segurança para que pudesse seguir em frente, teria como possibilidade de sobrevivência o “retalho paternal”. Por fim, a identidade adulta seria formada pelo amálgama da fusão das múltiplas identificações experimentadas pelo adolescente, tendo como base o “retalho parental” como força produtora e criativa da vida.

Podemos, portanto, observar diversas formas e possibilidades de construção de identidade, não apenas uma linha organizadora. No filme/documentário de João Jardim, *“Pro dia nascer feliz”* (2010), o cineasta promove uma leitura dinâmica da realidade que permeia as escolas, nos grandes centros urbanos do Nordeste e do Sudeste. Com uma câmera, ele entra na sala de aula e nos apresenta a problemática dos alunos, na idade adolescente, perdidos entre questões pessoais e sociais. O abismo que divide as classes socioeconômicas se torna claro, quando o espectador se depara com o mosaico construído pelo cineasta. De um lado, estão os alunos pertencentes à elite, com conflitos existenciais e com a “imensa” dificuldade em conciliar exigência escolar e vida social. Por outro lado, há os marginalizados que beiram o precipício, sofrendo diante dos apelos da criminalidade, e os que batalham para simplesmente chegar à escola, como no caso dos que moram no interior do Recife.

No entanto, o que nos chama a atenção é que, em uma pequena e isolada cidade do interior nordestino, o cineasta encontra uma estudante que se descobre na poesia. Ela estuda em uma cidade próxima, porque sua cidade não oferece a série escolar que frequenta. Vai, precariamente, com um ônibus

escolar que, pela má conservação das estradas e do próprio meio de locomoção, consegue ir apenas três vezes por semana à escola. Mas ela lê Manuel Bandeira e tem um caderno próprio de poesias escritas. No final do filme, João Jardim solicita aos alunos que se reúnam para tirar uma fotografia com as pessoas que têm grande “importância” em suas vidas, ou seja, pelas quais eles tenham mais afeto. Enquanto os alunos de outras escolas e regiões reúnem os amigos mais próximos, a estudante nordestina reúne sua família, que vai desde o mais velho da estrutura familiar, seu bisavô, aos irmãos mais novos, inclusive os animais de estimação.

Há, por conseguinte, duas situações a serem observadas. A primeira é a busca de identificações fraternais nos grandes centros urbanos, ou seja, os amigos como fortes referências de segurança e estabilidade, visto que a sociedade patriarcal, na contemporaneidade, nos grandes centros urbanos, se esvaece e surgem múltiplas possibilidades de construção familiar. A segunda é a situação criada principalmente em pequenas e isoladas cidades, em que as identificações predominantes seriam ainda da família patriarcal.

Para Outeiral (2003), as questões relacionadas às perdas de vínculos passaram a se tornar muito importantes com a função paterna cada vez mais decadente nos grandes centros urbanos e as crianças trazendo, em seus relacionamentos sociais, uma experiência cultural familiar própria. A família nuclear, como célula básica da sociedade moderna, constituída pela figura do pai, mãe e filhos, perdeu sua hegemonia. Os pais passaram a ter projetos pessoais próprios, independentemente do campo familiar. O desenvolvimento tecnológico aporta muitas possibilidades para a concepção de um bebê,

abrindo, por exemplo, para as questões derivadas das famílias homo parentais. A mulher obtém, por desejo e/ou necessidade, uma definitiva inserção no mercado de trabalho, de modo que o tempo de convivência com os filhos se torna menor do que nas gerações anteriores. Berçários, creches e escolas infantis se tornam necessários para pais que “terceirizam”, cada vez mais, os cuidados parentais, transformando radicalmente as relações entre pais e filhos. Surgem novas configurações familiares, com famílias reconstituídas, com filhos de casamentos anteriores e do novo casamento. A consequência é que estamos vivendo uma crise de futuro, com o fim das sociedades utópicas, que sempre prometeram a certeza da estabilidade.

Na sociedade contemporânea, também conhecida como sociedade pós-moderna, seguir corretamente as aspirações e hábitos sociais, ainda que alicerçados na modernidade, como o estudo, o trabalho, o comportamento moral, não dá garantias de futuro. Há um estreitamento de horizontes para os jovens que, sem muitas perspectivas, ficam impossibilitados de sair da casa dos pais. Na melhor das hipóteses, o adolescente oriundo de classes mais favorecidas procura uma aceitação social, prolongando seus estudos para viabilizar sua inserção no disputado mercado de trabalho, e os de classes menos favorecidas buscam trabalhar em pequenos empregos, geralmente mal remunerados. Porém, não é o que ocorre com frequência, pois observamos, nessa faixa etária, um aumento das condutas anti-sociais, da criminalidade, do consumismo voraz. Há uma superficialidade nas relações afetivas, com a ausência de compromissos e preocupações com o outro. A presença avassaladora da televisão e dos jogos eletrônicos faz com que o jovem conviva

ativamente com personagens virtuais, interferindo na construção de sua já precária identidade.

É de consenso que, na atualidade, exista um alongamento da adolescência, sobretudo nas camadas mais favorecidas, que começa hoje bem mais cedo do que outrora e que se prolonga, invadindo o mundo adulto. Temos a adolescência tanto como período de desenvolvimento, quanto como um estilo de vida, nas sociedades urbanas contemporâneas. Para Jurandir Freire Costa (2006),

[...] a dificuldade em se falar de “juventude” é que ela própria tornou-se ícone da moral e do espetáculo. Ou seja, de condição de mudança, a “juventude” passou a ser “um objetivo de mudança”. A cultura somática é marcada pelo empenho encarniçado da maioria das pessoas em permanecer jovem para continuar “sendo e permanecendo jovem”. (COSTA, 2006, p.19).

Ao tratar dessa cultura, Outeiral (2003) a define como “adulescência”, contração de adulto com adolescência, conceituando também os *kidults*, adultos que abandonam sua posição e passam a agir de uma forma infantil, instituindo-se, então, uma confusão geracional:

Assim, poderemos considerar, fazendo uma brincadeira, de que os adultos correm o risco de se transformarem em uma espécie em extinção, assim como o tamanduá-bandeira e o boto-rosa... Observo, por exemplo, e não é raro, nas escolas, o “desaparecimento” dos adultos. A falência das funções de adulto origina, é óbvio, severos problemas ao desenvolvimento das crianças e dos adolescentes e profundas transformações nos papéis familiares. (OUTEIRAL, 2003, p.10).

Birman (2006) alerta igualmente para as transformações que estão acontecendo com a juventude, na contemporaneidade, atribuindo o sentimento de abandono e desamparo à fragilização dos relacionamentos e vínculos sociais, particularmente aqueles estabelecidos com as figuras parentais. O

autor afirma que “[...] a economia de cuidados foi então afetada de forma significativa, incidindo inequivocamente nas novas formas de subjetivação da juventude” (BIRMAN, 2006, p. 37). Ressalta, também, que a explosão da violência urbana promoveu uma restrição e um “engaiolamento espacial”, restringindo no jovem o imperativo de ir e vir, permanecendo ilhado nas escolas e nos ambientes familiares, incidindo no registro da liberdade e promovendo uma fragilização psíquica:

Privados e fragilizados pelo excesso de proteção os jovens não podem aprender a se virar. Em decorrência disso, a infantilização de sua condição se prolonga, de forma que a adolescência se arrasta além dos limites desejáveis e invade a idade adulta [...] (BIRMAN, 2006, p.39).

Birman (2006) conclui que “uma mistura explosiva” se delineia e se impõe com crueza, nesse cenário atual da juventude:

Quando a privação relativa se conjuga com a fragilização e a infantilização, declinando tudo isso no contexto social de falta de horizonte para o futuro, não deve nos espantar que as culturas das drogas e da violência se imponham como marcas da juventude hoje. Isso porque se as drogas funcionam como antídoto para o sofrimento dos jovens, pelo gozo e pela onipotência que lhes possibilitam, o exercício da violência e da agressividade em geral são as contrapartidas para a impotência juvenil nos tempos sombrios da atualidade. (BIRMAN, 2006, p.41).

Outro aspecto ressaltado por Birman (2006) é que a juventude se inscreve na cultura do espetáculo, que perpassa a cultura contemporânea:

Assim, todos querem ser celebridades e ocupar a cena midiática como protagonistas importantes e até mesmo como *pop-stars*, como contrapartida onipotente para a impotência vertiginosa em que estão lançados. (BIRMAN, 2006, p. 41).

Como vimos acima, por meio de diversos autores, a problemática da juventude na atualidade é caracterizada pela complexidade, com uma

multiplicidade de temas possíveis de serem abordados e explorados nas diversas formas em que são apresentados.

A adolescência não se conecta apenas a um momento particular do estado de desenvolvimento de um corpo: mantém conexões profundas com certas formas de sociabilidade, de organização social, de vinculações afetivas, com a espacialização da cidade, com a vida urbana, com as produções culturais, com as instituições e tantos outros elementos da mundanidade.

Justo (2005) associa a ideia da adolescência, mais propriamente no século XX, ao movimento, às mudanças, às rupturas e desestruturação, que trazem como significação básica a potencialização da vida e a dinamização do sujeito e do seu mundo:

A adolescência, sobretudo no século XX, foi elevada como representante e expressão máxima da juventude, da potência, da beleza, da liberdade, do gozo, do espírito crítico e contestador, do progresso, da disposição para a mudança e de tantos outros atributos que a tornaram uma fase bastante prestigiada e cobiçada. É verdade, também, que essa fase foi vista como momento de vivência das grandes crises (afetivas, emocionais, de identidade, de valores etc.) e sofrimentos. Porém, tais crises foram consideradas positivas e construtivas já que o saldo final sempre representava um ganho e melhoria do sujeito. Aliás, a própria ideia de crise alude a movimento, mudanças, ruptura e desestruturação que, embora possam estar associadas a sofrimentos, trazem como significação básica a potencialização da vida e a dinamização do sujeito e do seu mundo. (JUSTO, 2005, p. 62).

Ao se referir às mudanças paradigmáticas da contemporaneidade, Justo (2005) assinala que a cultura da mobilidade, da flexibilidade, da efemeridade e da provisoriedade também elege o adolescente como modelo:

A ele são imputadas tais qualidades e sobre ele é que, principalmente, vão-se realizar esses desígnios da contemporaneidade e as subjetivações pertinentes. O adolescente é o protótipo do sujeito errante, sem raízes ou em processo de desenraizamento, desterritorializado, plástico, flexível, consumista (adolescência e shopping se confundem), narcisista etc. (JUSTO, 2005, p. 66).

Além disso, Justo (2005) enfatiza que o adolescente tem como uma das funções sociais a portabilidade dos germes das mudanças que processam os saltos de diferenciação de uma geração para outra, o que faz dele o porta-voz da intensificação, cada vez maior, das tendências que se despontam na contemporaneidade. Assim é que, além de itinerante, o adolescente torna-se expressão do aumento do ritmo de vida, da plasticidade e multiplicidade, constituindo-se como um sujeito móvel em todos os sentidos: não apenas possui facilidade para se deslocar no espaço geográfico, como também o faz no plano social e psicológico. A itinerância exige plasticidade afetiva, capacidade para estabelecimento de vinculações transitórias e abreviadas, para adaptações de hábitos e rotinas, para renovações de ideias e valores; enfim, exige uma maleabilidade em todos os planos da vida:

A volatilidade do sujeito expandido para além das fronteiras locais de seus assentamentos primevos, à feição do que exige a globalização, desestimula qualquer processo de produção de identidades ou de estabilização. Sem dúvida, um mundo que se apresenta móvel, caótico, fragmentado, inflacionado de signos, informação e linguagens, um mundo em constante movimento, produção e consumo que nada acaba ou completa, um mundo que interconecta os seus habitantes, deslocando-os ou inserindo-os em redes de comunicação, que os introduz em todo tipo de sistema Online, um mundo assim constituído não pode ser o lugar de personagens fixas, cristalizadas, unidirecionais nas ações, pensamentos, afetos, sentimentos e formas de expressão e comunicação. Mais do que um sujeito sedentário e sedimentário capaz de acumular, fixar, reproduzir, unificar, universalizar, o mundo contemporâneo solicita um sujeito capaz de multiplicar-se, fracionar-se, viver nomademente no plano intelectual, afetivo e social, um sujeito que não pare, mas que continue deslizando constantemente por espaços e tempos indefinidos. (JUSTO, 2001, p. 73).

Esse mundo, que exige da juventude uma atitude rápida e potencializada, uma disposição para enfrentamentos, mudanças e revoluções, é paradoxalmente o mesmo mundo que despontecializa, promove, como já

assinalado, uma fragilização psíquica, tendo como uma das principais manifestações sintomáticas o tédio.

CAPÍTULO 5

ADOLESCÊNCIA, TÉDIO E CONTEMPORANEIDADE

Há bastante controvérsia sobre as subjetividades descritas na atualidade, principalmente quando se discute se seriam ou não resultado de novos processos psicológicos ou se seriam sintomas substancialmente diferentes daqueles de outros tempos recentes, como a histeria, a neurose obsessiva, as fobias e assim por diante.

Novas denominações surgem, tais como pânico, transtorno bipolar, *borderline*, TDAH, *stress*, *Síndrome de Bournout* e outras, descrevendo sintomatologias específicas ou subjetivações tidas como transtornos psicológicos ou sofrimento psíquico típicas da atualidade. No entanto, há quem entenda que tais subjetividades são apenas roupagens novas de velhos problemas e estruturas psicológicas, e quem, diferentemente, acredita que são formas outras de funcionamento psicológico decorrentes das condições inéditas de vida dadas na atualidade ou dos modos de vida e de subjetivação próprios da pós-modernidade.

Não é nosso propósito discutir aqui essa questão, mas não podemos deixar de pontuar que boa parte do que se descreve hoje como quadros de sintomas ou de sofrimento psíquico emergentes aludem claramente à aceleração do tempo e à trajetividade humana no espaço, como é o caso do TDAH, *stress*, *bournoaut* e *borderline*.

No caso do tédio, não temos dúvida em relacioná-lo às experiências contemporâneas do tempo, da velocidade, do ritmo acelerado da vida. Embora

suas manifestações fossem bem conhecidas, pelo menos, no período áureo da modernidade, no século XIX, é na pós-modernidade ou na sociedade hipercinética da atualidade que ele se finca como uma subjetividade típica.

Tomaremos a adolescência e a juventude como subjetividades nas quais o tédio se infiltra com mais facilidade e se torna mais visível, porque a adolescência e os jovens, de maneira geral, são portadores privilegiados das tendências de uma cultura, de uma sociedade, de um tempo determinado. São formados e arrastados pelas correntes mais fortes e hegemônicas que se fincam num determinado tempo e lugar. Ainda que em outras etapas da vida as ressonâncias de um dado momento histórico sejam também efetivas, é entre os mais jovens que se fazem de modo mais intenso e virulento. Por isso mesmo tomaremos as manifestações atuais do tédio na adolescência.

As gerações adolescentes do mundo atual são multifacetadas e respondem diferentemente aos excessos de estímulos ou, ainda, à falta deles. Se, por um lado, podemos observar a agitação dos jovens no cenário das cidades, como mostram as baladas, festas *raves*, os encontros ruidosos em certos pontos das ruas, por outro lado, são muitas as preocupações com condutas de acomodação e paralisação do curso da vida, no âmbito do trabalho, dos estudos, do estilo de vida e, sobretudo, no clássico âmbito da crítica e insurgência social que lhes eram típicas.

A imobilização do jovem já está sendo assinalada com preocupação pela imprensa mundial. Na Espanha, em artigo do jornal *El País*, a socióloga Elena Rodriguez salienta:

¿Ha surgido una generación apática, desvitalizada, indolente, mecida en el confort familiar? Los sociólogos detectan la aparición de un modelo de actitud adolescente y juvenil: la de los *ni-ni*, caracterizada por el simultáneo rechazo a estudiar y a trabajar. "Ese comportamiento emergente es sintomático, ya que hasta ahora se sobrentendía que si no querías estudiar te ponías a trabajar. Me pregunto qué proyecto de futuro puede haber detrás de esta postura", señala Elena Rodríguez, socióloga del Instituto de la Juventud. (BARBERÍA, 2009).

Entretanto, a geração *ni-ni* não se limita à Espanha, apresentando-se em tantos outros lugares, com diferentes roupagens, porém, com a mesma atitude entediante. No Brasil, já se define a geração *nem-nem* (*nem* trabalha, *nem* estuda). Essa geração "*nem-nem*"*, de acordo com a *Folha de S. Paulo* (2010), representa uma parcela crescente dos jovens de 18 a 20 anos. Eram 22,5% dessa faixa etária, em 2001, e 24,1% em 2009 (o equivalente a 2,4 milhões de pessoas). Poderíamos inferir que não somente a adolescência seria o reflexo imediato da produção de sentidos decorrentes da contração do espaço/tempo na atualidade, como também o prolongamento dela. Temos os *adultescentes* brasileiros, os *mammonis* italianos e os *kidults* ingleses, assim como tantas outras denominações para designar um mesmo processo dinâmico.

É possível, ainda, observar oscilações de postura, como aquela à qual alude um periódico espanhol. De acordo com o jornal espanhol *El Mundo*, edição de 07 de abril de 2011, sob o título "La generación 'nini' clama por cambios", os jovens espanhóis saíram à rua. Durante várias horas, ouviram-se revoltas contra o governo pelas ruas espanholas. O protesto era em relação às incertezas, à falta de garantias do futuro, mesmo para quem frequenta universidades. O movimento da juventude se autointitula "Juventude sem

* Expressão que sugere metaforicamente o sentido de "nenê" ou "bebê".

futuro”, num claro protesto contra o rótulo de “geração ni-ni”, até então tida como um dos grande exemplos da juventude entediada.

Em outra reportagem, do dia 22 de abril de 2011, *El Mundo* enfatiza outra notícia: “Un juez ordena a un joven 'ni-ni' que abandone la casa de sus padres”. O juiz da cidade de Málaga ordena que um filho, que não estuda nem trabalha, deixe a casa dos pais, já que tem idade suficiente para se manter. O jovem solicitava uma pensão mensal aos pais. O destaque é para o jornalista que caracteriza a atitude do jovem como típica da geração ni-ni:

Un juez ha decretado que un joven 'ni-ni' de Málaga deberá abandonar en el plazo de un mes la vivienda en la que reside actualmente con sus padres. El joven, de 25 años y que no estudia ni trabaja, demandó a sus progenitores porque **se negaban a darle una paga mensual**. Eso, a pesar de que eran ellos los que abonaban la letra de su coche. Sin embargo, la sentencia del juez le ha dejado boquiabierto, ya que no sólo sus padres no tendrán que pagarle la cantidad que él pedía, sino que **tiene un mes para irse de casa** [...] En la sentencia se establece que el chico puede vivir por su cuenta, ya que **tiene edad suficiente para trabajar** y además posee conocimientos y habilidades en el sector bursátil. (*El Mundo*, 2011)⁵.

Vários periódicos italianos mostram, com preocupação, o aumento de jovens que não estudam nem trabalham, na Itália. O ISTAT, Italian National Institute of Statistics, coloca a Itália como o país da União Europeia que tem o maior número de jovens desocupados que ainda moram com os pais. O ISTAT afirma que 21,2 % de italianos entre 15 e 29 anos têm uma situação conhecida como NEET: *né lavora né studia si formazione*, popularmente conhecidos como *mammonis ou bamboccionis*. Com o título “Generazione NEET: quelli che né

⁵ Um juiz decidiu que um jovem "ni-ni", de Málaga, deve sair dentro do prazo de um mês da casa em que atualmente reside com seus pais. O jovem de 25 anos e que não estuda nem trabalha processou seus pais, porque eles se recusaram a dar uma pensão mensal. Isso, apesar de serem eles que pagavam a licença de seu carro. No entanto, a decisão do juiz o deixou sem fala, já que não só seus pais não terão que pagar a quantia que ele pediu, mas também tem um mês para sair de casa [...] A sentença estabelece que ele pode viver por conta própria e que tem idade suficiente para trabalhar e também tem conhecimentos e habilidades no mercado financeiro.

studiano né lavorano”, o periódico italiano *Mainfatti*, em sua edição de 21 de dezembro de 2010, escreve:

Circa 2 milioni di italiani tra i 15 e i 29 anni non lavora e non studia. E' questo il dato più impressionante che viene evidenziato nel "primo Rapporto sulla coesione sociale" riferito all'anno 2010 frutto della collaborazione tra l'Istituto nazionale della previdenza sociale (INPS), l'Istituto nazionale di statistica (Istat) e il Ministero del lavoro e delle politiche sociali che "hanno deciso di integrare le informazioni in loro possesso per fornire un quadro integrato degli aspetti che riguardano la coesione sociale", come si legge nell'incipit della presentazione.⁶

A revista eletrônica italiana *Magazine líquida*, em sua edição de 22 de janeiro de 2010, garante que não há dúvidas de que o contexto sociopolítico não ajuda a todos: frequentar as universidades, Mestrado, Doutorado não é garantia de independência financeira, entretanto, não se pode negar que ficar na casa dos pais é mais fácil: “[...] todos nós somos mimados, refeições prontas, camisas passadas, carinho e abraços assegurados, sem taxas...”

Non c'è dubbio che il contesto socio-politico non li aiuta affatto: il lavoro è poco, e allora, per avere una marcia in più, spesso si mette tutto l'impegno in università, dottorati, master, tirocini, corsi di specializzazione [...] ed ecco che, improvvisamente, ci si sveglia una mattina, a 40 anni, ancora sotto al tetto dei genitori perché **con 1000 euro mensili (spesso anche meno) non c'è una sola chance di essere autonomi**

In realtà, non è il dato in sé a creare scompiglio (non è certo una novità), ma ciò che più fa riflettere sono le cause che hanno condotto a tale scenario. Da una parte, inutile negarlo, restare a casa di mamma e papà è comodo: siamo viziati in tutto, pasti pronti, camicie stirate, affetto e coccole assicurate, nessuna spesa...⁷

⁶ Cerca de 2 milhões de italianos entre os 15 e 29 anos não trabalham nem estudam. E este é o mais impressionante dado, que é destacado no "primeiro relatório sobre a coesão social", referente ao ano de 2010, com a colaboração do Instituto Nacional da Previdência Social (INPS), o Instituto Nacional de Estatística (Istat) e do Ministério do Trabalho e Políticas Sociais, que "[...] decidiram integrar as informações que têm para fornecer uma visão integrada dos aspectos que dizem respeito à coesão social".

⁷ Não há dúvida de que o contexto sociopolítico não ajuda a todos: o trabalho é escasso, mesmo tendo uma vantagem, mesmo com todo o esforço na universidade, Doutorado, Mestrado, cursos de formação, especialização [...] e, de repente, você acorda numa manhã, aos 40 anos, ainda sob o teto dos pais, porque, com 1000 euros por mês, existe uma pequena chance de ser autônomo.

Na realidade, não são os dados em si que geram essa confusão (não é nada de novo), mas o que é mais preocupante são as causas que levaram a esse cenário. Por um lado, não pode

. Para aquecer ainda mais a atmosfera gerada pela inanição dos *mammonis*, a revista, num claro gesto irônico e provocativo, faz menção ao descontentamento da população feminina, cujas integrantes reclamam de seus namorados por serem muito apegados à família, e cita as declarações da sexy atriz italiana Caterina Murino:

Preferisco Parigi a Roma perché c'è più austerità, pulizia, eleganza, civiltà e ordine. Sicuramente i francesi sono più galanti degli italiani nell'approccio con le donne. E anche meno problematici, in genere hanno risolto il rapporto di dipendenza dalla mamma, cosa che non si può dire dei nostri.^{8 9}

O fenômeno dessa geração de adolescentes inativos não é circunscrito a lugares específicos. Cada vez mais podemos observar que abrange vários países. Em Portugal, por exemplo, temos a “geração rasca”. Geração rasca foi uma expressão usada pelo jornalista Vicente Jorge Silva, em 1994, num editorial do jornal público, durante as manifestações estudantis contra a então Ministra da Educação, Manuela Ferreira Leite. Os estudantes protestavam, em particular, pelo aumento das propinas (mensalidades escolares). A expressão

negar isso, ficar em casa da mãe e do pai é fácil: todos nós somos mimados, refeições prontas, camisas passadas, carinho e abraços assegurados, sem taxas [...]”

⁸ "Eu prefiro Paris a Roma porque há mais austeridade, limpeza, elegância, civilização e ordem. Certamente os franceses são mais corajosos que os italianos, na abordagem das mulheres. E muito menos problemáticos, geralmente têm resolvido o rário da dependência da mãe, o que não pode ser dito de nós! "

⁹ Frente à impotência dos *mammonis* italianos, incapazes de qualquer tipo de confrontação e sem coragem de rebelar-se contra o pai, não poderíamos deixar de nos lembrar de Freud, em “Totem e Tabu” [...]: Seria Silvio Berlusconi*, o pai primevo de uma horda selvagem, à qual se submetem ao poder despótico de um macho que se apropria das fêmeas?

* Silvio Berlusconi, 75 anos, é um empresário e político italiano atual presidente do Conselho de Ministros (Primeiro Ministro) da Itália, tem o controle dos principais meios de comunicação e é presidente do A.C. Milan. A revista *Forbes* o cita como a segunda pessoa mais rica da Itália, tem sido acusado diversas vezes de corrupção, ligações com a máfia, e é objeto de inúmeros processos legais. Está sempre protagonizando escândalos, por participar de festas com jovens garotas.

provocou muitas críticas e tornou-se mais tarde um símbolo de contestação e rivalização de valores entre gerações. Dezesete anos após, há insistentes protestos dos jovens portugueses indignados pela desqualificação que o termo promove e contra-atacaram com “geração à rasca”. Não é nosso propósito aprofundar a observação aos fatores socioeconômicos envolvidos nas questões referentes à crise de futuro dos adolescentes, pois sabemos que, apesar da relevância, existem particularidades envolvidas em cada região do planeta.

A despeito de, insistentemente, a imprensa portuguesa vincular a inanição, a apatia, o tédio, a questões quase que exclusivamente socioeconômicas, alguns pais se revoltam pelas atitudes dos filhos e relacionam a falta de projetos dos adolescentes à desmotivação causada por uma superproteção, seja por parte da sociedade, seja por parte deles próprios. Prova disso é a carta publicada no *site Portal da geração à rasca*, em 07 de maio de 2011, como sendo de Mia Couto, mas desmentida depois pelo autor. Transcrevemos a carta, a seguir; esta configura em grande parte o que já foi pontuado anteriormente:

Geração à Rasca: A Nossa Culpa

Um dia, isto tinha de acontecer. Existe uma geração à rasca? Existe mais do que uma! Certamente!

Está à rasca a geração dos pais que educaram os seus meninos numa abastança caprichosa, protegendo-os de dificuldades e escondendo-lhes as agruras da vida. Está à rasca a geração dos filhos que nunca foram ensinados a lidar com frustrações. A ironia de tudo isto é que os jovens que agora se dizem (e também estão) à rasca são os que mais tiveram tudo. Nunca nenhuma geração foi como esta, tão privilegiada na sua infância e na sua adolescência. E nunca a sociedade exigiu tão pouco aos seus jovens como lhes tem sido exigido nos últimos anos.

Deslumbradas com a melhoria significativa das condições de vida, a minha geração e as seguintes (actualmente entre os 30 e os 50 anos)

vingaram-se das dificuldades em que foram criadas, no antes ou no pós 1974, e quiseram dar aos seus filhos o melhor. Ansiosos por sublimar as suas próprias frustrações, os pais investiram nos seus descendentes: proporcionaram-lhes os estudos que fazem deles a geração mais qualificada de sempre (já lá vamos...), mas também lhes deram uma vida desafogada, mimos e mordomias, entradas nos locais de diversão, cartas de condução e 1º automóvel, depósitos de combustível cheios, dinheiro no bolso para que nada lhes faltasse. Mesmo quando as expectativas de primeiro emprego saíram goradas, a família continuou presente, a garantir aos filhos cama, mesa e roupa lavada. Durante anos, acreditaram estes pais e estas mães estar a fazer o melhor; o dinheiro ia chegando para comprar (quase) tudo, quantas vezes em substituição de princípios e de uma educação para a qual não havia tempo, já que ele era todo para o trabalho, garante do ordenado com que se compra (quase) tudo. E éramos (quase) todos felizes.

Depois, veio a crise, o aumento do custo de vida, o desemprego... A vaquinha emagreceu, feneceu, secou.

Foi então que os pais ficaram à rasca. Os pais à rasca não vão a um concerto, mas os seus rebentos enchem Pavilhões Atlânticos e festivais de música e bares e discotecas onde não se entra à borla nem se consome fiado. Os pais à rasca deixaram de ir ao restaurante, para poderem continuar a pagar restaurante aos filhos, num país onde uma festa de aniversário de adolescente que se preza é no restaurante e vedada a pais. São pais que contam os cêntimos para pagar à rasca as contas da água e da luz e do resto, e que abdicam dos seus pequenos prazeres para que os filhos não prescindam da internet de banda larga a alta velocidade, nem dos qualquer coisa phones ou pads, sempre de última geração. São estes pais mesmo à rasca, que já não aguentam, que começam a ter de dizer “não”. É um “não” que nunca ensinaram os filhos a ouvir, e que por isso eles não suportam, nem compreendem, porque eles têm direitos, porque eles têm necessidades, porque eles têm expectativas, porque lhes disseram que eles são muito bons e eles querem, e querem, querem o que já ninguém lhes pode dar!

A sociedade colhe assim hoje os frutos do que semeou durante pelo menos duas décadas.

Eis agora uma geração de pais impotentes e frustrados. Eis agora uma geração jovem altamente qualificada, que andou muito por escolas e universidades, mas que estudou pouco e que aprendeu e sabe na proporção do que estudou. Uma geração que coleciona diplomas com que o país lhes alimenta o ego insuflado, mas que são uma ilusão, pois correspondem a pouco conhecimento teórico e a duvidosa capacidade operacional. Eis uma geração que vai a toda a parte, mas que não sabe estar em sítio nenhum. Uma geração que tem acesso a informação sem que isso signifique que é informada; uma geração dotada de trôpegas competências de leitura e interpretação da realidade em que se insere. Eis uma geração habituada a comunicar por abreviaturas e frustrada por não poder abreviar do mesmo modo o caminho para o sucesso. Uma geração que deseja saltar as etapas da ascensão social à mesma velocidade que queimou etapas de crescimento. Uma geração que distingue mal a diferença entre emprego e trabalho, ambicionando mais aquele do que este, num tempo em que nem um nem outro abundam. Eis uma geração que, de repente, se apercebeu que não manda no mundo como mandou nos pais e que agora quer ditar regras à sociedade como as foi ditando à escola, alarvemente e sem maneiras. Eis uma

geração tão habituada ao muito e ao supérfluo que o pouco não lhe chega e o acessório se lhe tornou indispensável. Eis uma geração consumista, insaciável e completamente desorientada. Eis uma geração preparadinha para ser arrastada, para servir desmontada a quem é exímio na arte de cavalgar demagogicamente sobre o desespero alheio.

Há talento e cultura e capacidade e competência e solidariedade e inteligência nesta geração? Claro que há. Conheço uns bons e valentes punhados de exemplos! Os jovens que detêm estas capacidades-características não encaixam no retrato colectivo, pouco se identificam com os seus contemporâneos, e nem são esses que se queixam assim (embora estejam à rasca, como todos nós). Chego a ter a impressão de que, se alguns jovens mais inflamados pudessem, atirariam ao tapete os seus contemporâneos que trabalham bem, os que são empreendedores, os que conseguem bons resultados académicos, porque, que inveja!, que chatices!, são betinhos, cromos que só estorvam os outros (como se viu no último Prós e Contras) e, oh, injustiça!, já estão a ser capazes de abarbarar bons ordenados e a subir na vida.

E nós, os mais velhos, estaremos em vias de ser caçados à entrada dos nossos locais de trabalho, para deixarmos livres os invejados lugares a que alguns acham ter direito e que pelos vistos – e a acreditar no que ultimamente ouvimos de algumas almas – ocupamos injusta, imerecida e indevidamente?!!!

Novos e velhos, todos estamos à rasca. Apesar do tom desta minha prosa, o que eu tenho mesmo é pena destes jovens.

Tudo o que atrás escrevi serve apenas para demonstrar a minha firme convicção de que a culpa não é deles. A culpa de tudo isto é nossa, que não soubemos formar nem educar, nem fazer melhor, mas é uma culpa que morre solteira, porque é de todos, e a sociedade não consegue, não quer, não pode assumi-la. Curiosamente, não é desta culpa maior que os jovens agora nos acusam. Haverá mais triste prova do nosso falhanço? Pode ser que tudo isto não passe de alarmismo, de um exagero meu, de uma generalização injusta. Pode ser que nada/ninguém seja assim.

Na Inglaterra, temos os *kidults*. É a contração de kid + adult. É o adulto que não quer crescer (ou pelo menos agir como um adulto) e, ao invés, prefere personagens do mundo infantil, como desenhos animados, brinquedos, histórias em quadrinhos, filmes da Disney. Nasceram há bem mais de 20 anos, mas mantêm o quarto cheio de miniaturas de carros e Barbies. Jogam *videogame*, andam de *skate*, colecionam bichos de pelúcia e, se pudessem, brincariam para sempre. São os Peter Pans modernos. E gostariam de ficar na

Terra do Nunca para sempre. O termo, inclusive, já faz parte de alguns dicionários da língua inglesa. Assim o define o *Urban Dictionary*:

A so-called grown-up who doesn't want to grow up (or at least act like an adult) and would instead prefer so-called "children's" stuff for entertainment, like cartoons, toys, comic books, Disney movies, etc. He or she also enjoys colorful "kiddie" snacks like breakfast cereal and Spaghetti-O's and dresses like a teenager or perhaps younger. May or may not be great parents as well as being able to take on adult responsibilities. Not necessarily too immature at least in the public. Not to be confused with geeks or nerds either, of course!

Also known as "Peter Pan", "young at heart", and "kid at heart".

I'm almost 35 and I love Neopets, Archie comics, children's books, etc. So this makes me a kidult, heh.¹⁰

Todavia, outra manifestação, talvez a mais contundente no momento atual e que retrata a falta ou negação de desejo e de estímulos, é a insurgente “tribo dos assexuados”. Um assexuado é alguém que não sente atração sexual. Ao contrário do celibato, que as pessoas escolhem, a assexualidade é assumida e celebrada como uma parte própria do indivíduo. São homens e mulheres de todas as idades, perfeitamente capazes de fazer sexo, mas sem nenhum apreço pela relação sexual e que, com o apoio da AVEN (Asexual Visibility and Education Network), rede que luta pela visibilidade dos assexuados no mundo, conseguiram se unir para levantar a bandeira da abstinência e lutar para que a assexualidade seja reconhecida como uma

¹⁰ É chamado o adulto que não quer crescer (ou pelo menos agir como um adulto) e, ao invés, prefere os objetos de entretenimento infantil, como desenhos animados, brinquedos, histórias em quadrinhos, filmes da Disney etc. Ele ou ela também gostam de coloridos "kiddie" snacks, como cereais matinais e Spaghetti-O e se vestem como um adolescente ou talvez mais jovens. Podem ou não ser ótimos pais, bem como ser capaz de assumir responsabilidades de adultos. Não necessariamente são muito imaturos, pelo menos em público. Não deve ser confundido com geeks ou nerds também, é claro!

Também conhecido como "Peter Pan", "jovens de coração" e "miúdo no coração". Tenho quase 35 e eu amo Neopets, Archie comics, livros infantis etc. Então, isso me faz um kidult, heh.

quarta orientação sexual (além de heteros, homos e bissexuais). A AVEN define os assexuados em seu *site* (<http://www.asexuality.org>):

An asexual is someone who does not experience sexual attraction. Unlike celibacy, which people choose, asexuality is an intrinsic part of who we are. Asexuality does not make our lives any worse or any better, we just face a different set of challenges than most sexual people. There is considerable diversity among the asexual community; each asexual person experiences things like relationships, attraction, and arousal somewhat differently. Asexuality is just beginning to be the subject of scientific research¹¹.

Se pensarmos nos protestos das mulheres italianas, quando se referem à atitude passiva dos homens que se instalam confortavelmente nas casas paternas, nos *kidults* ingleses, que se divertem com seus *videogames* e *skates* e, recentemente, a tribo dos assexuados, o que antes não passaria de ficção poderia se tornar realidade, se levarmos em conta o pós-humano e a fusão homem-máquina, carbono/silício. Referimo-nos, aqui, ao artigo da revista americana *New Scientist*, que, em 2001, noticiou a fabricação de um implante eletrônico capaz de produzir orgasmos nas mulheres – sem o ato sexual (SANTOS, 2003, p. 59).

Se considerarmos também o narcísico e entediante isolamento dos *ni-ni*, *mammonis*, *kidults*, poderíamos compreender as diversas formas de satisfação de instintos através de salas de bate-papos virtuais, *sítes* de relacionamentos, sexo virtual, artigos de *sex-shop* informatizado e muitas outras maneiras mais de realização de necessidades. O que antes eram artigos empregados como

¹¹ Um assexual é alguém que não sente atração sexual. Ao contrário do celibato, que as pessoas escolhem, a assexualidade é uma parte intrínseca de quem somos. Assexualidade não torna nossa vida melhor ou pior, acabamos por enfrentar um conjunto de diferentes desafios do que a maioria das pessoas sexuadas. Há uma diversidade considerável entre a comunidade assexuada; cada pessoa assexuada experiencia coisas como relacionamentos, atração, excitação um pouco diferentes. Assexualidade está apenas começando a ser objeto de investigação científica.

fetichismo e que complementavam a relação sexual de um casal, hoje faz parte de uma relação narcísica autoerótica. Aludimos à satisfação de instintos e necessidades, e não à satisfação de desejos. Situações bem próximas ao narcisismo primário, na qual, ainda, o indivíduo não consegue reconhecer a presença do Outro.

No Brasil, a situação desse jovem já nos é bastante comum, mas a apatia e o tédio podem se apresentar com diferentes roupagens. A forma de contestação brasileira pode, muitas vezes, ser mais contundente, pois, pelas próprias condições socioeconômicas já referidas, há fissuras importantes na estruturação da personalidade, levando a comportamentos antissociais, criminalidade, abuso de drogas. Há um *continuum* de manifestações que pode ir do tédio à delinquência.

Outeiral (2003) escreve que a dificuldade de entendermos nossos jovens perpassa pelas aceleradas mudanças paradigmáticas. Tanto os pais como a escola vivenciaram o paradigma da modernidade, de estabilidade e solidez, e os jovens já estão se constituindo na pós-modernidade, na velocidade, na liquidez. Ironicamente, o autor define a escola atual como “escola velha e bolorenta”.

Em nossa clínica cotidiana, temos observado os sintomas de tédio na adolescência. A apatia, a falta de perspectiva, falta de projetos são as queixas predominantes, em nosso trabalho com adolescentes. Os pais levam seus filhos à consulta psiquiátrica geralmente encaminhados por professores, psicopedagogos e psicólogos, para tratamento de Depressão ou TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade –, pois apresentam

dificuldade em se concentrar, baixo rendimento escolar, dificuldade em fixar a atenção, desânimo e falta de projetos para o futuro. A grande maioria desses jovens quer trilhar um caminho mais curto, sem sofrimento e, claramente, no princípio do prazer definido por Freud. Seguindo os desejos paternos de que necessitam “frequentar um curso superior”, querem se matricular em faculdades e universidades que não exigem dos alunos o mínimo necessário para uma formação profissional, de preferência, sem se submeterem a exames de seleção. Entram em cena os psicofármacos, principalmente os antidepressivos e o metilfenidato – a “geração Ritalina”.

Esses adolescentes já chegam à consulta médica querendo algo que os “anime”. Logo, já pontuam que não adianta prescrever antidepressivos, porque já foram medicados com fluoxetina, sertralina, que suspenderam por vontade própria, pois “não resolveram nada, não fizeram efeito”. As consultas são entediantes: o tédio é avassalador e impregna a relação. Não há embates, nem mesmo o silêncio como forma de protesto. Há necessidade e não desejo. Não são seres desejantes e, sim, necessitados. Necessitados de referências, necessitados de suportes egoicos, necessitados até mesmo de serem “alimentados e cuidados como bebês”. As necessidades são primárias, narcísicas ou duais, como ocorre na relação mãe/bebê; ainda não atingiram a situação triangular definida por Freud: a interdição paterna, o princípio de realidade, fundante do sujeito reprimido da modernidade. As perguntas são infantilizadas e regressivas, já que não vieram para consulta ou terapia espontaneamente. É nítido que apresentam uma frágil estruturação psicossocial. São jovens que foram se constituindo através de *internet*, com

relações de amizade frágeis, narcisistas. Os antidepressivos são ineficazes, porque não há uma doença depressiva, há o tédio.

Porém, é interessante notar que esse mesmo jovem, na frente de um computador, se transforma. A velocidade com que “tecla”, “linka” impressiona. O tédio desaparece. Passa a se comunicar com inúmeros amigos aceleradamente e, para isso, fragmenta frases e palavras. Seria uma forma de vinculação humana ou pós-humana? Estão se constituindo novas formas de subjetivação? Só o tempo é que dirá...

Voltando aos nossos pacientes/adolescentes que nos sugerem o uso de algum tipo de medicamento que “os anime”, que os deixe “mais ligados”, já, de imediato, eles descartam qualquer outro tipo de abordagem que não seja o uso de estimulantes. Aparecem com a prescrição pronta: Ritalina¹². Relatam-nos sintomas claramente de tédio, queixam-nos de que recebem “muitas informações” e muitas cobranças dos pais.

Relato de um caso

C. é um paciente de 17 anos, vem de uma família bem estruturada e recentemente nos procurou para consulta. Ele estava preocupado por não conseguir acompanhar o cursinho pré-vestibular na capital do Estado em que mora. No Ensino Fundamental e Médio, morava no interior, era o melhor aluno da classe, sempre com as melhores notas, com projetos de frequentar

¹² Ritalina, nome comercial do metilfenidato. Existe outro nome comercial para o metilfenidato, mas o uso do nome Ritalina já se popularizou e está sendo usado pelos órgãos de imprensa como sinônimo e não como nome comercial.

Medicina nas melhores universidades do Brasil. Ele mesmo escolheu o que considerou o melhor curso pré-vestibular, mas, segundo ele mesmo, após alguns meses, “paralisou”. Ele nos relata o seguinte:

Não tenho tristeza, não é depressão, na verdade não sinto nada. Não consigo me concentrar em nada. Tudo ficou sem sentido. Não quero voltar para casa de meus pais. Acho que quero ficar aqui, quieto, sem fazer nada, mas preciso estudar. Quando cheguei aqui, estranhei. Tudo era muito rápido. O trânsito, as aulas, o movimento da rua. Cheguei e entrei nesse ritmo acelerado, corri como todos daqui correm: na rua, na aula, nos estudos, mas percebi que não estava sendo a pessoa que eu era. É muita pressão. As aulas não são difíceis de acompanhar, mas fico no mundo da lua. O coordenador do curso, que também é psicólogo, me disse que é muito comum acontecer isso com os que chegam aqui do interior. Os daqui já são mais acostumados. Me orientou a procurar um médico, para que tomasse algum tipo de medicação, e chegou a falar da Ritalina. Procurei um psiquiatra e ele me deu antidepressivos, pois disse que era depressão. Ele já trocou a medicação duas vezes e não aconteceu nada. Continuo com os mesmas sensações. Dentro da sala de aula há Ritalina para vender no câmbio negro. Muitos tomam. Entrei na *internet* e acho que tenho deficit de atenção e gostaria de usar essa medicação.

Relato aqui o caso de C., contudo, ele é apenas um entre muitos adolescentes que nos procuram. C., claramente, não tem o que a Psiquiatria chama de TDAH (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade) e medica com o metilfenidato. Se é correto ou não o uso desse medicamento para o TDAH, não entraremos nessa discussão, por não fazer parte de nosso trabalho. A inércia de C. não é também por depressão. C. está entediado. O excesso de estímulos paralisou, despontecializou. Enfraqueceu seus projetos e suas perspectivas de futuro.

Abrindo um parêntese, é interessante a observação que o psicanalista inglês Donald W. Winnicott faz sobre o tédio: Masud Khan escreve que, em janeiro de 1971, um grupo de pastores anglicanos pediu a Winnicott uma orientação para que soubessem quando uma pessoa que os procurasse para

pedir ajuda deveria ser encaminhada para tratamento psiquiátrico, por estar doente, ou se a ajuda espiritual seria suficiente. Winnicott respondeu:

[...] se uma pessoa vem falar com você e, ao ouvi-la, você sente que ela o está entediando, então ela está doente e precisa de tratamento psiquiátrico. Mas se ela mantém seu interesse independentemente da gravidade do seu conflito ou sofrimento, então você pode ajudá-la. (OUTEIRAL, 2007).

Winnicott estabeleceu, assim, uma importante diferença entre “causar tédio” (*boring*) e “sentir-se entediado” (*boredom*). Para ele, então, sentir-se entediado é um estado normal, associado aos elementos próprios das tensões do desenvolvimento e dos processos maturacionais, e entediar o outro é um sintoma que necessita tratamento e costuma ser o resultado de reações às falhas importantes no desenvolvimento, que impedem as transformações psíquicas e situam-se na superficialidade e na transitoriedade.

Voltando ao nosso paciente, ele não nos causava tédio, ele se sentia entediado. A música *Socorro*, de Arnaldo Antunes e Alicia Ruiz (1998), ilustra bem as queixas de C. e de muitos adolescentes:

Socorro, não estou sentindo nada
 Nem medo, nem calor, nem fogo
 Não vai dar mais pra chorar, nem pra rir
 Socorro, alguma alma, mesmo que penada
 Me entregue suas penas
 Já não sinto amor, nem dor, já não sinto nada
 Socorro, alguém me dê um coração
 Que esse já não bate, nem apanha
 Por favor, uma emoção pequena
 Qualquer coisa
 Qualquer coisa que se sinta
 Em tantos sentimentos
 Deve ter algum que sirva
 Socorro, alguma rua que me dê sentido
 Em qualquer cruzamento, acostamento, encruzilhada
 Socorro, eu já não sinto nada, nada

Quanto ao medicamento que C. nos solicitou, cabe salientar que o metilfenidato é o psicotrópico que mais se tem usado, ultimamente, e a cada

dia há um aumento acentuado em sua prescrição. É um derivado anfetamínico e, não por acaso, é vendido somente sob prescrição médica, receituário próprio e com rígido controle da Vigilância Sanitária. Porém, todos esses cuidados não impedem que sejam vendidos no câmbio negro e adquiridos por jovens que o usam em baladas, associados a bebidas alcoólicas, assim como são também utilizados por estudantes de cursos pré-vestibulares e estudantes do último ano de Medicina, que têm pela frente a maratona dos exames de residência médica. Há, inclusive, uma pressão dos laboratórios sobre os órgãos governamentais, para abolir o rígido controle da prescrição e venda de medicamentos.

A pressão não vem apenas de professores, coordenadores, laboratórios. Ela vem de várias formas e a mais perversa é através da imprensa, como a matéria publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, no caderno de “Ciência”, do dia 21 de junho de 2009, sob o título “Cérebro Turbinado” e subtítulo “Bioeticista pede liberação de drogas para ‘doping mental’, como a Ritalina, dizendo que elas são uma extensão natural da educação”. John Harris, diretor do Instituto para Ciência, Ética e Inovação, da Universidade de Manchester, diz que é hora de abraçar o “doping mental”, é hora de “turbinar a cognição” com o uso de drogas que aumentam o desempenho cognitivo. E acrescenta que é antiético impedir que alguém use uma droga para aumentar o desempenho mental, uma vez que estaria em desvantagem em face dos que usam.

No entanto, a opinião não é exclusiva de John Harris e, a cada dia, mais pesquisadores advogam uma ampliação das indicações do uso da Ritalina. Deixam em segundo plano os efeitos que ela provoca sobre o sistema cardiocirculatório, que podem levar à morte súbita, além do potencial de abuso

– que já estamos observando, em alguns jovens –, da depressão que ocorre após a interrupção do uso, além de outros efeitos como insônia, inapetência, tonturas, entre outros tantos efeitos danosos em vários órgãos e sistemas.

Outra publicação, no mesmo jornal, igualmente no caderno de “Ciência”, do dia 05 de dezembro de 2008, escrita pelo jornalista Rafael Garcia, tem como título “Grupo de cientistas pede liberação de doping mental” e subtítulo “Manifesto discute a regulamentação de droga usada para “turbinar” a inteligência – Em pessoas saudáveis, medicamentos usados para tratar o déficit de atenção, como a Ritalina, parecem estimular a concentração”.

Seguem trechos da reportagem:

Um manifesto assinado por pesquisadores de sete universidades líderes nos EUA e no Reino Unido pede que o uso de drogas com o fim de melhorar a inteligência seja regulamentado e, eventualmente, liberado. Em artigo ontem no site da revista “Nature” (www.nature.com), os acadêmicos argumentam que é preciso disciplinar o uso que pessoas saudáveis fazem de medicamentos como a Ritalina (metilfenidato).

Concebida para tratar crianças com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção por Hiperatividade), essa droga (e outras similares) parece ter um efeito de melhora na concentração e na memória também em adultos saudáveis.

Um levantamento conduzido neste ano em universidades americanas revelou que cerca de 7% dos estudantes já fizeram uso de medicamentos desse tipo pelo menos uma vez, na tentativa de melhorarem seus desempenhos acadêmicos.

Tecnicamente, nos EUA, isso é crime, porque envolve comércio de uma droga para uso “off label” - fora do propósito original para o qual foi aprovada. Cientistas argumentam, porém, que a medida é um exagero e drogas como a Ritalina poderiam ser liberadas para “aprimoramento cognitivo”, desde que novos testes comprovem sua segurança.

“Propomos ações que vão ajudar a sociedade a aceitar os benefícios do aprimoramento, acompanhadas de pesquisa apropriada e regulamento avançado”, escrevem os cientistas. “Isso tem muito a oferecer para indivíduos e sociedade, e uma resposta apropriada por parte de todos deve incluir a disponibilização dos aprimoramentos acompanhada da gestão de riscos.”

Entre os nomes que assinam o documento estão “pesos-pesados” das neurociências, como Michael Gazzaniga, da Universidade da Califórnia em Santa Barbara, e também um jurista, Henry Greely, da Universidade de Stanford. A idéia do manifesto saiu de um seminário

promovido pela "Nature" e pela Universidade Rockefeller, de Nova York.

Caso o uso de drogas para "turbinar" o cérebro venha realmente a ser aprovado, há outras questões que devem ser discutidas, além da segurança, afirma o manifesto publicado na "Nature". Uma delas é o risco de que estudantes deixem de concorrer em pé de igualdade quando participarem de exames que envolvam inteligência. Uma pessoa que tenha se valido de uma droga poderia obter vantagem de maneira artificial, da mesma forma que um atleta dopado faz na disputa de uma competição, por exemplo.

Os cientistas apontam também o risco de mais um problema: empresários poderiam obrigar seus funcionários - de maneira direta ou indireta - a fazerem uso dessas drogas para melhorarem o rendimento.

"Clamamos por um programa de pesquisa sobre o uso e o impacto das drogas de aprimoramento cognitivo por indivíduos saudáveis", ressalta o documento.

Após a publicação da reportagem, como já esperado, houve severas críticas no meio acadêmico, nas sociedades científicas, porém, o que ressaltamos não é a eficácia ou não do psicofármaco, mas o conteúdo ideológico velado: a necessidade de formas artificiais de potencialização, de "turbinamento do cérebro" nos jovens enfastiados, enfadados, entediados, imobilizados, que não conseguem acompanhar o ritmo frenético, acelerado, do mundo atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os objetivos propostos e nossas hipóteses iniciais norteadoras da pesquisa, entendemos que é possível afirmar, primeiramente, que o mundo hipercinético da atualidade toca profundamente a subjetividade, fazendo emergir na superfície da conduta formas de ser e agir típicas, resultantes de elaborações cognitivas, emocionais e afetivas que processam a experiência de tal aceleração da vida e ampliação do espaço. Dentre as subjetivações da velocidade, no mundo contemporâneo, não temos dúvida em destacar o tédio como uma das principais e, ainda, arriscar a dizer que ele está sendo confundido com a depressão, por manter com ela uma sintomatologia semelhante, embora seja bem distinto quanto à sua gênese e dinâmica psicológica. Outro risco que precisamos assumir, por força de nossas convicções, mesmo que baseadas em indícios não suficientes para afirmações mais decisivas, é o de afirmar que, conforme sugere o tédio, a noção de trauma, que foi tão útil e iluminadora em tempos outros, já não possui o mesmo valor heurístico, porque os processos de subjetivação, na atualidade, não carregam, como outrora, a marcas de embates, contradições, conflitos ou choques brutais. O mundo atual não se funda mais na lógica do conflito e do confronto, como ocorreu com a modernidade do século XVIII até o final do século XX, e, apesar de ser um mundo supermovimentado e acelerado, por isso mesmo, potencialmente capaz de produzir colisões, desenvolve mecanismos de ordenação e controle das mobilidades extremamente sofisticados, evitando “acidentes de trânsito”, especialmente no plano do trânsito psicológico (emocional, afetivo, dos vínculos e relacionamentos). A

superadministração da vida prescreve cuidados sofisticados, orientados por sistemas peritos, que substituem o amorismo do sujeito e conhecimentos populares ou do senso comum, desenvolvendo um modo seguro de ser e existir, expresso, paradigmaticamente, no que poderíamos chamar de cultura *diet/light*. Paralelamente, o mundo que admitia ou até cultuava o sacrifício e o sofrimento cedeu lugar para um mundo que cultua o prazer, a felicidade e a frivolidade da vida. Para isso, a Farmacologia e serviços vários da Psicologia, Psiquiatria e outras ciências se prestam a combater o sofrimento e as agruras da vida, como últimos baluartes do hedonismo contemporâneo.

Há uma tendência ao esmaecimento do trauma, para seu deslocamento como experiência fundante do sujeito e do mundo. O que antes, na modernidade clássica, era visto como motor da vida, do mundo e da história caiu em descrédito, como a luta de classes, o conflito entre gerações. No plano psíquico da experiência imediata do sujeito, uma das mostras mais claras do esmaecimento do conflito diz respeito ao enfraquecimento da imago paterna, que até então funcionava como fonte primordial da interdição e, portanto, como obstáculo principal de enfrentamento para a realização do desejo. O fortalecimento da figura materna, ou seja, a figura protetora, em detrimento daquela figura adversária que coloca obstáculos, acaba por enfraquecer a constituição do sujeito e dificultar o crescimento do adolescente; a mãe superprotetora e hegemônica torna seu filho “insignificante”, para mantê-lo sob seus domínios, protegendo-o da interdição paterna. A ausência de uma figura paterna forte, que impulsionaria o filho à cultura, é substituída pela presença de um pai fraco, impotente, incapaz.

Se, na modernidade, o círculo familiar não fosse capaz de promover a apresentação do adolescente ao mundo, isto é, não fosse capaz de realizar o nascimento cultural do sujeito, com rompimento da relação dual, simbiótica materna, mediante a imposição da figura interditora do Pai, a sociedade faria esse papel por outras vias e figuras capazes de colocar limites e fazer valer a moral vigente.

O jovem era participante de organizações sociais que tinham uma base ideológica, utópica e contestadora. Poderia pertencer tanto a partidos políticos como a grupos culturais, religiosos, clubes sociais, mas tendo características predominantemente revolucionárias, contestadoras, transgressoras, necessárias para gerar revisão, autocrítica e transformação fundamentais, tanto para o desenvolvimento da sua própria personalidade, como para o aperfeiçoamento da sociedade em que ele vive (BECKER, 1985, p.9).

Ao contrário da sociedade a que se filiava, ainda que fosse como forma de enclausuramento, tendo a figura do pai como filiação primordial, na atualidade há uma tendência à desfiliação impulsionada pela lógica do descarte e da obsolescência do humano. A invasão do mundo pela tecnologia gera, inevitavelmente, um excedente humano, posto de lado e descartado. Mas o descarte mais brutal é aquele que dispensa e anula o sujeito, que prescinde das ondas de contestação e rebeldia, impondo uma avassaladora adesão e conformismo sob a ameaça de uma “aposentadoria precoce” na qual o jovem, em especial, é mantido com um sobrevivente, com um mínimo necessário, muitos sob a tutela dos pais.

Poderíamos nos perguntar como ficam os representantes das gerações *nini-ninis*, *mammonis*, *kidults*, em face dessas situações que exigiriam um

posicionamento mais combativo. Estariam à rasca, como diriam os portugueses? Pois assim pontua a carta já citada: “Geração à rasca: a nossa culpa – um dia isso tinha que acontecer”. Nunca houve geração como esta, tão privilegiada na sua infância e na sua adolescência, os jovens nunca foram ensinados a lidar com frustrações, são os que mais tiveram tudo – “os pais educaram os seus meninos numa abastança caprichosa, protegendo-os de dificuldades e escondendo-lhes as agruras da vida”. Biblicamente, temos a expressão “se não vier pelo amor, vem pela dor”, porém essa geração parece não ter vindo nem pelo amor nem pela dor, mas pela indiferença. A indiferença dos pais diante da avalanche mercadológica de satisfação de prazeres.

Portanto, o adolescente de hoje representaria o protótipo do sujeito *blasé* da atualidade, num tempo pós-traumático? Um sujeito sem marcas, sem história, que não tem mais os conflitos, sofrimentos, choques, os embates como cerne de sua constituição? Estará, então, o trauma, regido pelo princípio do conflito, norteador da modernidade clássica, do século XIX, em franco declínio na pós-modernidade? O percurso das nossas reflexões, ao longo desta pesquisa, nos leva a responder afirmativamente a todas essas questões, tomando como referência o tédio.

O tédio, para nós, é uma das principais manifestações sintomáticas da atualidade. Seria a couraça que veste o adolescente enfatiado, imobilizado pela cultura que satura; pela cultura *prêt-à-porter* (pronta entrega), que banaliza o desejo e prioriza necessidades infindáveis.

Entretanto, não somente a paralisação, através do enfraquecimento do desejo, seria a gênese do tédio adolescente contemporâneo, mas,

paradoxalmente, a velocidade, tal como observamos no caso de C., que se diz entediado pelo excesso.

Como sinalizava Simmel, já em 1903 (1995), a *intensificação da vida nervosa*, nas grandes cidades, resulta na mudança rápida e ininterrupta de impressões interiores e exteriores. A velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social, a intensidade e a alternância de estímulos, assim como uma vida desmedida de prazeres, levam o indivíduo a assumir um caráter *blasé*. Na vida do adolescente, sobre a qual recai de forma avassaladora a “nervosidade da cidade moderna” – são inúmeros os *starts* da corrida diária: comunidades virtuais várias, acessadas por redes sociais existentes na *net*, conversas e mensagens por celular que não param um segundo, cursos de todo tipo, como os pré-vestibulares, de línguas estrangeiras, de qualificação técnica e profissional, música, dança e tantos outros, práticas esportivas e de lazer para todo gosto, e assim por diante. A inflação do tempo na vida do adolescente lhe retira um tempo precioso, o tempo para digerir informações, o tempo para pensar e simbolizar as atuações frenéticas do cotidiano. No entanto, o ser humano ainda é humano. Há as emoções, a afetividade e a necessidade do tempo para “digerir” informações, elaborar, pensar sobre o vivido e, posteriormente, armazenar. Nosso cérebro ainda não é pós-humano e não possui um *hardware* de armazenamento, o qual poderíamos acessar a qualquer momento. O uso de dispositivos artificiais que promoveriam uma aceleração do cérebro ainda está dentro das utopias, na construção do homem pós-humano. A Ritalina apenas potencializa as sensações que geram o sentimento de prazer e onipotência, levando a uma falsa impressão de domínio e poder. Ao cessar o efeito do psicofármaco, há a

apatia, o tédio, pela desaceleração abrupta. A construção do conhecimento e as demais elaborações mentais exigem não somente a pulsão epistemofílica, mas também um tempo interno desacelerado.

O tédio denuncia o excesso, o fastio, as vertigens do cotidiano, sobretudo, por manifestar uma indiferença e desencanto em relação às ofertas do mundo hipercinético. Nesse sentido, poderia ser tomado como um protesto silencioso contra o excesso, cuja exaustão e superficialidade produzem o esvaziamento do sujeito e dos sentidos de viver. Toma o caminho da analgesia, da neutralização, da indiferença, da atitude *blasée*, do desligamento como recusa a girar na frenética “roda do mundo” que, contudo, se movimenta em torno de um mesmo eixo, trazendo sempre o sujeito ao mesmo lugar.

Seja como for, o que nos parece fundamental é apontar, no tédio, diferentemente da depressão e da melancolia, um processo de desaceleração subjetiva contraposta à aceleração objetiva, fundamentalmente calcada no esvaziamento do sentido das superofertas do mundo. Na depressão e melancolia, a retração com respeito ao mundo, ao contrário, manifesta a supervalorização e significância do que foi perdido, além de implicar a responsabilidade do sujeito nesse trágico acontecimento. O sujeito aqui é posto em cena, seja pelo rebaixamento de sua autoestima, seja pela culpabilização, enquanto é totalmente esmaecido na indiferença do tédio.

Nesse sentido, ainda que não possamos exaltar o tédio como uma figura de subjetivação que melhor caracterize as condições de existência na contemporaneidade, não podemos deixar de considerá-lo como um importante analisador do contemporâneo. Pela via do tédio podemos, como foi nosso propósito, apontar os efeitos da aceleração do tempo, do deslocamento e

obsolescência do sujeito, da desaceleração da produção de sentido e da própria subjetivação, que marcam as condições de existência, na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABERASTURY, A. **Adolescência**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual de Estatística e Diagnóstica de Transtornos Mentais (DSM IV TM)**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- AUGÉ, M. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.
- BARBERÌA, J. L. Generación 'ni-ni': ni estudia ni trabaja. **El País**. Edição de 22.06.2009. Disponível em: http://www.elpais.com/articulo/sociedad/Generacion/ni-ni/estudia/trabaja/elpepisoc/20090622elpepisoc_1/Tes. Acesso em: 10 jun. 2011.
- BAUDELAIRE, C. **O Spleen de Paris**. Rio de Janeiro: Relógio d'Água, 2007.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BECKER, D. **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BIRMAN, J. Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade. In: CARDOSO, M. R. et al. **Adolescentes**. São Paulo: Escuta, 2006, pg. 25-46
- BRASIL. IBGE. Instituto Nacional de Geografia e Política. **Sinopse dos resultados do censo 2010**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/>. Acesso em: 10 jun. 2010.
- CARDOSO, M. R. et al. **Adolescentes**. São Paulo: Escuta, 2006.
- CARLISKY, N.; ESKENAZI, C. K.; KIJAK, M. **Vivir sin proyecto: psicoanálisis y sociedad posmoderna**. Buenos Aires: Lúmen, 2000.
- COELHO, E. **A ecologia do crime**. Disponível em: <http://www.nossacasa.net/recomeco/0056.htm> Acesso em: 10 jun. 2011.

COSTA, J. F. Entrevista com Jurandir Freire Costa: Marta Rezende Cardoso (Org.). In: CARDOSO, M. R. et al. **Adolescentes**. São Paulo: Escuta, 2006.

CRESCER o número de jovens no Brasil que não estuda e nem trabalha. **Folha de S. Paulo**. Edição de 18.10.2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/816100-cresce-numero-de-jovens-no-brasil-que-nao-estuda-nem-trabalha.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2011.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 1997.

FREUD, S. **O Humor**. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXI

FREUD, S. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos**. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol.XXII, 2006.

FREUD, S. **Os instintos e suas vicissitudes**. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol.XIV, 2006.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HARVEY, D. **A Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1998.

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**. Rio de Janeiro; v. 17 - nº 1, p. 61-77, jan./jun. 2005

JUSTO, J. S. Criatividade no mundo contemporâneo. In: VASCONCELOS M.S. (Org.). **Criatividade**. São Paulo: Moderna, 2001.

JUSTO, J. S., ROCHA L. C. Dromologia e trabalho na contemporaneidade: o caso dos andarilhos. In: ENCONTROS DE PSICOLOGIA UNESP, XIX. **Anais...** Assis, 2006, Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia>. Acesso em: 14 fev.2009.

KEHL, M. R. **O tempo e o Cão**. São Paulo: Boitempo, 2009.

KLEIN, M. Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê. In: KLEIN, M. et al: **Os progressos da Psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. p. 216-249.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LAFER, B.; ALMEIDA, O. P.; FRÁGUAS JÚNIOR, R.; MIGUEL, E. C. **Depressão no Ciclo da Vida**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MANERA, R. Máquinas como nós? **Revista Caros Amigos** - Edição Especial: Pós-humano, o desconcertante mundo novo. São Paulo: Casa Amarela, n. 36, p. 5, ano XI, 2007.

_____. Onde vamos parar? **Revista Caros Amigos** - Edição Especial: Pós-humano, o desconcertante mundo novo. São Paulo: Casa Amarela, n. 36, p. 3, ano XI, 2007.

MARTINS, H. **Hegel, Texas e outros ensaios de teor social**. Lisboa: Século XXI, 1996.

MATOS, O. É preciso reconquistar o tempo. **Revista Caros Amigos** – Edição Especial: Pós-humano, o desconcertante mundo novo. Entrevistador: Thiago Domenici. São Paulo: Casa Amarela, n. 36, p. 12-14, ano XI, 2007

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

NOVAES, A. **Mutações**: ensaios sobre as novas configurações do mundo. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: SESC, 2008.

OLIVEIRA, A. A. A.; JUSTO, J. S. Expressões do tédio na contemporaneidade: uma análise do romance “Encontro Marcado”, de Fernando Sabino. **Revista de Psicologia**. UNESP. Assis, 2010.

OLIVEIRA, L. A. O tempo é de caos? **Revista Caros Amigos** - Edição Especial: Pós-humano, o desconcertante mundo novo. São Paulo: Casa Amarela, n. 36, p. 17-18, ano XI, 2007.

OLIVEIRA, W. F. Violência e Saúde Coletiva: contribuições teóricas das ciências sociais à discussão sobre o desvio. **Revista Saúde e Sociedade**. vol.17 nº 3. São Paulo, jul/set. 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. CID-10. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento**: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Trad. Dorgival Caetano. Porto Alegre: Artmed, 1993

OUTEIRAL, J. **Adolescer**: Estudos revisados sobre adolescência. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

_____. **Comentários sobre o tédio**. O Spleen na adolescência: sentir tédio ou ser entediante. Disponível em: www.joseouteiral.com. Acesso em: 14 mar. 2007.

PESSOA, F. **Novas Poesias Inéditas**. 1. ed. Lisboa: Ática, 1973.

PRIBERAN. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://www.priberam.pt/>
<http://www.elmundo.es/elmundo/2011/04/07/espana/1302156689.html>
http://www.elmundo.es/elmundo/2011/04/22/andalucia_malaga/1303486228.html.
 Acesso em: 08 jun. 2011.

PRIBERAM. **Dicionário da língua portuguesa online**. Disponível em: <http://www.priberam.pt/>. Acesso em: 10 jan. 2010.

QUINODOZ, J. **Ler Freud**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ROLNIK, S. Toxicômanos de Identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. et al. **Cultura e Subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papyrus, 1997, p. 19-24.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTAELLA, L. **Cultura de Mídias**. 2. ed. São Paulo: Experimento, 2000.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 12. ed. Porto: Afrontamento, 2001.

SANTOS, J. F. Ciência e ficção. **Revista Caros Amigos - Edição Especial: Pós-humano, o desconcertante mundo novo**. São Paulo: Casa Amarela, n. 36, p. 19, ano XI, 2007.

SCHNITMAN, D. et al. **Novos Paradigmas Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SIBILIA, P. **O Homem Pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida de espírito. Texto original: Die Großstädte und das Geistesleben. In: **Gesamtausgabe**. Tradução de Leopoldo Waizbort. Frankfurt: M. Suhrkamp, 1995. vol. 7. p. 116-131.

SVENDENSEN, L. **Filosofia do tédio**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2006.

TEIXEIRA, M. A. R. **A Concepção Freudiana da Melancolia**. Elementos para uma metapsicologia dos estados de mente melancólicos. 261 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

VELOSO, C. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Tropicália**. Distribuidora Philips. 1969. 1 LP/CD. Nacional.

VIRILIO, P. **Espaço Crítico**. Rio de Janeiro: Ed 34, 1993.

WINNICOTT, C. **Explorações Psicanalíticas**. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.